

O. Rara  
158

50

# POESIAS

DE

# A. GONÇALVES DIAS

OITAVA EDIÇÃO

ORGANIZADA E REVISTA

ORMA  
869.01  
6635p

POR

## J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

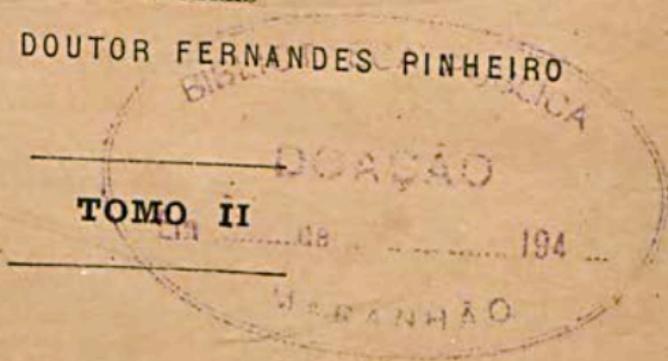
E

PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUTOR

E SUAS OBRAS

PELO CONEGO DOUTOR FERNANDES PINHEIRO

*Christina J. ...*



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

1904





# VISÕES

---

## A VISÃO

### I

#### PRODIGIO

N'aquelle instante em que vacilla a mente  
Do somno ao despertar, quando pejada  
Vem d'outros mundos de visões ethereas :  
Quando sobre a manhã surge brilhante  
A luz da madrugada, — eu vi !... nem sonhos  
Era a minha visão, real não era ;  
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe ?  
Foi capricho fallaz da phantasia,  
Ou foi certo aventar d'eras venturas ?

A ira do Senhor baixou tremenda  
Sobre uma vasta capital ! — em pedra  
Tornou-se a gente impura. Muitos homens  
Às portas ferreas, largas, vi sentados.

Melhor do que um pintor ou 'statuario  
 A morte, que de subito os colhêra  
 No ardor, no afan da vida, conservou-lhes  
 A acção — partida em meio, com tal força,  
 Que a mente seu máo grado a completava  
 Um tinha os labios entreabertos ; outro  
 Parecia sorrir ; mais longe aquelle  
 Derramava um segredo, baixo, a medo,  
 Nos ouvidos do amigo ; austero o guarda  
 Com rosto carregado e barba hirsuta,  
 Nas mãos callosas sopesava a lança.  
 Dos mercadores na comprida rua  
 Passavão muitos compradores : — este  
 Contava montes d'oiro ; — á luz aquelle  
 Expunha a seda do Indostão, de Tyro  
 A purpura brilhante, a damasquina  
 Custoso téla entretecida d'oiro.  
 Cortez sorrindo, o mercador gabava  
 As côres vivas, o tecido, o corpo  
 Do estofo que vendia. Nos serralhos  
 Era o Eunucho imperfeito ; das Mesquitas  
 Bradava á prece o Muezzin...

— N'um largo,

Fofo e vasto divan sentado, um velho  
 Os versos lia do Alcorão ; — só elle  
 D'entre tanto punir ficára illeso.

## II

### A CRUZ

Era um templo d'arabica estructura,  
 Magestoso, elegante ; — além das nuvens

Se entranhava nos céus subtil a agulha;  
 Sobre o zimborio retumbante e vasto  
 Ondas e ondas de vapor crescião.  
 Dentro corrião tres compridas naves  
 Sobre dois renques de columnas, onde  
 Baixos relevos da sagrada historia  
 Da base ao capitel se emmaranhavão.  
 Ardia a luz na alampada sagrada;  
 No sagrado instrumento o som dormia.

Junto á cruz — da fachada egregia pompa —  
 Muitos homens eu vi de torvo aspecto;  
 Muitos outros, servís, com mão armada  
 Profundos golpes entalhavão nella.  
 Um daquelles no emtanto assim fallava:

« Quando esta humilde cruz rojar por terra;  
 « Levando a crença de Jesus comsigo  
 « Nós outros, da verdade Sacerdotes,  
 « Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros  
 « Que desvendamos a impostura, o erro,  
 « A mentira sagaz a crença louca,  
 « Entrada facil da razão no templo  
 « Teremos todos; e de então no throno,  
 « Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos,  
 « Santos juizes da verdade santa,  
 « Prégaremos o justo, a paz, concordia  
 « E os seus deveres que dimanão faceis  
 « Do amor do lucro e do interesse; todos  
 « — Vassallos da razão, nossos vassallos —  
 « Um eden terreal farão do mundo. »

No emtanto aos crebros golpes do machado  
 A cruz pendia obliqua sobre a terra.

Creando novas forças com tal vista,  
 Os operarios mais frequentes golpes  
 Repetem, vibrão, continuação ; — sôa  
 Por toda a parte o echo, — o som, mais longe,  
 Retumba, morre — e novamente echôa.  
 Nisto a cruz — geme — estrala ; um grito sóbe  
 Unisono e geral!...

Como sois grande,  
 Senhor, Senhor meu Deus! — eu vi, morrendo,  
 Os obreiros cahir ; e a cruz erguer-se,  
 Como aos raios do sol a flôr mimosa  
 Que a raiva do tufão vergára insana.

### III

#### PASSAMENTO

Era um quarto espaçoso ; — alli se vião  
 Rojar no pavimento, ha pouco as sedas,  
 Ricos tapetes multicôr bordados,  
 E franjas complicadas d'um céu d'oiro  
 Pendentes, — vastos ráses narradores  
 De lenda pia ou de briosos feitos.  
 Mas de tanto luzir, de tanto ornato  
 Ora por mãos aváras depredado  
 O vasto d'área revelava aos olhos,  
 Tendo n'um canto escuro um leito apenas.  
 Do leito alguém rasgára o cortinado.  
 E da curva armação polida e bella  
 Aqui, alli, pendia a seda em fios,  
 Bem como tranças de mulher formosa  
 Por sobre o seio nú. — Alli no leito

Jazia um moribundo ; em torno os olhos  
 Cheios de pasmo e de terror volvia,  
 Bebendo pelos sôfregos ouvidos  
 Mal sentido rumor d'outro aposento.  
 Confusas vozes, altercar ruidoso,  
 E o tinir de metal ouvia apenas !  
 Então por vezes tres no leito afflicto  
 Erguer-se maquinou de raiva insana !  
 Por tres vezes cahio, gemendo, sobre  
 O leito que da queda se sentia.  
 Da morte o cru torpor nos membros frios  
 Pouco e pouco s'espalha ; mas teimoso  
 Da vida o amor debate-se nas ancias  
 Desse passo fatal...

— Eis nisto á porta  
 Um Padre assoma, — d'entre as mãos erguidas  
 Da hostia santa resplendor luzia ;  
 E palavras de paz, de amor, divinas,  
 Que nos labios do justo Deus entorna,  
 Abundantes soltava. Longos annos  
 De piedoso soffrer o corpo enfermo  
 Alquebrárão por fim ; as cãs nevadas  
 Raras tremião sobre a testa, como  
 Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho : — « Irmão, nas ancias,  
 « No extremo agonisar da morte amiga  
 « Ergue os olhos ao céu ; — do céu te venha  
 « Esse divino amor, que só lá mora,  
 « Que filtra por nossa alma, que nos deixa  
 « Mais celeste prazer, mais doce arroubo,  
 « Do que a terra sóe dar...

« Infames, trédos,

« Bufarinheiros de palavras, corvos  
 « De negro, feio agoiro, que esvoação  
 « Com grito grasnador por sobre o campo,  
 « Onde a peleja de reinar começa ;  
 « Dizes-me *tu* — a mim ! a mim que ao fóro  
 « Caminho inda hoje entre alas de clientes,  
 « Que só me visto de velludo e d'oiro,  
 « Enquanto vives de burel coberto,  
 « Co'os labios sobre o pó mordendo a terra !  
 « Dizes-me *tu* — a mim !... »

Ergueu-se,... e o corpo  
 Cahio de fraco sobre o leito ; o velho  
 No emtanto humilde orava, que alma santa  
 Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas  
 Vives de estrellas formosas,  
 Que das flôres melindrosas  
 Da terra — os anjos formaste ;  
 Jehovah, que pela agoa  
 Lustrar quizeste o Messias,  
 Que ao beato, ao santo Elias  
 Nas chammas purificaste ;

Jehovah, que a mente apuras  
 No fogo do soffrimento,  
 Que divino, alto portento  
 Déste fazer a Moisés,  
 Quando a negra rocha dura  
 Tocando co'a tenue vara,  
 Rebentou a lympha clara,  
 Lambendo-lhe mansa os pés ;

Jehovah, que eterno existe,  
Cujo ser em si se encerra,  
Que formaste o céu e a terra,  
Que te chamas — o que é (1),  
— Faz, Senhor d'altos prodigios,  
Com que a mente empedernida  
Não se aparte desta vida  
Sem sentir a santa fé.

E tu, Christo, que soffreste  
Martyrios por nosso amor,  
Tu que foste o Salvador,  
Salva-o, Senhor, por quem és.  
Dá que em palavras piedosas  
Se derrame contristado,  
Como o rochedo tocado  
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento  
Crescia mais e mais. — Do moribundo  
Os cúpidos herdeiros dividião  
Por si a vasta herança; os torvos olhos  
Ião de rosto a rosto, fusilando  
Ameaças de morte.

No emtanto o velho exanime e sem forças  
Curtia amargos transes, que avarento,  
E tendo a vida inutil presa á terra  
Com toda a força d'alma, — agora em ancias  
Sentia o halito vital fugir-lhe,  
E a terra abandonal-o.

---

(1) Ego sum qui sum.

Estuava-lhe a dôr no peito afflicto!...  
Só não chorava, que do pranto a fonte  
Jazia extincta; mas pensava triste :  
— Não tinha quem lhe cerrasse os olhos  
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo  
Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro  
Lhe pintava os seus feitos; — a vingança,  
Que tão grande prazer lhe tinha sido,  
Ora em martyrios se tornava; a chusma  
Dos homicidios seus crescia torva,  
E no leito o cercava.

Crença infantil ! dizia; loucos, cegos  
Prejuizos do vulgo; — e assim dizendo  
Os vãos phantasmas repellir buscava.  
Mas a crença infantil, os prejuizos  
Do nescio vulgo, rispido tornavão,  
Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,  
Sobre os olhos debalde as mãos cruzava,  
Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,  
E mais distinctas se pintavão n'alma  
Tambem molesta, qual se pinta o corpo  
Do espelho no polido.

E do seu passamento o caso infando  
Narrava uma após outra, sobre o peito  
Mostrando o golpe funebre e cruento;  
Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo  
Parecia sorrir ! era qual louco  
Que soffre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja  
De sobre o leito delirante ; as sombras  
Vão sobre elle, e em circulo se ordenão.  
O moribundo a esta, a aquella, a todas  
Volve o pávido rosto, no mover-se  
Progressivo, incessante.

É preso ao duro embate da vertigem,  
As mestas sombras ao redor com elle  
Fugir sentia ; o pavimento, a casa,  
Rodava rápido ; e a terra e tudo,  
Como aos soluços d'um vulcão tremendo,  
As forças lhe tolhião.

E o orgulhoso que feliz vivêra,  
Movendo a seu bom grado mil escravos,  
Querendo a terra dominar co'um gesto ;  
Ora mesquinho, solitario e louco,  
Face a face lutando com seus crimes,  
Morria impenitente.

---

#### IV

Era o vulto de um homem morto que afastando  
o sudario se hia erguer do tumulo para revelar  
alguns dos temerosos mysterios, que encerra a  
apparente quietação dos sepulchros.

O PRESBYTERO.

O negrume da noite avulta ; e cresce  
Mais feia a escuridão  
Á luz da sacra pyra que derrama  
Frouxo e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo ;  
Apenas fraco sôa  
Da torre o bronze, que a nocturna brisa  
De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria  
S'ergue e sobre outras cõe.  
Não se escuta rumor! — da campa livre  
Medroso espectro sõe.

O rosto ossificado em torno volve,  
Volve a suja caveira ;  
Do liso craneo os longos dedos varrem  
A funebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via  
Do peito nas cavernas,  
Inda sangrento lagrimas chorava  
De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,  
Ao orgão se assentou !  
Já não dormem os sons, não dormem echos..  
— O triste assim cantou :

« Onde estás, meu amor, meus encantos,  
Por quem só me pezava morrer,  
Doce encanto que á vida me prendes,  
Que inda em morto me fazes soffrer ?

« Doce amor, minha vida no mundo,  
Desse mundo em que parte serás ;  
Em que scismas, que pensas, que fazes,  
Onde estás, meu amor, onde estás ?

« Ah ! de balde na campa gelada  
Fria morte me poudes deitar !  
Foi de balde, — que eu sinto, que eu ardo ;  
Foi de balde, que eu amo a penar.

« Ah ! si eu triste no mundo pudesse  
Como outr'ora viver, respirar.....  
Não soubera dizer-te os ardores  
Que o sepulchro não poudes apagar.

« Onde estás ? — Já da morte o bafejo  
Por teu rosto divino roçou ;  
Já na campa descanças finada,  
Que o teu corpo sem vida tragou ?

« Mas a morte não poudes impiedosa  
Crua foice vibrar contra ti ;  
Ah ! tu vives, que eu sinto, que eu soffro  
Crús ardores quaes sempre soffri.

« E eu não posso o teu nome á noitinha  
Entre as folhas saudoso cantar,  
Nem seguir-te nas azas da brisa,  
Nem teu somno de sonhos doirar.

« Nem lembrar-te os queridos instantes  
Que a teu lado arroubado passei,  
Sem cuidados de incerto futuro,  
Só cuidados da vida que amei.

« Não te lembrás da noite homicida  
Em que um ferro meu peito varou,  
Quando a facil conversa de amores  
Teu marido cioso quebrou ? !

« Desde então hei penado sósinho,  
 Verte sangue meu peito — de então ;  
 Poude a morte acabar-me a existencia,  
 Mas delir-me não poude a paixão !

« Nosso adultero affecto no mundo  
 Não se acaba ; — assim quiz o Senhor !  
 Não se acaba... — qu'importa ? — hei gozado  
 Teus encantos gentis, teu amor.

« Por te amar outras fragoas soffrera,  
 Outros transes e dôr e penar ;  
 Oh ! poder que eu pudesse outra vida  
 E outro inferno soffrer por te amar ! »

Mas da aurora já raiava  
 Macio e brando clarão ;  
 Macia e branda a canção  
 Do negro espectro soava.

E medroso se collava  
 Ao orgão seu negro véo,  
 Que imiga não se ajuntava  
 Ao seu vulto a luz do céu.

Pouco a pouco se perdia  
 O negro espectro ; a canção  
 Pouco a pouco enfraquecia  
 Do dia ao tenue clarão,

Era o cantar um sódo  
 Fraco, incerto e duvidoso ;  
 Era vulto pavoroso  
 D'uma sombra vão tremido.

## V

## A MORTE

Dans sa douleur elle se trouvait mal-  
heureuse d'être immortelle.

FÉNELON.

Da aurora vinha nascendo  
O grato e bello clarão ;  
Eu sonhava ! já mais brandos  
Erão meus sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto,  
Cresceu o subtil vapor ;  
Vi formada uma belleza,  
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto  
Não se pintava o carmim ;  
Tinha um quê de cera junto .  
Á nitidez do marfim.

— Quem és tu, visão celeste,  
Bello Archanjo do Senhor?  
Respondeu-me : — Sou a Morte,  
Crú phantasma de terror !

— Ah ! lhe tornei : És a morte,  
Tão formosa e tão cruel !

— Correndo o mundo sósinha  
No meu pallido corcel (1), —

---

(1) Et ecce equus pallidus et qui sedebat super illum nomen  
fili Mors.

APOC., c. VI.

Assim dizia — « Tu julgas  
Que não tenho coração,  
Que executo os meus deveres  
Sem pezar, sem afflicção ?

— Que inda em flôr da vida arranco  
Ao joven, sem compaixão,  
Á donzella pudibunda  
Ou ao longévo ancião ?

— Oh! não, que eu soffro martyrios  
Do que faço aos mais soffrer,  
Soffro dôr de que outros morrem,  
De que eu não posso morrer ;

— Mas em parte a dôr me cura  
Um pensamento, que é meu, —  
Lembro aos humanos que a terra  
É só passagem p'ra o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos  
Para a celeste mansão ;  
Em labios que nunca orárão  
Derramo pia oração.

— É meu poder quem apura  
Os vicios que a mente encerra,  
Ao fogo da minha dôr ;  
Sou quem prendo aos céos a terra.  
Sou quem ligo a creatura  
Ao ser do seu Creador.

— Mas qu'importa ? Sem descanso  
É-me forçoso marchar,  
Abater impías frentes,  
Régias frentes decepar.

— Passar ao travez dos homens,  
 Como um vento abrasador :  
 Como entre o feno maduro  
 A foice do segador.

— E prostrar uma após outra  
 Geração e geração,  
 Como peste que só reina  
 Em meio da solidão. » —

Desponta o sol radioso  
 Entre nuvens de carmim;  
 Cessa o canto pezaroso,  
 Como córda aurea de Lyra,  
 Que se parte, que suspira  
 Dando um gemido sem fim.

---

## O VATE

NO ALBUM DE UM POETA

Moi... j'aimerai ta victoire ;  
 Pour mon cœur, ami de toute gloire,  
 Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.  
 Poëte, j'eus toujours un chant pour les poëtes,  
 Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes  
 Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. HUGO.

Vate! vate! que és tu? — Nos seus extremos  
 Fadou-te Deos um coração de amores,  
 Fadou-te uma alma accesa borbulhando  
 Hardidos pensamentos, como a lava  
 Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

Vate! vate! que és tu? — Foste ao principio  
 Sacerdote e propheta;  
 Erão nos céos teus cantos uma prece,  
 Na terra um vaticinio.  
 E ella cantava então: — Jehovah me disse,  
 Magestoso e terrivel:

« Vês tu Jerusalém como orgulhosa  
 Campêa entre as nações, como no Libano  
 « Um cedro a cuja sombra o hyssopo cresce?  
 « Breve a minha ira transformada em raios  
 « Sobre ella cahirá;  
 « Um fero vencedor dentro em seus muros  
 « Tributaria a fará;  
 « Quando escravos seus filhos, sobre pedra  
 « Pedra não ficará. »

E os reprobos de sacco se vestião;  
 Em pó, em cinza envoltos,  
 E collando co'a terra os torpes labios,  
 E açoitando co'as mãos o peito imbelle,  
 Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate emtanto o pallido semblante  
 Meditabundo sobre as mãos firmava,  
 Supplicando ao Senhor do interno d'alma.

Forão santos então. — Homero o mundo  
 Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —  
 Milton o paraíso, — forão grandes!

E hoje!... em nosso exilio erramos tristes,  
 Mimosa esp'rança ao infeliz legando,  
 Maldizendo a soberba, o crime, os vicios;  
 E o infeliz se consola. e o grande treme.

Elle a procura !... o viajor pasmado,  
 Nos campos de Pompéia, alonga a vista  
 Pela amplidão do praino,  
 Destroços e ruínas encontrando,  
 Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a troco de meu sangue  
 Poupar-te dessas lagrimas metade (1) !  
 Oh ! poder que eu pudesse ! — e almo sorriso,  
 Que tanto me compraz ver-te nos labios,  
 Inda uma vez brilhasse !

E essa existencia,  
 Que tão cara me é, t'a visse e leda,  
 E feliz como a vida dos Archanjos !  
 Infeliz é quem chora : ella finou-se,  
 Porque os anjos á terra não pertencem ;  
 Mas lá dos immortaes sobre os teus dias  
 A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, candidas rosas, açucenas,  
 Vinde, roxas saudades ;  
 Orvalhai, tristes lagrimas, as c'rôas,  
 Que hão de a campa adornar por mim depostas  
 Em holocausto á victima da morte.  
 Innocência, pudor, belleza e graça  
 Com ella n'essa campa adormecêrão.  
 Anjo no coração, anjo no rosto,

(1) N'este logar forão omittidos pelo auctor na segunda edição os seguintes versos que vêm na primeira :

Não poder eu correr por esse mundo,  
 Espessas brenhas, escarpadas rochas,  
 Assoberbar torrentes, e trazer-te  
 As aguas soporíferas do Lethes !

Devêra o amor chorar sobre o teu seio,  
 Que não grinaldas funebres tecer-te ;  
 Devêra voz d'esposo acalentar-te  
 O somno da innocencia, — não grosseira  
 Canção do trovador não conhecido.

Coimbra, Junho de 1841.

---

### A MENDIGA

Donnez : —

Et quand vous paraîtrez devant le juge austère,

Vous direz : J'ai connu la pitié sur la terre,

Je puis la demander aux cieux !

TURQUETY.

### I

Eu sonhei durante a noite...

Que triste foi meu sonhar!

Era uma noite medonha,

Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro

Das trevas, meus olhos vião

Triste mendiga formosa,

Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,

Porém candida donzella :

Pudibunda, affavel, doce,

Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,  
 Que o seu corpo mal cubrião;  
 Por vergonha os olhos d'ella  
 Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas  
 Cortador o frio entrava;  
 Tinha fome e sede, — e o pranto,  
 Nos seus olhos borbuhlava.

E qual vemos dos céos descendo rapido  
 Um fugaz meteóro, vi descendo  
 Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,  
 E mudo a contemplava. — Uma tristeza  
 Sympathica, indizível pouco e pouco  
 Do anjo nas feições se foi pintando:  
 Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova  
 Conhece enferma e chóra. — Ella no peito  
 Menor sentio a dôr, e humilde orava.

## II

De um vasto edificio nas frias escadas  
 Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião,  
 Secreto concilio de socios piedosos,  
 Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,  
 E d'elle partia confuso rumor:  
 — A dança girava, e a orchestra sonora  
 Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palacio um conviva chegava,  
 Rugindo se abria o ruidoso portão;  
 Efluvios de incenso nos ares corrião  
 Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga alli estava ao relento,  
 Com fome, com frio, com sede e com dôr;  
 E eu vi o seu anjo, mais triste no aspecto,  
 Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio  
 Um vulto chegou.  
 — Senhor, uma esmola! — bradou-lhe a mendiga :  
 E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo,  
 Lhe disse : — O teu nome? —  
 Tornou-lhe a mendiga : — Senhor, uma esmola,  
 Que eu morro de fome.

Não dizes teu nome? — lhe torna o soberbo.  
 — Sou orphã, sósinha ;  
 Meu nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,  
 Se eu choro mesquinha!

Em vís meretrizes não cabe esse orgulho,  
 Tornou-lhe o Senhor,  
 Que á noite, nas trevas, contractão no crime,  
 Vendendo o pudor.

E á porta do templo — erguido á piedade  
 Com força batia ;  
 Co'o peso do insulto accrescido á crueza  
 A triste gemia.

### III

Eis que ouvi um rodar, que a todo o instante  
 Mais distincto se ouvia; e logo um forte,  
 Fascinador clarão por toda a rua

Se derramou soberbo. — Infundos pagens  
Ricas librés trajando, mil archotes  
Nos ares revolvião ; — fortes, rapidos,  
Fumegantes corceis, sorvendo a terra,  
Tiravão rica sege melindrosa.  
Sobre a terra saltou airosa e bella  
A dona, em frente do festivo paço ;  
E a mendiga bradou : — Senhora minha,  
Dai uma esmola, dai ! — Á voz dorida  
Volveu-se o rosto d'anjo, porém d'anjo  
Não era o coração ; — foi-lhe importuno,  
Mais que importuno... da mesquinha o grito !  
E da mendiga o protector celeste  
Parecia fallar em favor d'ella ;  
E a rica dona o escutava, como  
Se ouvisse a interna voz que dentro mora.  
E eu dizia tambem : — O' bella Dona,  
Dai-lhe uma esmola, dai ; — de que vos serve  
Um óbolo mesquinho, que não póde  
Siquer um diche sem valor comprar-vos ?  
Ah ! bella como sois, que vos importão  
Custosas flôres, com que ornais a frente ?  
Para a salvar do vortice do crime,  
O preço d'ellas, de uma só, da coisa  
Que sem valor julgardes, é bastante.  
Sabeis ? — Além da vida, além da morte,  
Quando deixardes o oiropel na campa,  
Quando subirdes do Senhor ao throno,  
Sem andrajos siquer, tambem mendiga ;  
Alli tereis as lagrimas do pobre,  
A benção do affligido, a prece ardente  
Do que soffrendo vos bemdisse, — ó Dona...

.....

Fechou-se a porta festival sobre ella !  
 E a donzella se ergueu, córou de pejo,  
 Lançando os olhos pela rua escusa,  
 E segura no andar, e firme, á porta  
 Do palacio bateu — entrou — sumio-se.

E o anjo, como afflicto sob um peso,  
 Um gemido soltou ; era uma nota  
 Melancolica e triste, — era um suspiro  
 Mavioso de virgem, — um soído  
 Subtil, mimoso, como d'Harpa Eólia,  
 Que a brisa da manhã roçou medrosa.

## IV

Dos muros ao travez meus olhos virão  
 Soberba roda de convivas, — todos  
 Velludos, sedas, e custosas galas  
 Trajavão senhoris. — Reinava o jogo  
 Aváro e grave, leda e viva a dança  
 Em vortice girava, a orchestra doce  
 Cantava occulta ; condensados, bastos,  
 Em redor do banquete estavam muitos.  
 A mendiga alli estava, — não trajando  
 Sujos farrapos, mas delgadas telas.  
 Chovião brindes e canções e vivas  
 Á Deosa airoza do banquete ; todos  
 Um volver dos seus olhos, um sorriso,  
 Uma voz de ternura, um mimo, um gesto  
 Cubiçavão rivaes ; — e alli com ella,  
 Como um raio do sol por entre as nuvens  
 Lá na quadra hibernal penetra a custo

Quasi sem vida, sem calor, sem força,  
Menos brilhante vi seu anjo bello.  
Nos curtos labios da feliz mendiga  
Passava rapido um sorriso ás vezes ;  
Outras chorava, no volver do rosto,  
Na taça do prazer sorvendo o pranto.  
Encontradas paixões sentia o anjo ;  
Parecia chorar co'o seu sorriso,  
Parecia sorrir co'o chôro d'ella.

---

### A ESCRAVA

O bien qu'aucun bien ne peut rendre !  
O patrie ! ô doux nom que l'exil fait comprendre !  
C. DELAVIGNE. — *Marino Faliero.*

Oh ! doce paiz de Congo,  
Doces terras d'além mar !  
Oh ! dias de sol formoso !  
Oh ! noites d'almo luar !

Desertos de branca areia  
De vasta, immensa extensão,  
Onde livre corre a mente,  
Livre bate o coração !

Onde a leda caravana  
Rasga o caminho passando,  
Onde bem longe se escutão  
As vozes que vão cantando !

Onde longe inda se avista  
O turbante musulmano,  
O Yatagan recurvado,  
Preso á cinta do Africano !

Onde o sol na areia ardente  
Se espelha, como no mar ;  
Oh ! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além mar !

---

Quando a noite sobre a terra  
Desenrolava o seu véo,  
Quando siquer uma estrella,  
Não se pintava no céo ;

Quando só se ouvia o sopro  
De mansa brisa fagueira,  
Eu o aguardava — sentada  
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,  
D'elle á base uma corrente  
Despenhada sobre pedras,  
Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia :  
— Minha Alsgá, não tenhas medo ;  
Vem commigo, vem sentar-te  
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa :  
— Irei contigo, onde fores ! —  
E tremendo e palpitando  
Me cingia aos meus amores.

Elle depois me tornava  
Sobre o rochedo — sorrindo :  
— As agoas d'esta corrente  
Não vês como vão fugindo ?

Tão depressa corre a vida,  
Minha Alsgá; depois morrer  
Só nos resta !... — Pois a vida  
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves  
Espantados — Ah ! tambem  
Arfa o teu peito anciado !...  
Acaso temes alguém ?

Não receies de ser vista,  
Tudo agora jaz dormente ;  
Minha voz mesmo se perde  
No fragor d'esta corrente.

Minha Alsgá, porque estremeces,  
Porque me foges assim ?  
Não te partas, não me fujas,  
Que a vida me foge a mim !

Outro beijo acaso temes,  
Expressão de amor ardente ?  
Quem o ouviu ? — o som perdeu-se  
No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos  
A aurora nos vinha achar !  
Oh ! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além mar !

---

Do rispido Senhor a voz irada,  
 Rábida sôa,  
 Sem o pranto enchugar a triste escrava  
 Pávida vôa.

Mas era em mora por scismar na terra,  
 Onde nascêra,  
 Onde vivêra tão ditosa, e onde  
 Morrer devêra!

Soffreu tormentos, porque tinha um peito,  
 Qu'inda sentia;  
 Misera escrava! no soffrer cruento,  
 Congo! dizia.

---

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

23 Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,  
 Mais um canto de lagrimas ardentes,  
 Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meu amigo; da minha alma  
 Foi uma lyra outr'ora o instrumento;  
 Cantava n'ella amor, prazer, venturas,  
 Até que um dia a morte inexoravel  
 Triste pranto de irmão veio arrancar-te!  
 As lagrimas dos olhos me cahirão,  
 E a minha lyra emmudeceu de magoa!  
 Então aventei eu que a vida inteira

Do bardo, era um perenne sacerdocio  
De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa :  
Na corda da afflicção gemeu minha alma,  
Foi meu primeiro canto um epicedio;  
Minha alma baptizou-se em pranto amargo,  
Na fragoa do soffrer purificou-se !

Lancei depois meus olhos sobre o mundo,  
Cantor do soffrimento e da amargura ;  
E vi que a dôr aos homens circumdava,  
Como em roda da terra o mar se estreita ;  
Que apenas desfructamos, — miserandos !  
Desbotado prazer entre mil dôres,  
— Uma rosa entre espinhos aguçados,  
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meu espirito,  
E a minha voz queixosa perguntou-lhe ;  
— Senhor, porque do nada me tiraste,  
Ou porque a tua voz omnipotente  
Não fez seccar da mainh vida a seve,  
Quando eu era principio e feto apenas ?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma :  
— Ardão teus dias como o feno, — ou durem  
Como o fogo de tocha resinosa,  
— Como rosa em jardim sejam brilhantes,  
Ou baços como o cardo montesinho,  
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira  
Á extrema — da maior á mais pequena,  
Nas azas do tufão — entre perfumes,  
Um cantico de amores exaltarão

Ao throno do Senhor ; — e eu disse ás turbas :  
— Elle nos faz gemer porque nos ama ;  
Vem o perdão nas lagrimas contritas,  
Nas azas do soffrer desce a clemencia ;  
Sobre quem chora mais elle mais vela !  
Seu amor divinal é como a lampada,  
Na abobada d'um templo pendurada,  
Mais luz filtrando em mais opæas trevas.

Eu o conheço : — o cantico do bardo  
É balsamo ao que morre, — é lenitivo,  
Mas doloroso, mas funereo e triste  
A quem lhe carpe infausto a morte crua.  
Mas, quando a alma do justo, espedaçando  
O envolvero de lodo, aos céos remonta,  
Como estrada de luz correndo os astros,  
Seguindo o som dos canticos dos anjos  
Que na presença do Senhor se elevão ;  
Choro... tambem Jesus chorou a Lazaro !  
Mas na excelsa visão que se me antolha  
Bebó consolações, — minha alma anceia  
A hora em que tambem ha de asylar-se  
No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo ; porém, quando sentires  
O pranto nos teus olhos condensar-se,  
Que já não póde mais banhar-te as faces,  
Ergue os olhos ao céo, onde a luz móra,  
Onde o orvalho se cria, onde parece  
Que a timida esperanza nasce e habita.  
E se eu — feliz ! — puder inda algum di  
Ferir por teu respeito na minha harpa  
A leda corda onde o prazer palpita,

A corda do prazer que ainda inteira,  
 Que virgem de emoção inda conservo,  
 Suspenderei minha harpa d'algum tronco  
 Em off'renda á fortuna; — alli sósinha,  
 Tangida pelo sopro só do vento,  
 Ha de mysterios conversar co'a noite,  
 De acorde extreme perfumando as brisas;  
 Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros  
 Que não ha de cantar a desventura,  
 Tendo cantos gentís vibrado n'ella.

---

O DESTERRO DE UM POBRE VELHO

*Et dulces moriens reminiscitur Argos.*  
 VIRG.

*O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint.*  
 SCHILLER.

A aurora vem despontando,  
 Não tarda o sol a raiar;  
 Cantão aves, — a natura  
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia  
 Onda queixosa murmura,  
 Bem mansa aragem fagueira  
 Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,  
 É hora cheia de amor;

A relva brilha enfeitada,  
Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,  
Como um corcel a nitrir ;  
Suspensa a amarra tem presa,  
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,  
Leve barco vem vogando,  
Nelle um velho cujas faces  
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,  
Que chorava,  
Por assim deixar seus lares,  
Que deixava ?

« Ancião, porque te ausentas ?  
Corres tu traz de ventura ?  
Louco ! a morte já vem perto,  
Tens aberta a sepultura.

« Louco velho, já não sentes  
Bater frouxo o coração ?  
Oh ! que o sente ! — É lei d'exílio  
A que o leva em tal sazão !

« Não ver mais a cara patria,  
Não ver mais o que deixava,  
Não ver nem filhos, nem filhas,  
Nem o casal, que habitava !...

« Oh ! que é má pena de morte  
A pena de proscrição ;

- Traz dôres que martyrisão,  
Negra dôr de coração!
- « Pobre velho! — longe, longe  
Vais sustento mendigar;  
Tens de soffrer novas dôres,  
Novos males que penar.
- « Não t'ha de valer a idade,  
Nem a dôr tamanha e nobre;  
Tens de tragar vís affrontas,  
— Insultos que soffre o pobre!
- « Nada acharás no degredo,  
Que falle dos filhos teus;  
Ninguém sente a dôr do pobre...  
Só te fica a mão de Deus.
- « O sol, que além vês raiando  
Entre nuvens de carmim,  
N'outros climas, n'outras terras  
Não verás raiar assim.
- « Não verás a rocha erguida,  
Onde t'ias assentar;  
Nem o som bem conhecido  
Do teu sino has de escutar.
- « Ha de cahir sobre as ondas  
O pranto do teu soffrer,  
E n'esse abysmo salgado,  
Salgado, se ha de perder. »
- Já chegou junto á fragata,  
Já na escada se apoiou,  
Já com voz entrecortada  
Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sólta as velas  
Ao vento que o vai guiar;  
E a fragata mui veleira  
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio  
A calva testa dobrou,  
E pranto mais abundante  
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela  
Do navio, que partio;  
Mais além — inda se avista!  
Mais além — já se sumio!

---

### O ORGULHOSO

Eu o vi! — tremendo era no gesto,  
Terrível seu olhar;  
E o senho carregado pretendia  
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito  
Fervia-lhe o rancor!  
E aos demais homens, como um cedro á relva,  
Se cria sup'rior,

E o pobre agricultor, junto a seus filhos,  
Dentro do humilde lar,  
Quizera, antes que os d'elle, ver de um tigre  
Os olhos fusilar:

Que a um filho seu talvez quizera o nobre  
 Para um Executor ;  
 Ou para o leito infesto alguma filha  
 Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas  
 Algum pobre ancião  
 Já sobre o seu sepulchro, desejando  
 A morte e a salvação.

---

Alguns dias apenas decorrêrão ;  
 E eis que elle se sumio !  
 E a lagem dos sepulchros fria e muda  
 Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião  
 Exulta com seu fim !  
 E a turba applaude ; e ninguem chora a morte  
 De homem tão ruim.

---

### O COMETA

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS

Non est potestas, quæ comparetur ei qui  
 factus est ut nullum timeret.

JOB.

Eis nos céos rutilando igneo cometa !  
 A immensa cabelleira o espaço alastra,

E o nucleo, como um sol tingido em sangue,  
Alvacento luzir verte agoireiro  
Sobre a pavidá terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,  
Dos labios removei a taça ingente,  
Que em vossas festas gira; eis que rutila  
O sanguineo cometa em céos infindos! ..  
Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrível, grande;  
Como indocil corcel que morde o freio,  
Retinha-o só a mão do Omnipotente.  
Alfim lhe disse : — Vai, Senhor dos Mundos,  
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,  
Que ao vento solta a coma desgrenhada,  
E vai, nescio de si, livre de ferros,  
De encontro ás duras rochas; — tal progride  
O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,  
O mundo em mil pedaços se converte;  
Mil centelhas de luz brilhão no espaço  
A esmo, como um tronco pelas vagas  
Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,  
Comsigo o arrastra e leva transformado;  
A cauda portentosa o enlaça e prende,  
E o astro vai com elle, como argueiro  
Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,  
Elle perturba o espaço; — como a lava,  
Elle marcha incessante e sempre; — eterno,  
Marcou-lhe largo giro a lei que o rege,  
— Às vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!  
E aos homens diz — e magestoso e grande  
Que jamais o verão; e passa, e longe  
Se entranha em céus sem fim, como se perde  
Um barco no horisonte!

---

### O OIRO

Oiro, — poder encanto ou maravilha  
Da nossa idade, — regedor da terra,  
Que dás honra e valor, virtude e força,  
Que tens offertas, oblações e altares, —  
Embora teu louvor cante na lyra  
Vendido Menestrel que pôde insano  
Do grande á porta renegar seu genio!  
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,  
Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,  
Meu corpo lanço, descansando a fronte  
N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.  
Sou mais que um rei co'o meu docel de nuvens  
Que têm gravados scintillantes mundos!  
Com a vista no céu percorro os astros,  
Vagueia a minha mente além das nuvens,  
Vagueia o meu pensar — alto, arrojado  
Além de quanto o olhar nos céus alcança.

Então do meu Senhor me calão n'alma  
 D'amor ardente enlevos indiziveis ;  
 Se tento ás gentes redizer seu nome,  
 Queimadoras palavras se atropellão  
 Nos meus labios ; — prophetica harmonia  
 Meu peito anceia, e em borbotões se expande.  
 Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes  
 Teus prodigios, e teu poder immenso :  
 O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,  
 A terra ao céu, o tempo á eternidade !

Do mundo as illusões, vaidade, engano,  
 Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —  
 Tudo esse nome arrastra, prostra e some ;  
 Como aos raios do sol desfeito o gêlo,  
 Que em ondas corre no pendor do monte,  
 Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos  
 Comsigo no passar rompidos leva.

---

## A UM MENINO

OFFERECIDA Á EX<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup> D. M. L. L. V.

### I

Gentil, engraçado infante,  
 Nos teus jogos inconstante,  
 Que tens tão bello semblante,  
 Que vives sempre a brincar,

— Dos teus brinquedos te esqueces  
À noitinha, — e te entristeces  
Como a bonina, — e adormeces,  
Adormeces a sonhar!

## II

Infante, serão as côres  
De varias, viçosas flôres,  
Ou são da aurora os fulgores  
Que vem teus sonhos doirar?  
Foi de algum ente celeste,  
Que de luzeiros se veste?  
Ou da brisa é que aprendeste,  
Que aprendeste a suspirar?

## III

Tens no rosto afogueado  
Um qual retrato acabado  
De um sentir aventuradó,  
Que te ri no coração;  
É talvez a voz mimosa  
De uma fada caprichosa,  
Que te promete amorosa  
Algum brilhante condão!

## IV

Ou por ventura és contente,  
Porque no sonho, que mento,

Phantasiaste innocente  
Algum dos brinquedos teus !...  
Senhor, tens bondade infinda !  
Fizeste a aurora bem linda,  
Creaste na vida ainda  
Um'outra aurora dos céus.

## V

O som da corrente pura,  
A folhagem que susurra,  
Um accento de ternura,  
De ternura divinal ;  
A indizível harmonia  
Dos astros no fim do dia,  
A voz que Memnon dizia,  
Que dizia matinal ;

## VI

Nada d'isto tem o encanto,  
Nada d'isto póde tanto  
Como o risonho quebranto,  
Divino — do seu dormir ;  
Que nada ha como a Donzella  
Pensativa, doce e bella,  
E a comparar-se com ella...  
Só de um infante o sorrir.

## VII

Mas de repente chorando  
Despertas do somno brando  
Assustado e soluçando...  
Foi uma revelação!  
Esta vida acerba e dura  
Por um dia de ventura  
Dá-nos annos de amargura  
E fragoas do coração.

## VIII

Só aquelle que da morte  
Soffre o terrivel córte,  
Não tem dôres que suporte,  
Nem sonhos o acordarão :  
Gentil infante, engraçado,  
Que vives tão sem cuidado,  
Serás homem — mal peccado!  
Findará teu sonho então.

---

**O PIRATA**

## EPISODIO

Nas azas breves do tempo  
Um anno e outro passou,  
E Lia sempre formosa  
Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,  
De mimos cheia, lh'off'rece;  
E bella, apesar de ingrata,  
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou, que longe pára,  
Do que a amou, que pensa n'ella,  
Pensando encontrar firmeza  
Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto  
Já luzes se vêm luzir,  
Que vêm nas sedas, nos vidros  
Cambiantes reflectir.

Os echos alegres sôão,  
Sôa ruidosa harmonia,  
Sôão vozes de ternura,  
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio  
A face do mar desflora,  
Á noite bella fragata  
Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas  
Inquieta, esguia falúa,  
Que resvala sobre as agoas  
Na esteira que traça a lua.

Já na vácuca praia toca;  
Um vulto em terra saltou,  
Que na longa escadaria  
Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! porque aportas  
A este sitio fatal!  
Queres o brilho augmentar  
Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range  
Nos duros dentes cerrados;  
Não, que a cabeça referve  
Em mãos projectos damnados!

Não, que os seus olhos bem dizem  
O que diz seu coração;  
Terriveis, como um espelho,  
Que retratasse um vulcão.

Não, que os labios descorados  
Vociferão seu rival;  
Não, que a mão no peito aperta  
Seu pontagudo punhal.

Não, por Deos, que taes affrontas  
Não as sóe deixar impunes,  
Quem tem ao lado um punhal,  
Quem tem no peito ciumes!

Subio! — e vio com seus olhos  
Ella a rir-se que dançava,  
Folgando, infame! nos braços  
Por que assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,  
E vio... o leito fatal!  
E vio... e cheio de raiva  
Cravou no meio o punhal,

E avançou... e á janella  
Sósinha a vio suspirar,  
— Saudosa e bella encarando  
A immensidade do mar.

Como se víra um espectro,  
De repente ella fugio!  
Tal foge a corça nos bosques  
Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?  
Forão vislumbres de dôr;  
Coração, que tem remorsos,  
Sente continuo terror!

Elle á janella chegou-se,  
Horriavel nada encontrou...  
Sómente, ao longe, nas sombras,  
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo  
Nada mais de seu contava!  
Nada mais que essa fregata!  
Nada mais de quanto amava!

Nada mais! — que lh'importava  
De no mundo só se achar?  
Inda muito lhe ficava —  
Agoa e céus e vento e mar.

Assim pensava; mas n'isto  
Descortinha o seu rival,  
Não visto: — a mão na cintura  
Cingio raivosa o punhal!

Mas pensou... — não, seja d'ella,  
E tenha zelos como eu! —  
Larga o punhal, e um retrato  
Na dextra mão estendeu.

Porém sentio que inda tinha  
Mais que branda compaixão;  
Miserando! inda guardava  
Seu amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;  
Foi culpa do fado meu!  
Nada mais de pensar n'ella;  
Finjamos que ella morreu.

Por entre a turba que alegre  
No baile — a sorrir-se estava,  
Mudo, triste, e pensativo  
Surdamente se afastava.

De manhã — quando o saráu  
Apagava o seu rumor,  
Chegava Lia á janella,  
Mais formosa de pallor.

Chegou-se; — e além — no horizonte  
Uma vela inda avistou;  
E co'a mão tremula e fria  
O telescopio buscou!

Um pavilhão vio na pôpa,  
Que tinha um globo pintado;  
E no mastro da mesena  
Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seus olhos,  
Os olhos seus enxugou ;  
E o telescópio de novo  
Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste  
Parece reconheceu ;  
Mas a vela no horizonte  
Para sempre se perdeu.

## A VILLA MALDITA, CIDADE DE DEOS

AO SEU QUERIDO E AFFECTUOSO AMIGO

A. T. DE CARVALHO LEAL.

Peccata peccavit Jerusalem, et propter ea  
instabilis facta est ; omnes qui glorificabant  
eam, spreverunt illam, quia viderunt ignomi-  
niam ejus ; ipsa autem gemens conversa est  
retrosum.

LAMENT. *Jeremias.*

### I

O immenso aposento a luz alaga  
Com soberbo clarão,  
E as mezas do banquete se devolvem  
Pelo vasto salão ;

E os instrumentos palpitantes são  
Frenética harmonia ;  
E o côro dos convivas se levanta  
Pleno d'ebria alegria !

Alli se ostenta o nobre vicioso  
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,  
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,  
Immundo pobre no seu manto envolto  
De miserias, torpeza e vilanias;  
— A prostituta que alardeia os vícios,  
Menosprezando a castidade e a honra,  
Sem pejo, sem pudor, d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,  
Os cantos immoraes, canções impudicas,  
Gritos e orgia envolta em negro manto  
De fumo e vinho, — os ares aturdião;  
E muito além, no meio d'alta noite,  
Nos echos, ruas, praças rebatião.

## II

Depois, ainda suja a bocca, as faces,  
D'immundo vomitar,  
Com vacillante pé calcando a terra  
Os víras levantar.

A larga porta despedia em turmas  
A nocturna cohorte;  
Ouvião-se depois por toda a parte  
Gritos, horror de morte!

E ninguem vinha ao retinir de ferro,  
Que assassinava;  
Porque era d'um valente o punhal nobre,  
Que as leis dictava.

Outra vez a cair se emmaranhavão  
 Da porta pelo umbral :  
 Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,  
 Tincto em sangue o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores  
 Da noite derradeira ;  
 E a morte vária revelava a furia  
 Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia  
 O tum'lo por dinheiro ;  
 Vendia a terra aos mortos insepultos,  
 O vil interesseiro !

Ou lá ficavão, como pasto aos corvos,  
 Por sobre a terra núa ;  
 E ninguem de tal sorte se pesava,  
 Que ser podia a sua !

« E Deus maldisse a terra criminosa,  
 « Maldisse os homens della,  
 « Maldisse a cobardia dos escravos  
 « D'essa terra tão bella. »

### III

E a mortifera peste luctuosa  
 Do inferno rebentou,  
 E nas azas dos ventos pavorosa  
 Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso  
 Longa vida futura,

Doido sentio quebrar-lhe as esperanças  
Pedra de sepultura.

E a donzella tão linda que vivia  
Confiada no amor,  
Entre os braços da mãe provou bem cedo  
Da morte o dissabor.

E o tremulo ancião qu'inda esperava  
Morrer assim  
Como um fructo maduro destacado  
D'arvore emfim,

Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,  
Como um bulcão,  
Que affronta o nauta quando avista a terra  
Da salvação,

Era deserta a villa, a casa, o templo —  
Ar de morte soprou !  
Mas a casa dos vís nos seus delirios  
Ebria continuou !

« E Deus maldisse a terra criminosa,  
« Maldisse os homens d'ella,  
« Maldisse a cobardia dos escravos  
« Dessa terra tão bella. »

## IV

Eis o aço da guerra lampeja,  
Do fozoso corsel o nitrido,  
Eis o bronzeo canhão que rouqueja,  
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestão guerreiros luzentes,  
 Já se enfreião corceis bellicosos,  
 Já mancebos se partem contentes,  
 Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos ; — nas faces  
 O interno rancor pódes ler ;  
 Eia, avante ! — clamárão os bravos,  
 Eia, avante ! — ou vencer ou morrer !

Eia, avante ! — briosos corramos  
 Na peleja o imigo bater ;  
 Crua morte na espada levamos !  
 Eia, avante ! — ou vencer ou morrer !

Eis o aço da guerra lampeja,  
 Do corcel bellicoso o nitrído,  
 Eis o bronzeo canhão que rouqueja  
 E da morte represso o gemido.

## V

E a selva vomitou homens sem conto  
 Á voz do omnipotente,  
 Como a neve hibernal que o sol derrete,  
 Engrossando a corrente.

E em redor d'essa villa se estreitárão,  
 Cingidos d'armadura ;  
 E a villa se doeo no intimo seio  
 De tão acre amargura.

Mas os fortes bradárão : — Eia, avante !  
 Promptos a batalhar ;

Mas o braço e valor ante os imigos  
Se vierão quebrar.

E um anno inteiro sem cessar lutárão,  
Cheios de bizzarria,  
Como dois crocodilos que brigassem  
D'um rio a primazia !

E rendêrão-se emfim, mas de famintos,  
De sequiosos ;  
Valentes lidadores forão elles,  
Se não briosos.

## VI

E o exercito contrario entra rugindo  
Na villa, que as suas portas lhe franqueia :  
Rasteiro corre o incendio e surdamente  
O custoso edificio ataca e mina.  
Eis que a chamma roaz amostra as fendas  
Das portas que se abração ; descortina  
O torvo olhar do vencedor — apenas —  
Lá dentro o incendio só, fóra só trevas!  
Urros de frenesí, de dôr, de raiva  
Escutão dos que, ás subitas colhidos,  
Contra os muros em brasa se arremeção ;  
Dos que, perdido o tino, intentão loucos  
Achar a salvação, e a morte encontrão.  
Lá dentro confusão, silencio fóra !  
São carrascos aqui, victimas dentro,  
Geme o travejamento, estrala a pedra,  
Cresce horror sobre horror, desaba o tecto.  
E o fumo ennegrecido se ennovella

Co'o vertice sublime os céus roçando.  
 Como o vulcão que a lava arroja ás nuvens  
 Como ignea columna que da terra  
 Hiante rebentasse, — tal se eleva,  
 Tal sóbe aos ares, tal se empina e cresce  
 A labareda portentosa ; e baixa,  
 E desce á terra, e o edificio enrola,  
 E o sorve inteiro, qual se forão vagas  
 Que a dura rocha do alicerce abalão,  
 Que a enlação, como a prêa, — e ao fundo pégo  
 Levão, deixando o mar branco d'espuma.  
 No horror da noite, sibilando os ventos,  
 Lingoas pyramidaes do atroz incendio,  
 Fumosas pelas ruas estalando,  
 Tingem da côr do inferno a côr da noite,  
 Tingem da côr do sangue a côr do inferno !  
 — O ar gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

## VII

E aquelles que inda são e immunes erão,  
 Os que a peste engeitou,  
 Que fome e sede e privações soffrêrão...  
 A espada decepou.  
 E a donzella tremeu, da mãi nos braços  
 Não salva ainda,  
 Que incitava os prazeres do soldado  
 A face linda.  
 E o fido amante, que de a ver tão bella  
 Sentio prazer,  
 Sente martyrios porque a vê formosa  
 No seu morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,  
 Tudo destruição :  
 A columna, o palacio, a casa, o templo,  
 O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos  
 Já rojão sobre o pó;  
 Mas o Deus, o Deus bom já está vingado,  
 Por ella sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,  
 Lá resurgio cidade ;  
 Porque o Deus da justiça, o das armadas,  
 O Deus é de bondade.

---

## QUADRAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÃO E DESEJO

AO MEU BOM AMIGO O DR. A. REGO

Sol chi non lascia creditá d'affetti  
 Poca gloria ha dell'urna.

FOSCOLO.

### I

Houve tempo em que os meus olhos  
 Gostavão do sol brilhante,  
 E do negro véu da noite,  
 E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem  
 Em céu de azul espraçada,  
 Do terno gemer da fonte,  
 Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres  
 De bella flôr vicejante,  
 E a voz immensa e forte  
 Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria !  
 A luz brilhante, o susurrar da brisa,  
 O verde bosque, o rosicler d'aurora,  
 Estrellas, céus, e mar, e sol, e terra,  
 D'esperança e d'amor minha alma ardente,  
 De luz e de calor meu peito enchião.  
 Inteira a natureza parecia  
 Meus mais fundos, mais intimos desejos  
 Perscrutar e cumprir; — almo sorriso  
 Parecia enfeitar co'os seus encantos,  
 Com todo o seu amor compôr, doiral-o,  
 Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no,  
 Porque minha alma de o sentir folgasse.  
 Oh ! quadra tão feliz ! — Se ouvia a brisa  
 Nas folhas sussurrando, o som das agoas,  
 Dos bosques o rugir ; — se os desejava,  
 — O bosque, a brisa, a folha, o trepidante  
 Das agoas murmurar prestes ouvia.  
 Se o sol doirava os céus, se a lua casta,  
 Se as timidas estrellas scintillavão,  
 Se a flôr desabrochava envolta em musgo,  
 — Era a flôr que eu amava, — erão estrellas  
 Meus amores sómente, o sol brilhante,

A lua merencoria — os meus amores !  
Oh ! quadra tão feliz ! doce harmonia,  
Acôrdo extremo de vontade e força,  
Que atava minha vida á natureza !  
Ella era para mim bem como a esposa  
Recem-casada, pudica sorrindo ;  
Alma de noiva — coração de virgem,  
Que a minha vida inteira abrilhantava !  
Quando um desejo me brotava n'alma,  
Ella o desejo meu satisfazia ;  
E o quer que ella fizesse ou me dissesse,  
Esse era o meu desejo, essa a voz minha,  
Esse era o meu sentir do fundo d'alma,  
Expresso pela voz que eu mais amava.

## II

Agora a flôr que m'importa,  
Ou a brisa perfumada,  
Ou o som d'amiga fonte  
Sobre pedras despenhada ?

Que me importa a voz confusa  
Do bosque verde-frondoso,  
Que m'importa a branca lua,  
Que m'importa o sol formoso ?

Que m'importa a nova aurora,  
Quando se pinta no céu ;  
Que m'importa a feia noite,  
Quando desdobra o seu véu ?

Estas scenas, que amei, já me não causão  
 Nem dôr e nem prazer! — Indifferente,  
 Minha alma um só desejo não concebe,  
 Nem vontade já tem!... Oh! Deus! quem pôde  
 Do meu imaginar as puras azas  
 Cercear, desprender-lhe as niveas plumas,  
 Rojal-as sobre o pó, calcal-as tristes?  
 Perante a criação tão vasta e bella  
 Minha alma é como a flôr que pende murcha;  
 É qual profundo abysmo: — embalde estrellas  
 Brilhão no azul dos céus, embalde a noite  
 Estende sobre a terra o negro manto:  
 Não pôde a luz chegar ao fundo abysmo.  
 Nem pôde a noite ennegrecer-lhe a face;  
 Não pôde a luz á flôr prestar mais brilho  
 Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

## III

Houve tempo em que os meus olhos  
 Se extasiavão de ver  
 Agil donzella formosa  
 Por entre flôres correr.

Gostavão de um gesto brando,  
 Que revelasse pudor;  
 Gostavão de uns olhos negros,  
 Que rutilassem de amor.

E gostavão meus ouvidos  
 De uma voz — toda harmonia, —  
 Quer pezares exprimisse,  
 Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem  
 Indolente ou fugaz — alegre ou triste,  
 Da vida a estreita senda desflorando  
 Com pé ligeiro e animo tranquillo ;  
 Improvida e brilhante parecendo  
 Seus dias desfolhar, uns após outros,  
 Como folhas de rosa ; — e no futuro —  
 Ver luzir-lhe sómente a luz d'aurora.  
 Era deleite e dôr vê-la tão leda  
 Do mundo as afflicções : angustias, prantos  
 Affrontar co'um sorriso ; era um descanso  
 Interno e fundo, que sentia a mente,  
 Um quadro em que os meus olhos repousavão,  
 Ver tanta formosura e tal pureza  
 Em rosto de mulher com alma d'anjo !

## IV

Houve tempo em que os meus olhos  
     Gostavão de lindo infante,  
 Com a candura e sorriso  
     Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto  
     De magestoso ancião,  
 Tendo nos labios conselhos,  
     Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia,  
     Outro a verdade sem véu ;  
 Ambos tão puros, tão graves,  
     Ambos tão perto do céu !

Infante e velho ! — principio e fim da vida ! —  
 Um entra neste mundo, outro sáe d'elle,  
 Gozando ambos da aurora ; — um sobre a terra,  
 E o outro lá nos céus. — O Deus, que é grande,  
 Do pobre velho compensando as dôres,  
 O chama para si ; o Deus clemente  
 Sobre a innocencia de continuo vela.  
 Amei do velho o magestoso aspectto,  
 Amei o infante que não tem segredos,  
 Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.  
 Amei as doces vozes da innocencia,  
 A rispida franqueza amei do velho,  
 E as rigidas verdades mal sabidas,  
 Só por labios senís pronunciadas.

## V

Houve tempo, em que possivel  
     Eu julguei no mundo achar  
 Dois amigos extremosos,  
     Dois irmãos do meu pensar ;

Amigos que compr'hendessem  
     Meu prazer e minha dôr,  
 Dos meus labios o sorriso,  
     Da minha alma o dissabor ;

Amigos, cuja existencia  
     Vivesse eu co'o meu viver :  
 Unidos sempre na vida,  
     Unidos — té no morrer.

Amizade ! união, virtude, encanto —  
Consortio do querer, de força e d'alma —  
Dos grandes sentimentos cá da terra  
Talvez o mais reciproco, o mais fundo !  
Quem ha que diga : Eu sou feliz ! — se acaso  
Um amigo lhe falta ? — um doce amigo,  
Que sinta o seu prazer como elle o sente ?  
Que soffra a sua dôr como elle a soffre ?  
Quando a ventura lhes sorri na vida,  
Um a par d'outro — eil-os lá vão felizes ;  
Quando um sente afflicção, nos braços do outro  
A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,  
Encontra doce alivio o desditoso  
No thesouro que encerra um peito amigo.  
Candido par de cysnes, vão roçando  
A face azul do mar co'as niveas azas  
Em deleite amoroso ; — acalentados  
Pelo sereno espreguiçar das ondas,  
Aspirando perfumes mal sentidos,  
Por vespertina aragem bafejados,  
É jogo o seu viver ; — porém, se o vento  
No frondoso arvoredado ruge ao longe,  
Se o mar, batendo irado as ermas praias,  
Cruzadas vagas em novello enrola,  
Com grito de terror o par candente  
Sacode as niveas azas, bate-as, — fogem.

## VI

Houve tempo em que eu pedia  
Uma mulher ao meu Deus,  
Uma mulher que eu amasse,  
Um dos bellos anjos seus.

Em que eu a Deos só pedia  
 Com fervorosa oração  
 Um amor sincero e fundo,  
 Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante  
 Contra o meu peito bater,  
 Sómente um dia... sómente!  
 E depois d'elle morrer.

Amei! e o meu amor foi vida insana!  
 Um ardente anhelar, cauterio vivo,  
 Posto no coração, a remordel-o.  
 Não tinha uma harmonia a natureza  
 Comparada á sua voz; não tinha côres  
 Formosas como as della, — nem perfumes  
 Como esse puro odor qu'ella esparzia  
 D'angelica pureza. — Meus ouvidos  
 O feiticeiro som dos meigos labios  
 Ouvião com prazer; meus olhos vagos  
 De a ver não se cansavão; labios d'homens  
 Não poderão dizer como eu a amava!  
 E achei que o amor mentia, e que o meu anjo  
 Era apenas mulher! chorei! deixei-a!  
 E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigo,  
 A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,  
 Bem longe quando eu perto os carecia.  
 Conclui que a amizade era um phantasma,  
 Na vélhice prudente — habito apenas,  
 No joven — doudejar; — em mim-lembrança;  
 Lembrança! — porém tal que o não trocára  
 Pelos gozos da terra; — meus prazeres  
 Forão só meus amigos, — meus amores  
 Hão de ser neste mundo elles sómente.

## VII

Houve tempo em que eu sentia  
Grave e solemne afflicção,  
Quando ouvia junto ao morto  
Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro  
Em sons pesados dobrar,  
E os cantos do sacerdote  
Erguidos junto do altar

Quando via sobre um corpo  
A fria lousa cahir;  
Silencio debaixo della,  
Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,  
Tepida talvez com o pranto amargo  
Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem,  
Ou se almas tem amor aos seus despojos,  
Perto dos pés do Eterno, entre a alleluia,  
E o gozo lá dos céus, e os córos d'anjos,  
Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,  
Que chorão sobre a campa, onde já brota  
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! quem me dera  
Gozar do teu descanso, ir asilar-me  
Sob o teu santo horror, e nessas trevas  
Do bulicio do mundo ir esconder-me!  
Oh! lagem dos sepulchros! quem me desse  
No teu silencio fundo asilo eterno!  
Ahi não pulsa o coração, nem sente  
Martyrios de viver quem já não vive.

## PHANTASMAS

There are more things in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.

SHAKSPEARE. — *Hamlet*.

Ía a lua pelos ares  
Docemente equilibrada,  
Qual linda concha embalada  
Pela corrente dos mares.

Era tudo amor; — dormente  
Era a mesta solidão :  
Porém eis que de repente  
Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira  
Morre o brilhante do céu,  
Que da lua a face inteira  
Cobre denso, opaco véu.

Das trevas o véu rasgando  
Fuzila breve clarão,  
No escuro espaço rolando  
Rouqueja horrível trovão.

Ruge ao longe o mar raivoso,  
Perto — o vento no arvoredos;  
No cemiterio medroso  
Surgem phantasmas de medo.

Passando ao travez dos muros,  
Que do mundo os separava,  
Penetrão no templo escuro :  
Mudo e triste o templo estava

Do templo nas paredes caminhavão  
As mestas sombras dos que forão ; outros,  
Como que da vigilia se pezassem,  
Nos ossos mal seguros se arrastavão.

Como sobre as couceiras se revolvem  
As portas emperradas, tal do templo  
As frias pedras sepulchraes se dobrão.  
Finados mil e mil das campas surgem,  
Incertas sombras pelos ares vôão,  
Amalgama-se o pó formando nuvens,  
E as nuvens pairão n'amplidão sagrada.  
Só um sepulchro permanece inteiro,  
E um espectro ao pé d'elle ; os longos dedos  
Correndo pela testa, tremebundo  
Carrega sobre a turba o rosto irado.

« Não poder descansar ! » — dizia o triste —

« Não poder descansar ! » — Era este um grito  
D'interno soffrimento amargo e duro.

« Ó Morte enganadora, — que eu julgava

« A infinita visão, — além dos mundos

« Outro mundo não via, além da vida

« Minha alma apenas descobria... o nada —

« De que nos serve o teu poder, traidora ?

« Se a vida tiras, mais penosa a tornas ;

« Se tiras o soffrer, mais delicado,

« Mais apurado, mais subtil, mais fundo

« Fazes, cruel, brotar do horror da campa.

« Estólido que fui ! — da terra filho,

« Julguei-me preso á terra, preso ao nada ;

« Julguei-me sem porvir além da vida,

« Sem acerbo penar na campa acerba ! »

Como sentisse a sepultura intacta,  
 Raivoso empurra a pedra, que serena  
 Sobre outras pedras se deslisa facil,  
 Como o barco veloz cortando as ondas,  
 Que a mão callosa do barqueiro impelle.

Ah! certo eu vi! — um putrido cadaver,  
 Amarelento, ensanguentado e feio,  
 Pávido erguer-se no sudario envolto.  
 Volveu pasmado em torno os olhos turvos,  
 E as pupillas sem luz, que extranhão, sentem  
 Agudissima dôr da luz mal vista  
 Da alampada velada. — Nos ouvidos  
 Mesmo dos mortos o bulicio incerto  
 Com hórrido fragor ribomba, estoura!

— Não julguei acordar! — disse affligido.  
 Mas do finado, que o chamára á vida,  
 Correu nos labios mofador sorriso :  
 « Não julgaste acordar, insano?! — a mente  
 « Perdida não sentiste além dos ares  
 « Voar além dos céus, além das nuvens? »

Dizia o espectro : « Insano, tu cobriste-a  
 « De lodo terreal, cortaste as azas  
 « Desse amigo adejar, de prece amiga  
 « Que vai, que sóbe, perfumado incenso,  
 « Beijar do eterno ser o throno excelso. »

Eis do recém-finado a voz rebrama  
 No recinto do templo; estoura e ferve  
 No estreito espaço da garganta, como  
 Neve que o sol derrete, que nas orlas  
 Do raso leito de regato humilde  
 Rebenta em borbulhões de argentea espuma.

« Nas trevas, Senhor Deus, direi teu nome,  
 « Cantarei teus louvores do sepulchro,  
 « Cantarei teu poder d'entre a gelada  
 « Mortalha funeral, e sempre e eterno.  
 « Senhor Deus, Senhor Deus, quando os meus labios  
 « Se resequirem teu louvôr cantando,  
 « Quando rouco meu peito arfar cansado,  
 « Minha alma, além dos sóes voando afoita,  
 « Irá, Senhor meu Deus, beijar-te as plantas,  
 « Nutrir-se palpitante da tua gloria  
 « E á luz do teu fulgor, do teu conspecto  
 « Derramar-se queixosa e afflicta... »

— É tarde!

O espectro lhe bradou. — Misericordia!  
 Clamava a triste sombra, que aterrada  
 Procurava juntar as mãos rebeldes.  
 Foi de balde o querer; de balde as forças  
 Concentra o miserando por juntal-as;  
 De balde intenta orar! — a voz lhe falta;  
 Do mutilado tronco os braços fogem  
 Fogem do templo na amplidão perdidos.  
 Mutua força os attrahe, mutua os repelle,  
 Fatidico poder os leva a ambos,  
 E alonga o templo mais e mais com elles!

Dos ares a soidão quebrando irado  
 Da torre sôa o sino; o som d'agoiros  
 Estoura — ruge — vibra — mingoa e morre.

Rapida foge a multidão dos méstos,  
 Sem arruido, sem rumor, — qual fumo  
 Levissimo e subtil que se desenha  
 Ao reflexo da luz nos brancos muros.

## O BARDO

Must all the finer thoughts, the thrilling sense,  
 The electric blood with which their arteries run,  
 Their body's self-tuned soul with the intense  
 Feeling of that which is, and fancy of  
 That which should be, to such a recompense  
 Conduct? Shall their bright plumage on the rough  
 Storm be still scatter'd : — Yes, and it must be!

BYRON.

Era uma sala real comprida e larga  
 De primores vestida. — Nos tapetes  
 Habil artista desenhára a historia  
 Dos annos decorridos; — das janellas  
 Pendia a seda multicôr; — rojavão  
 No liso pavimento as franjas d'oiro  
 Do brilhante espaldar. — Sentado nella  
 O rei, já velho, em roda de ministros  
 N'um canto do salão retinha os olhos.

Segui-lhe a vista, e vi... Era um mancebo  
 Modesto e bello; tinha um quê nos olhos  
 De pudor virginal, de meigo encanto,  
 Que prendia a attenção. — Em pé, cruzadas  
 Sobre uma harpa singela as mãos nevadas  
 Em voz segura e baixa ao rei fallava.

« Por isto, senhor rei, vim ter comvosco!... »

Isto apenas lhe ouvi; subtil sorriso  
 Do monarcha passou nos rôxos labios,  
 Que hypocrita e sarcástico dizia :

— Que vos posso eu fazer? — Sois bardo! — Às vezes  
 Quando este encargo de reinar me deixa

Mais livre respirar, — sobre mil praças  
Deste palacio meu lançando os olhos,  
O doce canto da vossa harpa escuto,  
E o longo applauso palpitante, e os echos  
De forte sussurrar de amor, de enlevos,  
Que a turba eleva com prazer... Auxilios  
Não vos posso prestar, que o erario tenho  
Exhausto e pobre! —

« Oh! nem de mim vos fallo,  
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?  
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos  
São altos fustes, que têm mão do throno.  
Sois deste o creador, porém d'aquelles  
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida  
Nisto gastamos, se mais crente o povo  
Depois de nós a nosso exemplo fica,  
É justo, senhor rei, que o throno cure  
De quem sobre elle de continuo vela.

Somos do mundo sem saber do mundo;  
Aprove ao Senhor Deus lançar-nos nelle,  
Sem vida para nós, com tanta vida,  
Com tanta força de querer p'ra os outros.  
Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,  
Lemos o nome do Senhor nos astros;  
Sonhamos illusões, lançando os olhos  
Sobre a terra florida, ou sobre o campo  
Liso, immenso dos céus, — vagando sempre  
Do passado ao futuro! — Somos loucos,  
Bem loucos, senhor rei! — Emquanto a vida  
Em procelloso mar corre sem termo,  
Até que a morte um dia nos afunde,

Cantamos sempre ; nem de auxilio extranho  
 Havemos de mister, que o melhor canto  
 De soluços e lagrimas se embebe ! —  
 Mas se hospicios haveis para os que soffrem,  
 Nós soffremos tambem, — tambem mendigos,  
 Trocamos, como outr'ora o velho Homero,  
 Celestes carnes por um pão de azyma ! »

— Fallais do mundo sem saber do mundo,  
 E do vosso mister sem saber d'elle ;  
 Tornou-lhe o rei com rosto carregado.

— Sou injusto e cruel !... vós o dissestes !  
 \_las quem sois ? — que fazeis ? — Ao povo estulto  
 Co'a branda lyra effeminais : no canto  
 Vil peçonha entornais em nescias mentes ;  
 De perversa moral lições na scena  
 Dais em verso pomposo ; loucos, cegos,  
 Prophetas vos dizeis... — Meu throno acaso  
 Sustentas tu co'a lyra ? — Se o sustentas,  
 Retira o braço, quero-o ver por terra,  
 Quero crer na tua crença ; e se és propheta,  
 Eu t'o supplico, do porvir me falla ! —

Como de sob os pés vos foge o bando  
 De sussurrantes passarinhos, quando  
 Pensativo calcais na densa matta  
 As secas folhas, rugidoras, sôltas ;  
 Como sobem confusas, pipilantes,  
 Ouvindo o extranho som que as amedronta ;  
 Da Harpa as notas são, vibrão, fogem :  
 Lá se perdem nos ares, lá renascem,  
 Já de novo resôão, como abelhas  
 Que sobre vivas flôres descancadas ;  
 Quasi filhas do sol, se erguem ruidosas.

« Reis da terra, o que sois ? Oh ! quasi um nada,  
Em mãos de infantes caprichosos — brinco,  
Automatos de orgulho, actores tristes

Em publico tablado :

Em um dia aziago entre os clamores  
Da multidão fallaz entrou no templo ;  
Era o templo adornado, — alli soldados,

Alli densos convivas,  
Resplandecentes d'oiro, e seda, e joias ;  
Alli morno silencio qual precede  
Da batalha o fragor ; — troava o sino,  
E foi c'roado..... escravo !

« Mas quando o Senhor um bardo cria,  
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,  
De nobre fogo lh'incendia o peito

De colera e de amor !

E o manda sobre a terra ingrata e nua,  
Que vôe sobre os astros, que a sentença,  
Que Balthasar temeu, grave nos muros

D'impudico festim !

Que suspire, que gema, que soluçe,  
Que se lembre dos céus cantando a terra,  
Que um amigo não tenha, que a sua vida

É soffrer e cantar !

« Mas ai do triste que não sente enlevos  
De ouvir um doce canto ao som da lyra :  
Mas ai do rei que não suspira afflicto

De afflicto suspirar !

Mas ai do triste rei ! que nunca o bardo  
Nos versos divinaes dirá seus feitos,

Nem o seu nome se lerá na pedra  
 De gelado sepulchro.  
 Vai com elle a lisonja á sepultura,  
 Com elle o seu palacio irá por terra,  
 Não será pedra sobre pedra, — inteira  
 A mole cahirá ! »

Calou-se ; mas cumprio-se o vaticinio :  
 Morreu sem nome o rei, — a mole inteira  
 Por terra jaz — uma columna attesta  
 Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém ? — Ninguem pergunta :  
 O modesto pãstor que a dura calma  
 Passou á sombra da frondosa copa,  
 Quando sem graça a vê, pergunta acaso  
 Que impiedoso tufão levou-lhe as folhas !  
 A virgem que em passeios solitarios  
 Respira o aroma de uma flôr singela  
 Pergunta acaso no verão torrado  
 Se a melindrosa flôr ainda existe,  
 Ou existindo, em que lugar se esconde ?  
 — Assim do bardo os feiticeiros versos !  
 Resôão, como nota harmoniosa,  
 Como suspiro d'innocente virgem  
 Na placidez da noite adormecida ;  
 Resôão, mas tambem se extinguem prestes,  
 Como nota de uma harpa vaporosa,  
 Como o perfume que uma flôr exhala,  
 Como o suspiro que uma virgem sólta !

# ANALIA

POEMETO

---

## CANTO PRIMEIRO

A vida do homem com todos os seus  
projectos se eleva como uma torre cuja  
corôa é a morte.

*Saint Pierre.*

Noite propicia aos tímidos amantes,  
Consolação dos tristes que suspirão,  
Que não podem soffrer do sol os raios,  
Esse manto de estrellas não recolhas,  
Que os olhos chama aos céus, e a Deus a mente  
E em placido remanso a dôr abranda  
De quem maior allivio não procura  
Que sentir sempre aberta a chaga antiga !...  
Noite não era já, não era dia;  
Porém a fresca, matutina brisa

Começava a correr, prenehe de aromas,  
Por entre as verdes folhas dos olmeiros,  
Como o suspiro que remata o somno  
De uma virgem que dorme. D'entre as ramas  
Em desafio as aves entornavão  
As notas varias do seu hymno eterno,  
A cujos sons a natureza acorda  
E o coração se alegre ; da neblina  
Os densos rôlos — dos profundos valles  
E dos cimos erguidos — procuravão,  
Attrahidos do sol, mais alta esphera !

Analia, oh! bella filha dos amores,  
Porque tremes assim ? porque t'encobres ?  
Porque essa pallidez ? esse agitado  
Pulsar do seio, esses modestos olhos,  
Perlustrando em redor té onde alcanção ?  
Ninguem te espreita ou vê ; ninguem te segue :  
Sob o avito solar descansão todos,  
Teu nobre e velho pae te crê dormida !  
E tu do leito virginal te ergueste,  
Quando a nocturna alampada brilhava  
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,  
Como nos brancos muros de um mosteiro  
Estampa a lua os pallidos reflexos.

Analia ! occulta voz entre suspiros  
Duvidosa murmura : volta o rosto  
A donzella gentil, descora, treme,  
Vacilla, cáe nos braços de um mancebo,  
Qual palha sobre o alambre, ou como fibra  
De magnetica força commovida !  
Não tem voz, não tem côr, — pallida rosa  
Semelha n'um jardim cortada ha pouco !

Quem pudesse acabar entre os deliquios  
De um puro e doce amor! — fazer pedaços  
Desta vida miserrima as cadeias,  
Morrer primeiro que se esgote a fonte  
D'uma illusão doirada, — e entre suspiros,  
Entre as notas de um ai mal rematado,  
Chegar de Deus ao throno, como um canto,  
Que a brisa leva ao céu entre perfumes!

Mal distinctas palavras murmurão :  
Não voz, porém accentos mal formados,  
Quasi grito e rugidos, que passavão  
De um peito a outro sem roçar nos labios ;  
Frases do coração que ao destacar-se  
Levavão após si o melhor delle.  
Aquella tempestade emfim se amaina ;  
Já menos fortes sensações tão vivas,  
Podem termos achar com que s'exprimão.

« Não sentes, doce bem, quanto é penoso  
Lutar em vão co'a sorte? — quanto punge  
O prazer que fruir nos fôra dado,  
E não fruido se converte em penas !  
Pensar que a minha vida, a sós contigo,  
Decorrêra feliz, tranquilla e pura !  
Sentir que este desejo assim nutrido  
Ha de esvair-se, e não mui tarde, um dia,  
Como ao romper do sol se esváe a sombra !  
É vida de martyrios que enlouquecem,  
D'anciedade que mata ! — Oh! muito amada  
Luz desta alma, que a dôr me vai gastando  
Com viver sem ti n'um ermo triste,  
Sem qu'eu te escute a voz, sem que os teus olhos

Me fallem da tua alma a cada instante ?  
 Nunca t'eu víra, nem me víras nunca,  
 Menos agra talvez nos fosse a vida. »

Com voz que os seios d'alma penetrava  
 Respondia a donzella : « O fado ás vezes  
 Cança de ser cruel ! — Quem sabe ! — Um dia  
 Este pezar será, que ora passamos,  
 Grato de ser lembrado : espera ainda. »  
 « Espero, — oh ! inda espero ; mas a esp'rança,  
 Ao passo que meus dias se devolvem,  
 De tanto se alongar me vai fugindo.  
 Rico e nobre é teu pai ; seus feitos vôão  
 De bocca em bocca — em longa serie illustre,  
 Não denegrída, não cortada : o orgulho  
 De rico e d'infanção, que tanto o exalta,  
 Ergueu alta barreira entre nós ambos. »

« Qu'importa ! o nosso amor é mais valente :  
 Iremos ambos a seus pés lançar-nos,  
 Dizer que a nossa vida pende agora  
 Do nosso amor. — Ha de escutar-me affavel,  
 A mim que mais que a vida estima e préza,  
 Ultimo allivio dos seus curtos dias. »

Eis nisto sobrevem o pai turbado,  
 A quem roaz suspeita rouba o somno ;  
 Mal vê o arrojo do mancebo, e a filha,  
 Que mâncha os seus brasões, prorompe irado :

« Mal haja o vil, o seductor corrupto,  
 Que tantos annos de honradez deslustra,  
 Cobrindo a virgem de vergonha ; e ao velho  
 D'opprobrio e negra infamia ! » Assim dizendo,

Leva a tremula mão da clara espada.  
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,  
Que sobre o peito inerme cruza os braços,  
E não descóra, nem recúa. A virgem,  
Que um amavel terror empallidece,  
Cobrinco com seu corpo o corpo d'elle,  
Não teme a folha tremula, que oscilla  
Na mão que os muitos annos já cansarão :  
A vida off'rece a quem lhe dera a vida,  
Que a amava tanto ! — seu amor confessa,  
Finezas d'elle, que a vencêra amando,  
Extremos de ambos que viver não podem,  
Não sabem desunidos. Rude o velho  
Medita e scisma, e conhecer intenta  
O amor do joven ; quer talvez proval-o,  
Talvez do extranho arrojo quer punil-o.  
Ergue-se perto um monte de granito  
Altivo, colossal, — no cimo erguido  
Nenhuma flôr brotou, nenhum arbusto  
Prestou-lhe grata sombra, onde asylo  
Canoro rouxinol soltasse o canto.  
Com gesto brusco e breve o mostra ao joven,  
E diz-lhe em voz, d'onde o furor transpira :  
« Se deste monte o pincaro vingares,  
Tendo nos braços a mulher que adoras,  
Sem que descances... « — Se o vingar?... « É tua :  
Mas ai de ti, ai della, se esmoreces,  
Se a offerta illudes, se tua alma fraca  
Aos teus desejos inferior se mostra !... »

É tua ! — Estas palavras no mancebo  
Coárão grato enleio ; — gota amiga  
D'orvalho no Sahrá, clarão nas trevas,

Brando calor nos pólos. — Minha! minha!  
 Como louco bradava, e nos seus braços  
 Tomou, correndo, a virgem delicada!

---

CANTO II

Oh! que ditoso par! os corpos de ambos,  
 Que o amor ligára, estreitamente unidos,  
 Lá vão, como um só vulto, indivisíveis.  
 Prende o mancebo nos nervosos braços  
 O leve corpo della, doce, eburneo,  
 Elastico e tão meigo!... Oh! que não possa  
 Linguagem d'homem retratar ao vivo  
 O arroubo estreme, os extasis divinos,  
 De quando a vez primeira, entre deliquios,  
 Unimos contra o peito, arfando, ardente,  
 Uns peitos que se elevão, que se abatem,  
 Que suspirão por nós! — Os olhos d'ambos  
 Scintillavão de amor! halito ardente  
 Crestava os labios d'ambos, derramando  
 Mais do que vida, do que amor, nas faces  
 Que em vivo fogo ardião. Amorosa,  
 Porque mais leve se tornasse, a virgem,  
 Lançando ao collo delle os niveos braços,  
 Meia suspensa lhe dizia :

« Amado,  
 Não tenhas nimio ardor; sê mais prudente,  
 Calcula os passos, mede-os; ouço as pedras  
 Rolar-te sob os pés : mais vagaroso  
 Caminha ; a queda é morte, o afan, a pressa

Quebra o arrojo, enfraquece : alcantilado  
É deste monte o cume, — falta muito,  
E do rosto o suor te corre em fios. »

« Não sabes ! por te amar daria a vida,  
Até a gota extrema, que em meu peito,  
Qu'inda em meu coração girar sentisse ;  
E quando a propria vida me faltára,  
Minha alma, e o que me espera além da morte,  
Daria por te amar. — É fraca a prova  
De soffrer doce peso algumas horas  
Por viver em delicias longos annos. »

Anima-se, prosegue mais brioso,  
Sorvendo sob os pés a senda ingrata.  
Immensa multidão, a quem tal caso  
Alli reúne, e tem como suspensa,  
Applaudes entusiasta, brada, clama,  
Da base da montanha... infindos rogos  
Eleva, exalta ao céo : — coragem ! grita ;  
Gentil mancebo, alento ! — Fraca, incerta,  
Chegava ao par amante a voz ruidosa.  
O mancebo feliz todo se embebe  
No futuro gozar dos seus amores.  
Bagas e bagas de suor crecção  
Na frente afogueada ; o rosto acceso  
Ao desejado fim dos seus trabalhos  
Volvia : a casta virgem, desprendendo  
A loura trança, avelutada e longa,  
Tentou limpar-lhe o rosto : mal sentira  
A fragrancia, o contacto, o sangue em ondas  
Correu-lhe ao coração, a côr das faces  
Sumio-se de relance. — Soffres ! soffres !

Inquieta a virgem perguntava. O triste  
Começou de correr com novo alento.

« A trança, a loura trança me electrisa,  
Requeima o sangue e a pelle, inflamma e cega!  
Querida, amada, mais que tudo amada,  
Luz da minha alma, norte meu, feitiço  
Desta existencia, que sem ti é morte,  
Oh! não queiras, por Deos, tirar-me as forças! »

Bradava assim, correndo; já mais fraco,  
Inda mais fraco sente-se; caminha.

« Ouves? a bella virgem lhe dizia :  
Quando assentares que vencer não podes  
Esta ingreme costeira, não m'o digas;  
Porém ao fundo abysmo negrejante,  
Que a nossos pés terrifico se cava,  
Ah! leva-me, por Deos, presa em teus braços,  
E esta vida contigo alli se acabe. »

« Que fallas em morrer, tão nova ainda!  
Soluçava o mancebo : oh! não, mais dias  
Nos restão, mais felizes, — outros annos,  
Outros tempos de amor, que estes não sejam. »

Já se apressa, já corre! — O povo amigo  
— Coragem! com mais força lhe gritava.  
Açodado correu por longo espaço,  
Salvando d'asp'ra senda as pedras soltas;  
Porém, do afan, por fim, quasi vencido,  
Com voz, louca de amor, bradava o triste :

« Oh! como é doce este romper da aurora!  
A brisa da manhã, como é suave!  
Secca-me as bagas de suor do rosto,  
Humedece-me os labios resequidos,  
E outra vida melhor m'influe no peito.

E após instantes, proseguio mais baixo :  
 « Quebrou-me este lutar co'a sorte ingrata,  
 Quasi vencido arquejo, os membros lassos  
 Movo a custo arrastados; mas espero...  
 Oh! inda espero de chamar-te minha,  
 De haver-te em premio deste afan penoso! »

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,  
 Murmurava a donzella : — Oh! Deos, tão alta!

« Bem alta, sim, porem vingal-a é força :  
 O amor é forte e compassivo : os brios,  
 De que preciso, m'os dará; mas dize,  
 Dize-me tu que serás minha, tudo  
 Que eu perderei, que eu lucrarei contigo,  
 E certo vencerei; — dize-me as doces,  
 Meigas phrases de amor com que eu sohia  
 Esquecer-me da vida agra e pesada,  
 Qu'hei passado sem ti : que em te escutando  
 Esta fadiga esquecerei, lembrado  
 Do que me resta de prazer, de enlevos,  
 D'almas venturas a fruir ditoso.  
 Assim, assim; crava nos meus teus olhos,  
 Teus lindos olhos de um azul tão puro,  
 Como a cerulea côr do céo, das ondas,  
 Por noite estiva e bella. Da tua alma  
 Leio nelles a timida esperança,  
 E como elles espero. — Um beijo, um beijo!  
 Esse macio dos teus labios causão  
 Frenesi que transporta, que enlouquece!  
 Guarda-os por ora : elles suffocão, roubão  
 O alento, a razão; como um cauterio  
 De fogo, inflammão; o ardor, a vida,

Que prestão, são delirio, raiva insana,  
E nutrem como a febre! »

Eis que o mancebo  
Os passos multiplica nessa estrada,  
Que mais se estreita, mais se empina e cresce  
Emfim desapareceu! não toda, resta  
Curta distancia, que vencer é facil;  
Facil, porém a membros não cansados,  
Não exauridos de vigor, em luta  
Perigosa e vital. — Meu Deos, não posso!  
Murmurava entre si, a medo, e quasi  
Reflexo interior do pensamento.

« Um passo mais! » bradava-lhe a donzella,  
Em ancias de transido desespero.  
« Hesitas! desfalleces! pois morramos!  
Placido asylo a campa nos off'rece,  
Da morte o estreito umbral passemos juntos. »

Frequentes sons, agudos, nos ouvidos  
Sente o mancebo; — transtornado o rosto,  
Mal firme sobre os pés, semelha o tronco  
Nutante cerceado, que procura  
O cimo undoso equilibrar nos ares.  
Nada ouvio, nada vio, — nem mesmo o pranto,  
O adeos extremo soluçado á vida  
Risonha e bella e subito cortada,  
Quasi ao romper da aurora. O pranto ardente  
Cahio no peito do mancebo: « Choras!  
Tenho os olhos vendados, mas sentido  
Hei sobre o peito um requeimar de fogo;  
Choras, tu choras! »

Delirante o moço  
De um pulo hardido vinga o resto infando

Da senda malfadada : « És minha ! és minha ! »  
Clama em delirio ; mas a morte o colhe,  
E d'entre os braços da que amava, a arranca !  
Cahio gemendo ; a misera donzella,  
— Oh ! vinde ! soccorrei-me ! repetia,  
Oh ! vinde, que elle expira ! — A turba emtanto  
Enchia os ares de applaudir ruidoso.  
— Soccorrei-me ! bradava enlouquecida ;  
Bradava a turba : — A noiva, a bella noiva !  
Oh ! como os seus cabellos esparzidos  
C'o resplendor do sol pleiteião brilho ? !  
É bella, hardido o noivo... ambos felizes ! —

Lindas capellas de mimosas flôres  
Fabricavão no emtanto : um padre chamão,  
Porque em laço de amor juntasse a ambos ;  
Mas as capellas definhárão tristes  
Em luctuoso esquife : a mesma campa  
Sorveu — leito nefasto — os dois amantes !

Sómente o velho pae do nobre orgulho  
No enterro filial o arranco extremo  
Soltar medita, transformado em pompa.  
Não querendo feliz a filha em vida,  
Ao menos quer no marmore brunido  
Mostrar poder, nobreza, e o esquartelado  
Luctuoso brasão em campo negro.

ereiros,  
tar.

sou ?

## POESIAS AMERICANAS

Les infortunés d'un obscur habitant des bois  
auraient-elles moins de droits à nos pleurs que  
celles des autres hommes ?

CHATEAUBRIAND.

### CANÇÃO DO EXILIO

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,  
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen ?  
Kennst Du es wohl ? — Dahin, dahin !  
Möcht' ich... ziehn.

GOETHE.

Minha terra tem palmeiras,  
Ondé canta o Sabiá ;  
As aves, que aqui gorgeião,  
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,  
Nossas varzeas tem mais flôres,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cisma, — sósinho, á noite,  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra — tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Minha terra — tem primores,  
 Que não encontro eu cá;  
 Em cisma — sósinho, á noite —  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,  
 Sem que eu volte para lá;  
 Sem que desfructe os primores  
 Que não encontro por cá;  
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Coimbra, Julho 1843.

---

O CANTO DO GUERREIRO

I

Aqui na floresta  
 Dos ventos batida,  
 Façanhas de bravos  
 Não gerão escravos,  
 Que estimem a vida  
 Sem guerra e lidar.

— Ouví me, Guerreiros,  
— Ouví meu cantar.

## II

Valente na guerra  
Quem ha, como eu sou ?  
Quem vibra o tacápe  
Com mais valentia ?  
Quem golpes daria  
Fataes, como eu dou ?  
— Guerreiros, ouvi-me ;  
— Quem ha, como eu sou ?

## III

Quem guia nos ares  
A frecha implumada,  
Ferindo uma preza,  
Com tanta certeza,  
Na altura arrojada  
Onde eu a mandar ?  
— Guerreiros, ouvi-me,  
— Ouvi meu cantar.

## IV

Quem tantos imigos  
Em guerras preou ?  
Quem canta seus feitos  
Com mais energia ?

Quem golpes daria  
Fataes, como eu dou ?  
— Guerreiros, ouví-me :  
— Quem ha, como eu sou ?

## V

Na caça ou na lide,  
Quem ha que me affronte ?!  
A onça raivosa  
Meus passos conhece,  
O imigo estremece,  
E a ave medrosa  
Se esconde no céu.  
— Quem ha mais valente,  
— Mais dextro do que eu ?

## VI

Se as matas estrujo  
Co'os sons do Boré,  
Mil arcos se encurvão,  
Mil setas lá vôão,  
Mil gritos rebôão,  
Mil homens de pé  
Eis surgem, respondem  
Aos sons do Boré!  
— Quem é mais valente,  
— Mais forte quem é ?

## VII

Lá vão pelas matas ;  
Não fazem ruido :  
O vento gemendo  
E as matas tremendo  
E o triste carpido  
D'uma ave a cantar, —  
São elles — guerreiros,  
Que faço avançar.

## VIII

E o Piaga se ruge  
No seu Maracá,  
A morte lá paira  
Nos ares frechados,  
Os campos juncados  
De mortos são já :  
Mil homens vivêrão,  
Mil homens são lá.

## IX

E então se de novo  
Eu toco o Boré ;  
Qual fonte que salta  
De rocha empinada,  
Que vai marulhosa,  
Freme e queixosa

Que a raiva apagada  
 De todo não é,  
 Tal elles se escôão  
 Aos sons do Boré.  
 — Guerreiros, dizei-me,  
 — Tão forte quem é ?

---

### O CANTO DO PIÁGA

#### I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,  
 Ó Guerreiros da tribu Tupi,  
 Fallão Deoses nos cantos do Piága,  
 Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —  
 Anhangá me vedava sonhar !  
 Eis na horrivel caverna, que habito,  
 Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,  
 Manitôs ! que prodigios que vi !  
 Arde o páo de resina fumosa,  
 Não fui eu, não fui eu, que o accendi !

Eis rebenta a meus pés um phantasma,  
 Um phantasma d'immensa extensão ;  
 Liso craneo repousa a meu lado,  
 Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,  
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,  
Frio horror me cõou pelos membros,  
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,  
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.  
Fallão Deoses nos cantos do Piága,  
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

## II

Porque dormes, ó Piága divino?  
Começou-me a Visão a fallar:  
Porque dormes? O sacro instrumento  
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume  
Toda a face do sol offuscar;  
Não ouviste a coruja, de dia,  
Sons estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma  
Sem aragem — vergar-se e gemer,  
Nem a lua de fogo entre nuvens,  
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piága divino!  
E Anhangá te prohiibe sonhar!  
E tu dormes, ó Piága, e não sabes,  
E não podes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,  
Ouve os sons do fiel Maracá;  
Manitôs já fugirão da Taba!  
Ó desgraça! ó ruina! ó Tupá!

## III

Pelas ondas do mar sem limites  
 Basta selva, sem folhas, hi vem;  
 Hartos troncos, robustos, gigantes;  
 Vossas matas taes monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente  
 — Brenha espessa de vario cipó —  
 Dessas brenhas contêm vossas matas,  
 Taes e quaes, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,  
 Brancas azas abrindo ao tufão,  
 Como um bando de candidas garças,  
 Que nos ares pairando — lá vão.

Oh ! quem foi das entranhas das aguas,  
 O marinho arcabouço arrancar ?  
 Nossas terras demanda, fareja...  
 Esse monstro... — o que vem cá buscar ?

Não sabeis o que o monstro procura ?  
 Não sabeis a que vem, o que quer ?  
 Vem matar vossos bravos guerreiros,  
 Vem roubar-vos a filha, a mulher !

Vem trazer-vos crueza, impiedade,  
 Dons crueis do cruel Anhangá;  
 Vem quebrar-vos a maça valente,  
 Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pezadas,  
 Com que a tribu Tupi vai gemer;

Hão de os velhos servir-lhe de escravos,  
Mesmo o Piága inda escravo ha de ser !

Fugireis procurando um asilo,  
Triste asilo por invio sertão ;  
Anhangá de prazer ha de rir-se,  
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piagá, conjura,  
Susta as iras do féro Anhangá.  
Manitôs já fugirão da Taba,  
Ó desgraça ! ó ruina ! ó Tupá !

---

### O CANTO DO INDIO

Quando o sol vae dentro d'agoa  
Seus ardores sepultar,  
Quando os passaros nos bosques  
Principião a trinar ;

Eu a vi, que se banhava...  
Era bella, ó Deoses, bella,  
Como a fonte cristallina,  
Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,  
Porque eu te visse assim, como te via,  
Calcára agros espinhos sem queixar-me,  
Que antès me dera por feliz de ver-te.

O tacápe fatal em terra estranha  
 Sobre mim sem temor veria erguido ;  
 Dessem-me a mim sómente vêr teu rosto  
 Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabellos,  
 Pelas agoas se espalhavão,  
 Pelas agoas, que de vel-os  
 Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o collo eburneo,  
 Porque melhor os colhesse ;  
 Niveo collo, quem te visse,  
 Que de amores não morresse !

Passára a vida inteira a contemplar-te,  
 Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,  
 Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,  
 Sem que o som do Boré que incita á guerra  
 Me infiltrasse o valor que m'has roubado,  
 Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

Às vezes, quando um sorriso  
 Os labios seus entreabria,  
 Era bella, oh ! mais que a aurora  
 Quando a raiar principia.

Outra vez — d'entre os seus labios  
 Uma voz se desprendia ;  
 Terna voz, cheia de encantos,  
 Que eu entender não podia.

Que importa ? Esse fallar deixou-me n'alma  
 Sentir d'amores tão sereno e fundo,  
 Que a vida me prendeu, vontade e força.

Ah! que não queiras tu viver commigo,  
 Ó Virgem dos Christãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,  
 Ella surgio toda núa ;  
 Onde ha, ó Virgem, na terra  
 Formosura como a tua ?

Bem como gotas de orvalho  
 Nas folhas de flôr mimosa,  
 Do seu carpo a onda em fios  
 Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha  
 Aqui dos meus irmãos, qual sou rei delles !  
 Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa :  
 Odeio tanto os teus, como te adóro ;  
 Mas queiras tu ser minha, que eu prometto  
 Vencer por teu amor meu odio antigo,  
 Trocar a maça do poder por ferros  
 E ser, por te gozar, escravo delles.

---

### CAXIAS

Quanto es bella, ó Caxias! — no deserto,  
 Entre montanhas, derramada em valle  
 De flores perennaes,  
 És qual tenue vapor que a brisa espalha  
 No frescor da manhã meiga soprando  
 Á flor de manso lago.

Tu es a flôr que despontaste livre  
 Por entre os troncos de robustos cedros,  
     Forte — em gleba inculta;  
 És qual gazella, que o deserto educa,  
 No ardor da sésta debruçada exangue  
     Á margem da corrente.

Em molle seda as graças não escondes,  
 Não cinges d'oiro a fronte que descanças  
     Na base da montanha;  
 És bella como a virgem das florestas,  
 Que no espelho das aguas se contempla,  
     Firmando em tronco annoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes  
 Dos, que ora trajas, simpleses ornatos  
     E amavel desalinho:  
 Da pompa e luxo amiga, hão de cahir-te  
 Aos pés então — da poesia a c'roa  
     E da innocencia o cinto.

---

### DEPRECAÇÃO

Tupan, ó Deus grande ! cobriste o teu rosto  
 Com denso velamen de pennas gentís;  
 E jazem teus filhos clamando vingança  
 Dos bens que lhes déste da perda infeliz!

Tupan, ó Deus grande ! teu rosto descobre:  
 Bastante soffremos com tua vingança!  
 Já lagrimas tristes chorarão teus filhos,  
 Teus filhos que chórão tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe  
Os homens que o raio manejão cruentos,  
Que vivem sem patria, que vagão sem tino  
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisão, e os campos e os rios  
Que assaltão, são nossos ; tu és nosso Deus :  
Porque lhes concedes tão alta pujança,  
Se os raios de morte, que vibrão, são teus ?

Tupan, ó Deus grande ! cobriste o teu rosto  
Com denso velamen de pennas gentís ;  
E jazem teus filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,  
No albor da manhã oh ! quão fortes que os vi !  
A morte pousava nas plumas da frecha,  
No gume da maça, no arco Tupi !

E hoje em que apenas a enchente do rio  
Cem vezes hei visto crescer e baixar...  
Já restão bem poucos dos teus, qu'inda possão  
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavão terror,  
Teus filhos enchião as bordas do mar,  
As ondas coalhavão de estreitas igáras,  
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não cáção nas matas frondosas  
A corça ligeira, o trombudo coati...  
A morte pousava nas plumas da frecha,  
No gume da maça, no arco Tupi !

O Piága nos disse que breve seria,  
 A que nos infliges cruel punição;  
 E os teus inda vagão por serras, por valles,  
 Buscando um asilo por invio sertão !

Tupan, ó Deus grande ! descobre o teu rosto  
 Bastante soffremos com tua vingança !  
 Já lagrimas tristes chorárão teus filhos,  
 Teus filhos que chórão tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, resurjão os bravos,  
 Que eu vi combatendo no albor da manhã;  
 Conheção-te os féros, confessem vencidos  
 Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupan !

---

### TABYRA

#### DEDICATORIA AOS PERNAMBUCANOS

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,  
 Veneza Americana, transportada  
 Boiante sobre as agoas !

Amigo genio te formou na Europa,  
 Genio melhor te despertou sorrindo  
 Á sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra ! são teus montes  
 Arrelvados, innumerados teus valles,  
 Cujas veias são rios !  
 Doces teus prados, tuas varzeas ferteis,  
 Onde reluz o fructo sasonado  
 Entre o matiz das flôres !

Outros, patria d'heroes, teus feitos cantem,  
E a bella historia de colonia exaltem,  
    E os nomes forasteiros ;  
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,  
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos.  
    Espreados no mar !

Ambas vós, sobre tudo americanas,  
Doces flôres dos mares de Colombo,  
    Filhas do norte ardente !  
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas  
Sorrirem d'innocencia á propria imagem,  
    Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós sómente, em vossas matas,  
Colhendo agrestes flôres na floresta,  
    Não respiradas nunca,  
Singelas, como vós, — como vós, bellas,  
Ennastrei-as em forma de grinalda  
    Fino, extremoso amante !

Não vivem muitos as flôres : são meus versos  
Ephemeros como ellas ; côr sem brilho,  
    Ou perfume apagado,  
Ou trino fraco d'ave matutina,  
Ou echo de um baixel que passa ao longe  
    Com descante saudoso.

## TABYRA

*Les peaux rouges, plus nobles, mais plus infortunées que les peaux noires, qui arriveront un jour à la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se refuse à la servitude.*

\*\*\*

É Tabyra guerreiro valente,  
 Cumpre as partes de chefe e soldado;  
 É caudilho de tribu potente,  
 — Tobajaras — o povo senhor;  
 Ninguém mais observa o tratado,  
 Ninguém menos de p'rigos se aterra,  
 Ninguém corre aos acenos da guerra  
 Mais depressa que o bom lidador !

Seu viver é batalha aturada,  
 Dos contrarios a traça aventando;  
 É dispor a cilada arriscada,  
 Onde o imigo se venha metter!  
 Levão noites com elle sonhando  
 Potiguares, que o virão de perto;  
 Potiguares, que assellão por certo  
 Que Tabyra só sabe vencer !

Mil enganos lhe têm já tecido,  
 Mil ciladas lhe têm preparado;  
 Mas Tabyra, fatal, destemido,  
 Tem feitiço, ou encanto, ou condão!  
 Sempre o plano da guerra é frustrado,  
 Sempre bravo fronteiro apparece,  
 Que os enganos crueis lhes destece,  
 Face a face, arco e setas na mão.

Já dos Luzos o troço apoucado,  
Paz firmando com elle traidora,  
Dorme illeso na fé do tratado,  
Que Tabyra é valente e leal.  
Sem Tabyra dos Luzos que fôra ?  
Sem Tabyra que os guarda e defende,  
Que das pazes talvez se arrepende  
Já feridas outr'ora em seu mal !

Chefe estulto d'um povo de bravos,  
Mas que os piágas victorias te fadem,  
Hão de os teus, miserandos escravos,  
Taes triunfos um dia chorar !  
Caraibas taes feitos applaudem,  
Mas sorrindo vos forjão cadeias,  
E pesadas algemas, e peias,  
Que traidores vos hão de lançar !

Chefe estolido, insano, imprudente,  
Sangue e vida dos teus malbaratas ? !  
Mingua as forças da tribu potente,  
Vencedora da raça Tupi !  
Hão de os teus, acoçados nas matas,  
Mal feridos, sangrentos, ignavos,  
Não podendo viver como escravos,  
Dar o resto do sangue por ti !

Vivem homens de pel' côr da noite  
Neste solo, que a vida embelleza ;  
Podem, servos, debaixo do açoite,  
Nenias tristes da patria cantar !  
Mas o indio que a vida só préza  
Por amor dos combates, e festas  
Dos triunfos sangrentos, e sestas  
Resguardadas do sol no palmar ;

Ocioso, indolente, vadio,  
Ou activo, incançavel, fragueiro ;  
Já nas matas, no bosque erradio,  
Já disposto a lutar, a vencer ;  
Ama as selvas, e o vento palreiro,  
Ama a gloria, ama a vida ; mas antes  
Que viver amargados instantes,  
Quer e póde e bem sabe morrer !

Eia, avante ! ó caudilho valente !  
Potiguares lá vêm denodados ;  
Tão cerrado concurso de gente  
Ninguem vio nestas partes assim !  
Poucos são, mas briosos soldados ;  
Não são homens de aspecto jocundo !  
Restos são, mas são restos d'um mundo ;  
Poucos são, mas soldados por fim !

Os seus velhos disserão comsigo,  
Discutindo os motivos da guerra :  
« É Tabyra — cruel, inimigo,  
Já nem crê, renegado, em Tupan ! »  
Pés robustos lá batem na terra,  
Pó ligeiro se expande nos ares :  
Era noite ! milhar de milhares  
São armados, mal rompe a manhã.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas !  
Confiados, galhardos, lustrosos,  
Vêm bizarros nas armas, nas pennas,  
Atrevidos no accento e na voz !  
Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,  
Sóbe á pressà nas aspas d'um monte :

D'alli brada, postado defronte  
De Tabyra — com geito feroz :

« O Tabyra, Tabyra! aqui so.nos  
A provar nossas forças contigo ;  
Dizes tu que vencidos já fomos!  
Dil'-o tu, não n'ó diz mais ninguem.  
Ora eu só a vós todos vos digo :  
Sois cobardes, irmãos de Tabyra !  
Propagastes solemne mentira,  
Que vencer não sabemos tambem.

« Para o vosso terreiro vos chamo,  
Contra mim vinde todos, — sou forte :  
Occorrei ao meu nobre reclamo !  
Aqui sou, nem me parto d'aqui!  
Vinde todos em densa cohorte :  
Travaremos combate sangrento ;  
Mas por fim do triunfo cruento  
Direis vós se fui eu quem menti. »

Disse o arauto : eis a turba ufanosa  
Lhe responde, arco e setas brandindo,  
Pés batidos, voz alta e ruidosa :  
— Bem fallado, ó guerreiro, mui bem !  
Assim é ; mas Tabyra rugindo,  
Resentido de offensas tamanhas,  
O rancor mal encobre das sanhas,  
Que não lava no sangue de alguem.

Raso outeiro alli perto se off'rece :  
Vinga-o prestes, hardido, açodado !...  
Como leiva de pallida messe,  
Já madura, tremendo no pé.

Todo o campo descobre occupado  
Por guerreiros, — no extremo horisonte  
Não distingue, nas faldas do monte,  
O que é gente, o que gente não é.

Não se abala o preclaro guerreiro,  
Do que vê seu valor não fraqueia ;  
Diz comsigo : « Um só golpe certo  
Vai de todo esta raça apagar !  
Juntos são, mas são meus ! » — Já vozeia :  
Logo os seus lhe respondem gritando,  
Taes rugidos, taes roncões soltando  
Que aos seus proprios devêrão turbar !

Diz a fama que então de assustadas  
Muitas aves que o espaço cruzavão,  
De pavor subitaneo tomadas,  
Descahião pasmadas no chão :  
Já com silvos e atitos voavão  
Muitas outras, que o triste gemido  
No conflicto, abafado e sumido,  
Talvez derão, — mas fraco, mas vão !

Eis que os arcos de longe se encurvão,  
Eis que as setas aladas já voão,  
Eis que os ares se cobrem, se turvão,  
De frechados, de surdos que são.  
Novos gritos mais altos reboão,  
Entre as hostes se apaga o terreno,  
Já tornado apoucado e pequeno,  
Já coberto de mortos o chão !

Peito a peito encontrados afoutos,  
Braço a braço travados briosos,

Fervem todos inquietos, revoltos,  
 Qu'indecisa a victoria inda está.  
 Todos movem tacápes pesados;  
 Qual resvala, qual todo se enterra  
 No inimigo que morde na terra,  
 Que sepulcro talvez lhe será.

« Mas Tabyra ! Tabyra ? que é d'elle ?  
 « Onde agora se esconde o pujante ? »  
 — Não n'ó vedes ? ! — Tabyra é aquelle  
 — Que sangrento, impiedoso lá vai !  
 — Vel-o-heis andar sempre adiante,  
 — Larga esteira de mortos deixando  
 — Traz de si, como o raio cortando  
 — Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

« Foge ! foge ! leal Tobajara ;  
 « Quantos arcos que em ti fazem mira ? ! »  
 — Muitos são ; porém medos encara  
 — Face a face, quem é como eu sou ! —  
 Muitas setas cravejão Tabyra :  
 Bello quadro ! — mas vel-o era horrivel !  
 Porco-espim que sangrado e terrivel  
 Duras cerdas raivando espetou !

Tem um olho d'um tiro frechado !  
 Quebra as setas que os passos lh'impedem,  
 E do rosto, em seu sangue lavado,  
 Frecha e olho arrebatá sem dó !  
 E aos imigos que o campo não cedem,  
 Olho e frecha mostrando extorquidos,  
 Diz, em voz que mais erão rugidos :  
 — Basta, vís, por vencer-vos um só !

E com furia tão grande arremettem,  
Com despêgo tão nobre da vida ;  
Tantos golpes, tão fundos repetem,  
Que senhores do campo já são !  
Potiguares lá vão de fugida,  
Inda á fera mais torva e bravia  
Disputando guarida d'um dia  
No mais fundo do vasto sertão !

Potiguares, que a aurora risonha  
Vio nação numerosa e potente,  
Não já povo na tarde medonha,  
Mas só restos d'um povo infeliz !  
Insepultos na terra inclemente  
Muitos dormem ; mas ha quem lh'inveja  
Essa morte do bravo em peleja,  
Quem a vida do escravo maldiz !

« Este o conto que os Indios contavão,  
« A deshoras, na triste senzala ;  
« Outros homens alli descansavão,  
« Negra pel' ; mas escravos tambem.  
« Não choravão ; sómente na falla  
« Era um quê da tristeza que mora  
« Dentro d'alma do homem que chora  
« O passado e o presente que tem ! »

---

Mas elles respondem ; « Teus longos cabellos,  
« São loiros, são bellos,  
« Mas são annelados ; tu es Marabá :  
« Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,  
« Cabellos compridos,  
« Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá. »

---

E as doces palavras que eu tinha cá dentro  
A quem n'as direi ?  
O ramo d'acacia na frente de um homem  
Jámais cingirei :

Jámais um guerreiro da minha arasoya  
Me desprenderá :  
Eu vivo sósinha, chorando mesquinha,  
Que sou Marabá !

---

### CANÇÃO DO TAMOYO

NATALICIA

#### I

Não chores, meu filho ;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida ;  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos,  
Só póde exaltar.

## II

Um dia vivemos !  
O homem que é forte  
Não teme da morte ;  
Só teme fugir ;  
No arco que entesa  
Tem certa uma presa,  
Quem seja tapuya,  
Condor ou tapyr.

## III

O forte, o cobarde  
Seus feitos inveja  
De o ver na peleja  
Garboso e feroz ;  
E os tímidos velhos  
Nos graves concelhos,  
Curvadas as fronte,  
Escutão-lhe a voz !

## IV

Domina, se vive ;  
Se morre, descança,  
Dos seus na lembrança,  
Na voz do porvir.  
Não cures da vida !  
Sê bravo, sê forte !  
Não fujas da morte,  
Que a morte ha de vir !

## V

E pois que és meu filho,  
Meus brios reveste :  
Tamoyo nasceste,  
Valente serás.  
Sê duro guerreiro,  
Robusto, fragueiro,  
Brasão dos tamoyos  
Na guerra e na paz.

## VI

Teu grito de guerra  
Retumbe aos ouvidos  
D'imigos transidos  
Por vil commoção ;  
E tremão d'ouvil-o  
Peior que o sibilo  
Das setas ligeiras,  
Peior que o trovão.

## VII

E a mãe nessas tabas,  
Querendo calados  
Os filhos creados  
Na lei do terror ;  
Teu nome lhes diga,  
Que a gente inimiga  
Talvez não escute  
Sem pranto, sem dôr !

## VIII

Porém se a fortuna,  
Trahindo teus passos,  
Te arroja nos laços  
Do imigo fallaz !  
Na ultima hora  
Teus feitos memora  
Tranquillo nos gestos,  
Impavido, audaz.

## IX

E cãe como o tronco  
Do raio tocado,  
Partido, rojado  
Por larga extensão ;  
Assim morre o forte !  
No passo da morte  
Triunfa, conquista  
Mais alto brasão.

## X

As armas ensaia,  
Penetra na vida :  
Pesada ou querida,  
Viver é lutar.  
Se o duro combate  
Os fracos abate,  
Aos fortes, aos bravos,  
Só póde exaltar.

## A MANGUEIRA

Já viste cousa mais bella  
Do que uma bella mangueira,  
E a doce fruta amarella,  
Sorrindo entre as folhas della,  
E a leve copa altaneira?  
Já viste cousa mais bella  
Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdores  
Se embalança o passarinho;  
Todo é graça, todo amores,  
Decantando seus ardores  
Á beira do casto ninho:  
Nos seus alegres verdores  
Se embalança o passarinho!

O cançado viandante  
Á sombra della acha abrigo;  
Traz-lhe a aragem susurrante,  
Que lhe passa no semblante,  
Talvez o adeos d'um amigo;  
E o cançado viandante  
Á sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama  
Todas as dôres acalma;  
Seja dôr que o peito inflamma,  
Ou voraz, nociva chamma  
Que nos mora dentro d'alma,  
A sombra que ella derrama  
Todas as dôres acalma.

O mancebo namorado  
Para ella se encaminha ;  
Bate-lhe o peito açodado,  
Quando chega o prazo dado,  
Quando ao tronco se avisinha,  
E o mancebo namorado  
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa  
Mil suspiros se entrelação,  
E d'uma hora aventureosa  
Guarda a prova a casca annosa  
Nas cifras que alli se abração :  
Sob a copa venturosa  
Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,  
Abrigo dos que o não tem,  
Deixa-me ouvir teus cantores,  
Admirar teus verdores ;  
Presta-me abrigo tambem,  
Grata estação dos amores,  
Abrigo dos que o não tem !

---

### A MÃE D'AGUA

« Minha mãe, olha aqui dentro,  
Olha a bella creatura,  
Que dentro d'agoa se vê !  
São d'ouro os longos cabellos,

Gentil a doce figura,  
Airosa, leve a estatura;  
Olha, vê no fundo d'agua  
Que bella moça não é!

« Minha mãe, no fundo d'agua  
Vê essa mulher tão bella !  
O sorrir dos labios della,  
Inda mais doce que o teu,  
É como a nuvem rosada,  
Que no romper da alvorada,  
Passa risonha no céu.

« Olha, mãe, olha depressa !  
Inclina a leve cabeça  
E nas mãosinhas resume  
A fina trança mimosa,  
E com pente de marfim !  
Olha agora que me avista  
A bella moça formosa,  
Como se fez toda rosa,  
Toda candura e jasmim !  
Dize, mãe, dize: tu julgas  
Que ella se ri para mim !

« São seus labios entre-abertos  
Semelhantes á romã :  
Tem ares d'uma princeza,  
E no emtanto é tão medrosa!...  
Inda mais que minha irmã.  
Olha, mãe, sabes quem é  
A bella moça formosa,  
Que dentro d'agua se vê ? »

— Tem-te, meu filho ; não olhes  
Na funda, lisa corrente :  
A imagem que te embelleza  
É mais do que uma princeza,  
É menos do que é a gente.

— Oh ! quantas mães desgraçadas  
Chorão seus filhos perdidos !  
Meu filho, sabes porquê ?  
Foi porque derão ouvidos  
À leve sombra enganosa,  
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,  
Não é mais que sombra vã ;  
Não vale aquillo que eu valho,  
Nem o que val tua irmã :  
É como a nuvem sem corpo,  
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'agua traidora,  
Que illude os faceis meninos,  
Quando elle são pequeninos  
E obedientes não são ;  
Olha, filho, não a escutes,  
Filho do meu coração :  
O seu sorriso é mentira,  
É terrivel tentação. —

---

Junto ao rio crystallino  
Brincava o ledô menino,  
Molhando o pé ;

O fresco humor o convida,  
Menos que a imagem querida,  
Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,  
Ouve um conselho prudente,  
Que a mãe lhe dá;  
Não é anjo, não é fada;  
Mas uma bruxa malvada,  
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos  
Para os tragar pequeninos,  
Ou mais talvez!  
E para vingar-se n'agoa  
Da causa de tanta mágoa,  
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,  
Já não vê o bello infante  
A sombra vã,  
E as brancas mãos delicadas  
E as longas tranças douradas  
Da sua irmã.

O menino arrependido  
Diz comsigo entristecido :  
— Que mal fiz eu!  
Minha mãe, bem que indulgente,  
Só por não me ver contente,  
Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella!  
E que expressão tão singela,

Que riso o seu !  
 Oh ! minha mãe certamente  
 Só por não me ver contente,  
 Me repr'hendeu !

Espreita, sim, mas duvída  
 Que a bella imagem querida  
 Torne a volver ;  
 E na fonte crystallina  
 Para ver todo se inclina  
 Se a póde ver !

Acha-se ainda turbada,  
 E a bella moça agastada  
 Não quer voltar ;  
 Sacode leve a cabeça,  
 Emquanto o pranto começa  
 A borbulhar.

E de triste e arrependido  
 Diz consigo entristecido :  
 — Que mál fiz eu !...  
 — Leda ao ver-me parecia,  
 — Era boa, e me sorria...  
 — Que riso o seu !

---

As aguas no emtanto de novo se aplacão,  
 A lisa corrente se espelha outra vez ;  
 E a imagem querida no fundo apparecê  
 Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trazia pendente,  
Cortando-lhe o seio de brancos jasmims,  
Um iris nas côres, e as franjas bordadas  
De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,  
Gemendo queixosa da leve pressão,  
Como harpas ethereas, que as brisas conversão,  
Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,  
E o bello menino, sentado, a chorar  
« Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito ;  
Por minha vontade não hei de tornar ! »

A harpa dourada de subito vibra,  
A charpa se agita do seio ao travez ;  
Das franjas garbosas as pedras reflectem  
Infundos luzeiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão  
No fundo luzente de puro crystal ;  
Fantasticos seres assomão ás grutas  
Do nilido ambar, do vivo coral !

Emtanto o menino se curva e se inclina  
Por ver mais de perto a donosa visão ;  
A mãe, longe d'elle dizia : — Meu filho,  
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

---

« Vem meu amigo » dizia  
A bella fada engraçada,  
Pulsando a harpa dourada :

« Sou boa, não faço mal,  
Vem ver meus bellos palacios,  
Meus dominios dilatados  
Meus thesouros encantados  
No meu reino de crystal.

« Vem, te chamo : vê a lympha  
Como é bella e crystallina ;  
Vê esta areia tão fina,  
Que mais que a neve seduz !  
Vem, verás como aqui dentro  
Brincão mil leves amores,  
Como em listas multicores  
Do sol se desfaz a luz.

« Se não achas borboletas  
Nem as vagas mariposas,  
Que brincão por entre as rosas  
Do teu ameno jardim ;  
Tens mil peixinhos brilhantes,  
Mais luzentes e mais bellos  
Que o oiro dos meus cabellos,  
Que a nitidez do setim. »

---

Emtanto o menino se curva e se inclina  
Por ver de mais perto a donosa visão ;  
E a mãe, longe d'elle, dizia : — Meu filho,  
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

---

« Vem, meu amigo, tornava  
A bella fada engraçada,  
Vem ver a minha morada,  
O meu reino de crystal :  
Não se sente a tempestade .  
Na minha espaçosa gruta,  
Nem voz do trovão se escuta  
Nem roncões do vendaval.

« Aqui, ao findar do dia,  
Tudo rapido se accende,  
E o meu palacio resplende  
De vivo, ethereo clarão.  
Mil figuras apparecem,  
Mil donzellas encantadas  
Com angelicas toadas  
De ameigar o coração.

« Quando passo, as brandas aguas  
Por me ver passar se afastão,  
E mil estrellas se engastão  
Nas paredes de crystal.  
Surgem luzes multicores,  
Como desses pyrilampos,  
Que tu vês andar nos campos,  
Sem comtudo fazer mal.

« Quando passo, mil sereias,  
Deixando as grutas limosas,  
Formão ledas, pressurosas  
O meu sequito real :  
Vem! dar-te hei meus palacios  
Meus dominios dilatados,

Meus thesouros encantados  
E o meu reino de crystal. »

---

Emtanto o menino se curva e se inclina  
Para a visão ;  
E a mãe lhe dizia : — Não vejas, meu filho,  
Que é tentação. —

E o bello menino, dizendo comsigo  
— Que bem fiz eu ! —  
Por ver o thesouro gentil, engraçado,  
Que já é seu,

Atira-se ás aguas : n'um grito medonho  
A mãe lastimavel — Meu filho ! — bradou :  
Respondem-lhe os echos ; porém voz humana  
Aos gritos da triste não torna : — Aqui estou ?

---

# OS TYMBIRAS

POEMA AMERICANO

O. D. C.

A S. M. O SR. D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL



# OS TYMBIRAS

---

## INTRODUÇÃO

---

Os ritos semibárbaros dos Piágas,  
Cultores de Tupan, e a terra virgem  
D'onde, como d'um throno, emfim se abrirão  
Da cruz de Christo os piedosos braços ;  
As festas, e batalhas mal sangradas  
Do povo Americano, agora extinto,  
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra  
Do selvagem guerreiro !... Torvo o aspecto,  
Severo e quasi mudo, a lentos passos,  
Caminha incerto, — o bipartido arco  
Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros  
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,  
Agora inuteis setas, vão mostrando  
A marcha triste e os passos mal seguros  
De quem, na terra de seus paes, embalde  
Procura asylo, e foge o humano trato.

Quem pudera, guerreiro, nos seus cantos  
 A voz dos piágas teus um só momento  
 Repetir : essa voz que nas montanhas  
 Valente retumbava, e dentro d'alma  
 Vos ia derramando arrojo e brios,  
 Melhor que taças de cauim fortissimo?!  
 Outra vez a chapada e o bosque ouvirão  
 Dos filhos de Tupan a voz e os feitos  
 E as pocemas de morte, levantadas  
 Dentro do circo, onde o fatal delicto  
 Expia o malfadado prisioneiro,  
 Qu'enxerga a maça e sente a mussurana  
 Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o corpo :  
 E só de os escutar mais forte accento  
 Haverião de achar nos seus refulhos  
 O monte e a selva e novamente os échos.

Como os sons do boré, sôa o meu canto  
 Sagrado ao rudo povo americano :  
 Quem quer que a natureza estima e preza  
 E gôsta ouvir as empoladas vagas  
 Bater gemendo as cavas penedias,  
 E o negro bosque susurrando ao longe —  
 Escute-me. — Cantor modesto e humilde,  
 A fronte não cingi de myrto e louro,  
 Antes de verde rama engrinaldei-a,  
 D'agrestes flôres enfeitando a lyra ;  
 Não me assentei nos cimos do Parnaso,  
 Nem vi correr a lympha da Castalia.  
 Cantor das selvas, entre bravas mattas  
 Aspero tronco da palmeira escolho.  
 Unido a elle soltarei meu canto,  
 Emquanto o vento nos palmares zune,  
 Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes :  
As lagrimas do orvalho por ventura  
Da minha lyra distendendo as cordas,  
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.  
Talvez o lenhador quando acommette  
O tronco d'alto cedro corpulento,  
Vem-lhe tingido o fio da segure  
De puro mel, que abelhas fabricarão,  
Talvez tambem nas folhas que engrinaldo,  
A acacia branca o seu candor derrame  
E a flôr do sassafras se estelle amiga.

---

## CANTO PRIMEIRO

---

Sentado em sitio escuso descansava  
Dos Tymbiras o chefe em tronco annoso,  
Itajuba, o valente, o destemido  
Acoçador das feras, o guerreiro  
Fabricador das incansaveis lutas.  
Seu pae, chefe tambem, tambem Tymbira  
Chamava-se o Jaguar : delle era fama  
Que os musculosos membros repellião  
A frecha sibilante, e que o seu craneo  
Da maça aos tesos golpes não cedia.  
Cria-se... e em que não crê o povo estulto ?  
Que um velho piága na espelunca horrenda  
Aquelle encanto, inutil n'um cadaver,  
Tirára ao pae defuncto, e ao filho vivo  
Inteiro o transmittira ; é certo ao menos  
Que durante uma noite juntos forão  
O moço e o velho e o pallido cadaver.

Mas, acertando um dia estar occulto  
N'um denso tabocal, onde perdêra  
Traços de fera, que revêr cuidava,

Seta ligeira atravessou-lhe um braço.  
Mão d'imigo traidor a disparára,  
Ou fôra algum dos seus, que receioso  
Do mal causado, emmudeceu prudente.

Relata o caso, irreflectido, o chefe.  
Mal crido foi ! — por abonar seu dito,  
Redobra d'imprudencia, — mostra aos olhos  
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.  
A fama vôa, as tribus inimigas  
Adunão-se, amotinão-se os guerreiros  
E as boccas dizem : o Tymbira é morto !  
Outras emendão : Mal ferido sangra !  
Do nome do Itajuba se despega  
O medo, — um só desastre venha, e logo  
Esse encanto vae prestes converter-se  
Em riso e farça das nações vizinhas !  
Os Manitôs, que morão pendurados  
Nas tabas d'Itajuba, que as protejão ;  
O terror do seu nome já não vale,  
Já defensão não é dos seus guerreiros!

Dos Gamellas um chefe destemido,  
Gioso d'alcançar renome e gloria,  
Vencendo a fama que os sertões enchia,  
Sahio primeiro a campo, armado e forte ;  
Guedelha e ronco dos sertões immensos,  
Guerreiros mil e mil vinhão traz elle,  
Cobrindo os montes e juncando as mattas.  
Com pejado carcaz de ervadas setas  
Tingidas d'urucú, segundo a usança  
Barbara e fera, desgarrados gritos  
Davão no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado  
 O rei das selvas a propôr combate  
 Dos Tymbiras ao chefe. — « A nós só caiba  
 (Disse elle) a honra e a gloria ; entre nós ambos  
 Decida-se a questão do esforço e brios.  
 Estes, que vês, impavidos guerreiros,  
 São meus, que me obedecem ; se me vences,  
 São teus ; se és o vencido, os teus me sigão :  
 Aceita ou foge, que a victoria é minha. »

— Não fugirei, responde-lhe Itajuba :  
 Que os homens, meus iguaes, encarão fito  
 O sol brilhante, e os não deslumbra o raio. —

« Serás, poisque me affrontas, torna o barbaro,  
 Do meu valor trophéo, — e da victoria,  
 Qu'hei-de certo alcançar, despojo opimo.  
 Nas tabas em que habito ora as mulheres  
 Tecem da sapucaya as longas cordas,  
 Que os pulsos teus hão-de arrochar-te em breve ;  
 E tu vil, e tu preso, e tu coberto  
 D'escarneo e d'irrisão ! — Cheio de gloria,  
 Além dos Andes voará meu nome ! »

O filho de Jaguar surriou-se a furto .  
 Assim o pae sorri ao filho imberbe,  
 Que desprezado o arco seu pequeno,  
 Talhado para aquellas mãos sem forças,  
 Tenta d'outro maior curvar as pontas  
 Que vezes tres o mede em toda a altura !

Travárão luta fera os dois guerreiros.  
 Primeiro ambos de longe as setas vibrão ;  
 Amigos manitôs, que ambos protegem,

Nos ares as desgarrão. Do Gamella  
Entrou a frecha tremula n'um tronco  
E só parou no cerne ; a do Tymbira,  
Ciciando veloz, fugio mais longe,  
Roçando apenas os frondosos cimos.  
Encontrão-se os tacápes, lá se partem;  
Ambos o punho inutil regeitando,  
Estreitão-se valentes : braço a braço,  
Alentando açodados, peito a peito,  
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe  
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Scena vistosa ! quadro apparatuso !  
Guerreiros velhos, á victoria affeitos,  
Tamanhos campeões vendo n'arena,  
E a luta horrivel e o combate acceso,  
Mudos quedárão de terror transidos.  
Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro  
Sentir o egregio esforço abandonal-o ?  
Perguntão ; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes : o Tymbira hardido,  
Esbelto como o tronco da palmeira,  
Flexivel como a frecha bem talhada,  
Ostenta-se robusto o rei das selvas ;  
Seu corpo musculoso, immenso e forte  
É como rocha enorme, que desaba  
De serra altiva, e cáe no valle inteira.  
Não vale humana força desprendel-a  
D'alli, onde ella está ; fugaz corisco  
Bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separão-se os guerreiros um do outro,  
Foi d'um o pensamento, — a acção foi d'ambos

Ambos arquejão ; descoberto o peito  
 Arfa, estúa, eleva-se, comprime-se,  
 E o ar em ondas soffregos respirão.  
 Cada qual, mais pasmado que medroso,  
 Se estranha a força que no outro encontra,  
 A mal cuidada resistencia o irrita.  
 Itajuba ! Itajuba ! — os seus exclamão.  
 Guerreiro, tal como elle, se descóra  
 Um só momento, é dar-se por vencido.  
 O filho de Jaguar voltou-se rapido.  
 Donde essa voz partio ? quem n'ó aguilhõa ?  
 Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto  
 E os olhos cõr de sangue irados pulão.

« A tua vida a minha gloria insulta ! »  
 Grita ao rival ; « e já de mais viveste. »  
 Disse, e como o condor, descendo a prumo  
 Dos astros, sobre o lhama descuidoso,  
 Pávido o prende nas torcidas garras,  
 E sóbe audaz onde não chega o raio...  
 Vôa Itajuba sobre o rei das selvas,  
 Cinge-o nos braços, contra si o aperta  
 Com força incrível : o colosso vérga,  
 Inclina-se, desaba, cáe de chofre,  
 E o pó levanta e atrõa forte os echos.  
 Assim cáe na floresta um tronco annoso,  
 E o som da queda se propaga ao longe !

O fero vencedor um pé alçando,  
 Morre ! — lhe brada — e o nome teu contigo !  
 O pé desceu, batendo a arca do peito  
 Do exanime vencido : os olhos turvos,  
 Levou, a extrema vez, o desditoso

Áquelles céos d'azul, áquellas mattas,  
Doce coberta de verdura e flôres !

Depois, erguendo o esqualido cadaver  
Sobre a cabeça, horrivelmente bello,  
Aos seus o mostra ensanguentado e torpe :  
Então por vezes tres o horrendo grito  
Do triumpho soltou; e os seus tres vezes  
O mesmo grito em côro repetirão.  
Aquella massa emfim vòa nos ares ;  
Porém na dextra do feliz guerreiro  
Dividem-se entre os dedos as melenas,  
De cujo craneo marejava o sangue !

Transbordando ufania do successo  
Inda recente, recordava as phases  
Orgulhoso o guerreiro ! Ainda escuta  
A dura voz, inda a figura avista  
D'esse, que ousou atravessar-lhe as sanhas :  
Lembra-se ! e da lembrança grato enlevo  
Lhe còa n'alma em fogo : longos olhos,  
Emquanto assim medita, vae levando  
Por onde o céo e as selvas se confundem,  
Por onde o rio, em tortuosos gyros,  
Queixoso lambe as empedradas margens.  
Assim o jugo seu não escorjassem  
Trédos Gamellas c'o a nocturna fuga !  
Perfidos ! o heróe jurou vingar-se !  
Tremei ! qu'ha-de o valente debellar-vos !  
E emquanto segue o céo, e o rio, e as selvas,  
Crescem-lhe brios, força, — alteia o collo,  
Fita orgulhoso a terra, onde não acha,  
Nem crê achar quem lhe resista ; eis n'isto

Reconhece um dos seus, que pressuroso  
Corre a encontral-o, — rapido caminha ;  
Porém d'istante a instante, d'enfiado  
Vólta o pavido rosto, onde se pinta  
O susto vil, que denuncia o fraco.

Ó filho de Jaguar » de longe brada,  
« N'este aperto nos vale, — eil-os se avanção  
Pujantes contra nos, tão bastos, tantos,  
Como enredados troncos na floresta. »

« Tu sempre tremes, Jurucey, » tornou-lhe  
Com voz tranquilla e magestosa o chefe,  
« O mel, que em fallas sem cessar distillas,  
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista :  
Amigos são talvez, amigas tribus,  
Algum chefe, que tem comnosco as armas,  
Em signal d'alliança, espedaçado :  
Vem talvez festejar o meu triumpho,  
E os seus cantores celebrar meu nome, »

« Não ! não ! ouvi o som triste e sonoro  
Das ygaras, rompendo a custo as aguas,  
Dos remos manejados a compasso,  
E os sons guerreiros do boré, e os cantos  
Do combate ; parece, d'irritado,  
Tão grande peso agora a flôr lhe corta,  
Que o rio vae sorver as altas margens. »

— E são Gamellas ? — perguntou-lhe o chefe.  
« Vi-os, tornou-lhe Jurucey, — são elles ! »  
O chefe dos Tymbiras dentro d'alma  
Sentio odio e vingança remordel-o.  
Rugio a tempestade, mas lá dentro ;

Cá fóra retumbou, mas quasi extincta.  
Começa então com voz cavada e surda :

« Irás tu, Jurucey, por mim dizer-lhes :  
Itajuba, o valente, o rei da guerra,  
Fabricador das incansaveis lutas,  
Emquanto a maça não sopesa, enquanto  
Dormem-lhe as setas no carcaz immoveis,  
Offrece-vos liança e paz ; — não ama,  
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,  
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.  
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,  
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,  
Cahidas a seus pés, a voz lhe escutão.  
Vós outros, attendei, — cortai nas mattas  
Troncos robustos e frondosas palmas,  
E construi cabanas, — onde o corpo  
Cahio do rei das selvas, — onde o sangue  
D'aquelle heróe vossa perfidia atesta.  
Aquella briga emfim de dois, tamanhos,  
Signalai ; porque estranho caminheiro,  
Amigas vendo e juntas noçsas tabas,  
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem :  
Vejo um povo de heróes e um grande chefe ! »

Disse : e vingando o cimo d'alto monte,  
Que em roda largo espaço dominava,  
O atroador memby soprou com força.  
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,  
Convertem-se em guerreiros ; mais depressa,  
Quando sôa o clarim, nuncio de guerra,  
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide  
Co'as crinas fluctuantes, o ginete,  
Impavido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,  
 Galgando valles, combros, serranias,  
 Coalhando o ar e o céu de feios gritos,  
 E folga porque os vê correr tão prestes  
 Aos sons do cavo buzio conhecido,  
 Já tantas vezes repetidos antes  
 Por valles e por serras ; já não póde  
 Numeral-os, de tantos que se apinhão ;  
 Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas  
 Dos seus : « Tupan sorri-se lá dos astros,  
 — Diz o chefe entre si ; — lá, descuidosos  
 Das folganças de Ibáke, heróes tymbiras  
 Contemplão-me, das nuvens debruçados :  
 E por ventura de lhes ser eu filho  
 Enlevão-se, e repetem, não sem gloria,  
 Os seus cantores d'Itajuba o nome. »

Vem primeiro Jucá de féro aspecto.  
 D'uma onça bicolor cae-lhe na fronte  
 A pell' vistosa ; sob as hirtas cerdas,  
 Como sorrindo, alvevão brancos dentes,  
 E nas vasia orbitas lampevão  
 Dois olhos, fulvos, máos. — No bosque, um dia,  
 A traiçoeira fera a cauda enroscá  
 E mira nelle o pulo : do tacápe  
 Jucá desprende o golpe, e furta o corpo :  
 Onde estavão seus pés, as duras garras  
 Encravão-se enganadas, e onde as garras  
 Mordêrão, beija a terra a fera exangue  
 E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,  
 Ita-roca indomavel, — Catucába,  
 Primeiro sempre no combate, — o forte

Juçarána, — Poty ligeiro e dextro,  
 O tardo Japegoá, — o sempre afflicto  
 Piahiba, que espiritos perseguem :  
 Mojacá, Moperéba, irmãos nas armas,  
 Sempre unidos ; ninguém não foi como elles !  
 Lagos de sangue derramarão juntos ;  
 Filhos e paes e mães d'imigas tabas  
 Odeião-nos chorando, e a gloria d'ambos,  
 Assim chorada, mais e mais se exalta :  
 Çamotim, Pirajá, e outros infindos,  
 Heróes tambem, aos quaes faltou sómente  
 Nação menor, menos guerreira tribu.

Japy, o atirador, quando escutava  
 Os sons guerreiros do memby troante,  
 Na tesa corda a frecha embebe inteira,  
 E mira um javali que os alvos dentes,  
 Navalhados, remove : pára, escuta...  
 Volvem-lhe os mesmos sons : bate-lhe o peito,  
 Os olhos pulão, — sólta horrendo grito,  
 Arranca e roça a fera !... a fera attonita,  
 Aterrada, transida, treme, erriça  
 As duras cerdas ; tiritante, pavida  
 Esgazeando os olhos fascinados,  
 Recúa : um tronco só lhe embarga os passos.  
 Por longo tracto, de si mesma alheia,  
 Demora-se, lembrada : a custo o sangue  
 Volve de novo ao costumado gyro,  
 Emquanto o vulto horrendo se recorda !

« Mas onde está Jatyr ? — pergunta o chefe,  
 Que debalde o procura entre os que o cercão :  
 — Jatyr, dos olhos negros, que me luzem,

Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma ;  
 Jatyr, que aos chefes todos anteponho,  
 Cuja bravura e temerario arrojo  
 Fólgo em reger e moderar nos prelios ;  
 Esse, porque não vem, quando vós vindes ? ▀

-- Corre Jatyr no bosque, diz um chefe,  
 Bem sabes como : acinte se desgarrar  
 Dos nossos ; anda só, talvez sem armas,  
 Talvez bem longe : acordo nelle é certo,  
 Creio, de nos tachar assim de fracos ! —

Pae de Jatyr, Ogib, entrára em annos ;  
 Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,  
 Os olhos pouco vêm ; mas de conselho  
 Valioso e prestante. Alli, mil vezes,  
 Havia com prudencia temporado  
 O juvenil ardor dos seus, que o ouvião.  
 Alheio agora da prudencia, escuta  
 A voz que o filho amado lhe crimina.  
 Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,  
 Viva, accesa, antes braza, — o amor paterno :  
 Amor inda tão forte na velhice,  
 Como no dia venturoso, quando  
 Cendy que os olhos seus só virão bella,  
 Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,  
 Carinhosa lh'o deu ; quando na rede  
 Ouvia com prazer as ledas vozes  
 Dos companheiros seus, — e quando absorto,  
 Olhos pregados no gentil menino,  
 Bem longas horas, sim, porém bem doces  
 Levou scismando aventuradas sinas.  
 Alli o tinha, alli meigo e risonho

Aquelles tenros braços levantava ;  
 Aquelles olhos limpidos se abrião  
 Á luz da vida ; candido sorriso,  
 Como o sorrir da flôr no romper d'alva,  
 Radiava-lhe o rosto : quem julgára,  
 Quem pudera aventar, suppôr ao menos  
 Haverem de apertar-se aquelles braços  
 Tão mimosos, um dia, contra o peito  
 Arquejante e cansado, — e aquelles olhos  
 Verterem pranto amargo em soledade ?  
 Incrível ! — porém lagrimas crescerão-lhe  
 Dos olhos, — lá tombou-lhe uma das faces  
 No filho em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudencia,  
 Que ensina, imputações tão más ouvindo  
 Contra o filho querido, acre responde :

« São torpes os anúns que em bandos folgão,  
 São máos os caitetés que em varas pascem :  
 Sómente o sabiá geme sósinho  
 E sósinho o condor aos céos remonta.  
 Folga Jatyr de só viver comsigo :  
 Em bem, que tens agora que dizer-lhe ?  
 Esmaga o seu tacápe a quem vos prende,  
 A quem vos damna, afoga entre os seus braços  
 E em quem vos accomette, emprega as setas.  
 Fraco ! não temes já que te não falte  
 O primeiro entre vós, Jatyr, meu filho ? »

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,  
 Embora o de Jatyr, apregoado  
 Melhor, maior que o seu, a testa enruga  
 E diz severo aos dois qu'inda argumentão :

« Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,  
 Qu'eramos nós crianças, manejava  
 A seta e o arco em defensão dos nossos.  
 Tu, velho, mais prudencia. Entre nós todos  
 O primeiro sou eu : Jatyr, teu filho,  
 É forte e bravo; porém novo. Eu mesmo  
 Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos  
 Noveis applaudo : bem maneja o arco,  
 Vibra certa a frecha; mas... (Sorrindo  
 Prosegue) afóra d'elle inda ha quem saiba  
 Mover tão bem as armas, e nos braços  
 Robustos, afogar fortes guerreiros.  
 Jatyr virá, senão... serei comvosco,  
 (Disse voltado para os seus, que o cercão)  
 E bem sabeis que vos não falto eu nunca. »

Alterção elles nas ruidosas tabas,  
 Emquanto Jurucey com pé ligeiro  
 Caminha : as aves docemente atilão,  
 De ramo em ramo — docemente o bosque  
 A medo rumoreja, — a medo o rio  
 Escôa-se e murmura : um borborinho,  
 Confuso se propaga, — um raio incerto  
 Dilata-se do sol doirando o occaso.  
 Ultimo som que morre, ultimo raio  
 De luz, que treme incerta, quantos entes  
 Oh! quantos! hão de ver a luz de novo  
 E o romper d'alva, e os céus, e a natureza  
 Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos  
 Ouvir das aves timidas no bosque  
 Outra vez ao surgir da nova aurora?

## CANTO SEGUNDO

---

Desdobra-se da noite o manto escuro :  
Leve brisa subtil pela floresta  
Enreda-se e murmura, — amplo silencio  
Reina por fim. Nem saberás tu como  
Essa imagem da morte é triste e torva,  
Se nunca, a sós contigo, a presentiste  
Longe deste zunir da turba inquieta.  
No ermo, sim ; procura o ermo e as selvas...  
Escuta o som final, o extremo alento,  
Que exhala em fins do dia a natureza !  
O pensamento, que incessante vòa,  
Vae do som á mudez, da luz ás sombras  
E da terra sem flôr ao céu sem astro.  
Semelha a fraca luz qu'inda vacilla  
Quando, em ledor saráu, o extremo acorde  
No deserto sálão geme, e se apaga !

Era pujante o chefe dos Tymbiras,  
Sem conto seus guerreiros, tres as tabas,  
Opimas, — uma e uma derramadas  
Em gyro, como dança dos guerreiros.

Quem não folgára de as achar nas mattas?  
Tres flôres em tres hastes differentes  
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas  
Por um laço de amor alli prendidas  
No ermo, mas vivendo aventuradas?  
Deu-lhes assento o heróe entre dois montes,  
Em chã copada de frondosos bosques.  
Alli o cajazeiro as perfumava;  
O cajueiro, na estação das flôres,  
De vivo sangue marchetava as folhas;  
As mangas, curvas á feição de um arco,  
Beijavão-lhes o tecto; a sapucaya  
Lambia a terra, em graciosos laços  
Doces maracujás de espessas ramas  
Sorrião-se pendentes; o páo d'arco  
Fabricava um docel de cróceas flôres,  
E as parasitas de matiz brilhante  
A usnea das palmeiras estrellavão!

Quadro risonho e grande, em que não fosse  
Em granito ou em marmore talhado!  
Nem palacios, nem torres avistáras,  
Nem castellos que os annos vão comendo,  
Nem grimpas, nem zimbórios, nem feitura  
Em pedra, que os humanos tanto exaltão!  
Rudas palhoças só! que mais carece  
Quem ha de ter sómente um sol de vida,  
Jazendo negro pó antes do occaso?  
Que mais? Tão bem a dôr ha de sentar-se  
E a morte revoar tão solta em gritos  
Alli, como nos atrios dos senhores;  
Tão bem a compaixão ha de cobrir-se  
De dó, limpando as lagrimas do afflicto

Incerteza voraz, tímida esp'rança,  
Desejo, inquietação também lá morão :  
Que sóbra pois em nós, que falta nelles?

De Itajuba separão-se os guerreiros ;  
Mudos, ás portas das sombrias tabas,  
Immoveis, nem que fossem duros troncos,  
Pensativos meditão. Já da guerra  
Nada receião, que Itajuba os manda ;  
O encanto, os manitôs inda o protegem,  
Vela Tupan sobre elle, e os santos piágas  
Comprida serie de floridas quadras  
Vêr-lhe asseguração : nem de ha pouco a luta,  
Melhor disseras de renome ensejo,  
Os desmentio, que nunca os piágas mentem.  
Mêdo, certo, não têm ; são todos bravos !  
Porque meditão pois ? Também não sabem !

Sahe o piága no emtanto da caverna,  
Que nunca humanos olhos penetrárão ;  
Com ligeiro sendal os rins aperta,  
Cocar de escuras plumas se debruça  
Da fronte, em que se enxerga em fundas rugas  
O tenaz pensamento afigurado.  
Cercão-lhe os pulsos cascaveis loquazes,  
Respondem outros, no tripudio sacro,  
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio  
Do Deos, que o peito seu, tão fraco, habita.  
E enquanto o fumo lhe volteia em torno,  
Como neblina em torno ao sol que nasce,  
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,  
Sólta do sacro rito os sons cadentes.

« Visita-nos Tupan, quando dormimos,  
É só por seu querer que então sonhamos ;

Escute-me Tupan! Sobre vós outros,  
 Poder do maracá por mim tangido,  
 Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.

« O poder de Anhangá cresce co'a noite;  
 Sólta de noite o máo seus máos ministros :  
 Caraibêbes na floresta accendem  
 A falsa luz, que o caçador transvia.  
 Caraibêbes enganosas fórmãs  
 Dão-nos aos<sup>7</sup>sonhos, quando nós sonhamos.  
 Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,  
 De vós se partãõ ; mas Tupan vos olhe,  
 Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

« Tristonhos pios a acauã desata,  
 Quando ao guerreiro prognostica males ;  
 Tristonhos bandos de urubús vorazes  
 Os sonhos turbãõ das vencidas hostes :  
 Cheios de mêdo os Manitôs desertãõ  
 As tabas mudas, que hãõ de ser calcadas,  
 Já cinza fria, pelo imigo fero.  
 Não fujãõ Manitôs as nossas tabas!  
 Urubús, acauãns nos vossos sonhos,  
 Virtude e força deste meu tripudio,  
 Não se vos pintem; mas Tupan vos olhe,  
 Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!

« O sonho e a vida são dois galhos gêmeos;  
 São dois irmãos que um laço amigo aperta :  
 A noite é o laço ; mas Tupan é o tronco  
 E a seve e o sangue que circula em ambos.  
 Vive melhor quem da existencia ignaro,  
 Na paz da noite, novas forças cria.  
 O louco vive com aferro, enquanto

N'alma lhe ondeião do delirio as sombras,  
De vida espurias ; Deos porém lh'as rompe,  
E na loucura do porvir nos falla !  
Tupan vos olhe, e sobre vós do Ibake  
Os sonhos desção, quando o orvalho desce! »

Assim cantava o piága merencorio,  
Tangia o maracá, dançaava em roda  
Dos guerreiros : pudéra ouvido attento  
Os sons finaes da lagubre toada  
Na placida mudez da noite amiga  
De longe, em côro ouvir : « Sobre nós outros  
Os sonhos desção, quando o orvalho desce. »

Calou-se o piága, já descansão todos !  
Almo Turpan os communique em sonhos,  
E os que sabem tão bem vencer batalhas,  
Quando acordados malbaratão golpes,  
Saibão dormidos figurar triumphos !

Mas que medita o chefe dos Tymbiras ?  
Bosqueja por ventura ardís de guerra,  
Fabrica e enreda as asperas ciladas,  
E a olhos nús do pensamento enxerga  
Desfeita em sangue revolver-se em gritos  
Morte pavida e má?! ou sente e avista,  
Escandecida a mente, o Deos da guerra  
Impavido Areski, sanhudo e forte,  
Calcar aos pés cadaveres sem conto,  
Na dextra ingente sacudindo a maça,  
Donde certa, como o raio, desce  
A morte, e banha-se orgulhosa -- em sangue ?

Al sente o bravo ; outro pensar o occupa !  
Nem Areski, nem sangue se lhe antolha,

Nem resolve comsigo ard.º de guerra,  
 Nem combates, nem lagrimas medita :  
 Sentio calar-lhe n'alma um sentimento  
 Gelado e mudo, como o véo da noite.  
 Jatyr, dos olhos negros, onde pára ?  
 Que faz, que lida? ou que fortuna corre ?  
 Tres sóes já são passados : quanto espaço,  
 Quanto azar não correu nos amplos bosques  
 O impróvido mancebo aventureiro ?  
 Alli na relva a cascavel se esconde,  
 Alli, das ramas debruçado, o tigre  
 Aferra traioeiro a presa incauta !  
 Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,  
 E voz amiga de cantor suave  
 C'os altos feitos lhe embalsame o nome !

Assim discorre o chefe, que em nodoso  
 Tronco rudo-lavrado se recosta :  
 Não tem poder a noite em seus sentidos,  
 Que a mesma ideia de continuo volvem.  
 Vela e treme nos tectos da cabana  
 A baça luz das resinosas tochas,  
 Acres perfumes rescendendo ; — alastrão  
 De rubins côr de brasa a flôr do rio !

» Ouvíra com prazer um triste canto,  
 Diz lá comsigo ; um canto merencorio,  
 Que este presagiò funebre espancasse.  
 Bem sinto um não sei quê aferventar-sc-me  
 Nos olhos, que vae prestes expandir-se :  
 Não sei chorar, bem sei ; mas fôra grato,  
 Talvez bem grato ! á noite, e a sós commigo,  
 Sentir macias lagrimas correndo.  
 O talo agreste de um cipó sem graça

Verte compridas lagrimas cortado;  
 O tronco do cajá desfaz-se em gomma,  
 Suspira o vento, o passarinho canta,  
 O homem chora! eu só, mais desditoso,  
 Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,  
 E quem, feliz, de lagrimas se paga. »

Longo espaço depois fallou comsigo,  
 Mudo e sombrio : « Sabiá das matias,  
 Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),  
 As mais canoras aves, as mais tristes  
 No bosque, a suspirar comtigo aprendão.  
 Canta, poisque trocára de bom grado  
 Os altos feitos pelos doces carmes  
 Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba. »

Emmudeceu : na taba quasi escura,  
 Com pé alterno a dança vagarosa,  
 Aos sons do maracá, traçava os paços.

« Flôr de belleza, luz de amor, Coema,  
 Murmurava o cantor, onde te foste,  
 Tão doce e bella, quando o sol raiava ?  
 Coema, quanto amor que nos deixaste !  
 Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,  
 Tão macios teus olhos ! teus accentos  
 Cantar perenne, tua voz gorgeios,  
 Tuas palavras mel ! O romper d'alva,  
 Se encantos punha a par dos teus encantos,  
 Tentava embalde pleitear comtigo !  
 Não tinha a ema porte mais soberbo,  
 Nem com mais graça recurvava o collo !  
 Coema, luz de amor. onde te foste !

« Amava-te o melhor, o mais guerreiro  
 D'entre nós : elegeu-te companheira,  
 A ti sómente, que só tu achavas  
 Sorriso e graça na presença d'elle.  
 Flôr, que nasceste no musgoso cedro,  
 Cobravas páreas de abundante seiva,  
 Tinhas abrigo e protecção das ramas...  
 Que vendaval te despegou do tronco,  
 E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?  
 Coema, luz de amor, flôr de belleza,  
 Onde te foste, quando o sol raiava ?

« Anhangá rebocou estreita ygara  
 Contra a corrente : Orapacên vem nella.  
 Orapacên, Tupinambá famoso,  
 Conta prodigios d'uma raça estranha,  
 Tão alva como o dia, quanto nasce,  
 Ou como a areia candida e luzente,  
 Que as aguas d'um regado sempre lavão.  
 Raça, a quem os raios promptos servem,  
 E o trovão e o relampago acompanhão.  
 Já de Orapacên os mais guerreiros  
 Mordem o pó, e as tabas feitas cinza  
 Clamão vingança em vão contra os estranhos,  
 Talvez d'outros estranhos perseguidos,  
 Em punição talvez d'atroz delicto.  
 Orapacên, fugindo, brada sempre:  
 — Maír ! Maír ! Tupan ! — Terror que mostra,  
 Brados que sólta, e as derrocadas tabas,  
 Desde Tapuytapéra alto proclamação  
 Do vencedor a indomita pujança.  
 Ai ! não viesse nunca ás nossas tabas  
 O tapuya mendaz, que os bravos feitos

Narrava do Maír ; nunca os ouvíras,  
Flôr de belleza, luz de amor, Coema !

« A cega desventura, nunca ouvida,  
Nos move á compaixão : prestes corremos  
Com ledo gasalhado a restaural-os  
Da vil dureza do seu fado : dormem  
Nas nossas redes, diligentes vamos  
Colher-lhes fructos, — descansados folgão  
Nas nossas tabas : Itajuba mesmo  
Offrece abrigo ao palrador tapuya !  
Hospedes são, nos diz ; Tupan os manda :  
Os filhos de Tupan serão bem vindos,  
Onde Itajuba impera ! — Ai que não erão,  
Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes  
Os vís que o rio, a custo, nos trouxera ;  
Antes dolosa resfriada serpe  
Que ao nosso lar creou vida e peçonha.  
Quem nunca os víra ! porém tu, Coema,  
Leda avesinha, que adejavas livre,  
Azas da côr da prata ao sol abrindo,  
A serpente cruel porque fitaste,  
Se já do olhado máo sentias pejo ? !

« Ouvímos, uma vez, da noite em meio,  
Voz de afflicta mulher pedir soccorro  
E em tom sumido lastimar-se ao longe.  
Orapacên ! — bradou feroz tres vezes  
O filho de Jaguar : clamou de balde.  
Sómente acode o echo á voz irada,  
Quando elle o malfetor no instincto enxerga.  
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,  
E tenta com afan chegar ao termo,  
Donde as querellas miseradas partião.

Chegou — já tarde ! — nós, mais tardos inda.  
Assistimos ao subito espectáculo !

« Queimão-se raros fogos nas desertas  
Margens do rio, quasi immerso em trevas :  
Afadigados no labor nocturno,  
Os traíçoeiros hospedes caminhão,  
Pejando á pressa as concavas ygaras.  
Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,  
Com voz de embrandecer duros penhascos,  
Supplica e roja em vão aos pés do fero,  
Cavilloso tapuya ! Não resiste  
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,  
O barbaro, que a vio, que a vê tão bella !

« Vai arrastal-a, — quando sente uns passos  
Rapidos, breves, — volta-se : — Itajuba !  
Grita ; e os seus, medrosos, receiando  
A perigosa luz, os fogos matão.  
Mas, no extremo clarão que elles soltárão,  
Vio-se Itajuba com seu arco em punho,  
Calculando a distancia, a força, e o tiro :  
Era grande a distancia, a força immensa... »

« E a raiva incrível, continúa o chefe,  
A antiga cicatriz sentindo abrir-se !  
« Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,  
E a frecha vil cahio-me aos pés sem força. »  
E assim dizendo nos cerrados punhos  
De novo pensativo a frente opprime.

« Sim, tornava o cantor, immenso e forte  
Devêra o arco ser, que entre nós todos  
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,  
Quando Jaguar morreu ! — partio-se o arco !

Depois ouviu-se um grito, após ruido,  
Que as aguas fazem no tombar de um corpo ;  
Depois — silencio e trevas... »

« Nessas trevas,  
Replicava Itajuba, — inteira a noite,  
Louco vaguei, corri d'encontro ás rochas.  
Meu corpo lacerei nos espinheiros,  
Mordi sem tino a terra já cançado ;  
Soluçavão porém meus frouxos labios  
O nome della tão querido, e o nome...  
Aos vís Tupinambás nunca os eu veja,  
Ou morra, antes de mim, meu nome e gloria  
Se os não hei de punir ao recordar-me  
A aurora infausta que me trouxe aos olhos  
O cadaver... » Parou, que a estreita gorja  
Recusa aos cavos sons prestar accento.

« Descança agora o pallido cadaver  
(Continúa o cantor) junto á corrente  
Do regato, que volve areias d'ouro.  
Alli agrestes flôres lhe matizão  
O modesto sepulcro, — aves canóras  
Descantão tristes nenias ao compasso  
Das aguas, que tambem nenias solução.

« Suspirada Coema, em paz descança  
No teu florido e funebre jazigo ;  
Mas, quando a noite dominar no espaço,  
Quando a lúá coar humidos raios  
Por entre as densas, buliçosas ramas,  
Da candida neblina véste as fórmãs,  
E vem no bosque suspirar co'a brisa :  
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,  
E á virgem, que adormece, amor inspira. »

Calou-se ; o maracá rugio de novo  
 A extrema vez ; e jaz emmudecido.  
 Mas no remanso do silencio e trevas,  
 Como debil vagido, escutarias  
 Queixosa voz, que repetia em sonhos:  
 « Veste, Coema, as fórmãs da neblina,  
 Ou vem nos rios tremulos da lúa  
 Cantar, viver e suspirar commigo. »

---

Ogib, o velho, pae do aventureiro  
 Jatyr, não dorme nos vasios tectos :  
 Do filho ausente prendem-no cuidados ;  
 Vela cançado e triste o pae coitado,  
 Lembrando-se desastres que passárão  
 Impróvidos, no bosque pernoitando.  
 E vela, — e a mente afflicta mais se enluta,  
 Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem !

Já tarde, sente uns passos apressados,  
 Medindo a taba escura ; o velho treme,  
 Estende a mão convulsa, e roça um corpo  
 Molhado e tiritante : a voz lhe falta...  
 Attende largo espaço, até que escuta  
 A voz do sempre afflicto Piahiba,  
 Ao pé do fogo extincto lastimar-se.

« O louco Piahiba, a noite inteira,  
 Andou nas mattas ; miserando soffre ;  
 O corpo tem aberto em fundas chagas,  
 E o orvalho gotejou fogo sobre ellas :  
 Como o verme na fructa, um Deos maligno  
 Lhe mora na cabeça, oh ! quanto soffre !

« Emquanto o velho Ogib está dormindo,  
Vou-me aquecer ;  
O fogo é bom, o fogo aquece muito ;  
Tira o soffrer,  
Emquanto o velho dorme, não me expulsa  
D'ao pé do lar ;  
Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,  
Quando acordar !  
Eu vi a morte ; vi-a bem de perto  
Em hora má !  
Vi-a de perto, não me quiz consigo,  
Por ser tão má.  
Só não tem coração, dizem os velhos,  
E é bem de vêr ;  
Que, se o tivera, me daria a morte,  
Que é meu querer.  
Não quiz matar-me ; mas é bem formosa ;  
Eu vi-a bem :  
E como a virgem, que não tem amores,  
Nem odios tem.  
O fogo é bom, o fogo aquece muito,  
Quero-lhe bem ! »

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas  
E mais e mais conchega-se ao borrarho.  
O velho em tanto, erguido a meio corpo  
Na rede, escuta pavido, e tiritia  
De frio e medo. — quasi igual delirio  
Castiga-lhe as ideias transformadas.

« Já me não lembra o que me disse a morte !...  
Ah ! sim, já sei !  
— Junto ao sepulchro da fiel Coema,  
Alli serei :

Ogib emprazo, que a fallar me venha  
Ao anoitecer! —  
O velho Ogib ha de ficar contente  
Co'o meu dizer;  
Talvez que o velho, que viveu já muito,  
Queira morrer! »

Emmudeceu : alfim tornou mais brando :

« Mas dizem que a morte procura mancebos ;  
Porém tal não é ;  
Que colhe as florinhas abertas de fresco  
E os fructos no pé?!...  
Não, não, que só ama sem folhas as flôres,  
E sem perfeição ;  
E os fructos perdidos, que apanha golosa,  
Cahidos no chão.  
Tambem me não lembra que tempo hei vivido,  
Nem por que razão  
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,  
Tão sem compaixão. »

As ancias não vencendo, que o soçobião,  
Salta da curva rede Ogib afflicto ;  
Tremulo as trevas apalpando, topa,  
E roja miserando aos pés do louco.

« Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma  
Algum sentir humano inda se aninha,  
Jatyr, que é feito delle? Disse a morte  
Haver-me cubiçado o moço imberbe,  
A cara luz dos meus cansados olhos?  
Oh, dize-o! Assim o espirito inimigo  
Folgados annos respirar te deixe! »

O louco ouviu nas trevas os soluços  
Do velho, mas seus olhos nada alcanção.  
Pasma, e de novo o seu cantar começa :  
« Enquanto o velho dorme, não me expulsa  
D'ao pé do lar. »

— « Mas expulsei-te eu nunca ? »

Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,  
Em ancias de transido desespero.  
« Bem sei que um Deus te mora dentro d'alma ;  
E nunca houvera Ogib de espancar-te  
Do lar, onde Tupan é venerado.  
Mas falla ! oh ! falla, uma só vez repete-o :  
Vagaste á noite nas sombrias mattas... »

« Silencio ! brada o louco : não escutas ? ! »  
E pára, como ouvindo uns sons longinquos.  
Depois prosegue : « Piahiba o louco  
Errou de noite nas sombrias mattas ;  
O corpo tem aberto em fundas chagas,  
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.  
Geme e soffre, e sente fome e frio,  
Nem ha quem de seus males se condôa.

Oh ! tenho frio ! o fogo é bom, e aquece,  
Quero-lhe bem ! »

« Tupan, que tudo podes,  
Orava Ogib em lagrimas desfeito,  
A vida inutil do cansado velho  
Toma, se a queres ; mas que eu veja em vida,  
Meu filho, e só depois me colha a morte !

## CANTO TERCEIRO

---

Era a hora em que a flôr balança o calix  
Aos doces beijos da serena brisa,  
Quando a ema soberba alteia o collo,  
Roçando apenas o matiz relvoso ;  
Quando o sol vem doirando os altos montes,  
E as ledas aves á porfia trinão,  
E a verde coma dos frondosos cedros  
Move o perfume, que embalsama os ares ;  
Quando a corrente meio occulta sôa  
De sob o denso véu da parda névoa ;  
Quando nos pannos das mais brancas nuvens  
Desenha a aurora melindrosos quadros  
Gentís orlados com listões de fogo ;  
Quando o vivo carmim do esbelto cactus  
Refulge a medo abrilhantado esmalte,  
Doce poeira de aljofradas gotas,  
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,  
Era o nascer do sol, libando as meigas,  
Risonhas faces da luzente aurora !

Era o canto e o perfume, a luz e a vida,  
Uma só coisa e muitas, — melhor face  
Da sempre vária e bella natureza :  
Um quadro antigo, que já vimos todos,  
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,  
Risonha aurora, — ama acordar contigo ;  
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,  
Ou rosea ou branca, já carmim, já fogo,  
Já tímidos reflexos, já torrentes  
De luz, que fere obliqua os altos cimos.  
Amavão contemplar-te os de Itajuba  
Impavidos guerreiros, quando as tabas  
Immensas, que Jaguar fundou primeiro  
Cresção, como crescem gigantescos  
Cedros nas mattas, prolongando a sombra  
Longe nos valles, — e na copa excelsa  
Do sol estivo os abrasados raios  
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As tres formosas tabas de Itajuba  
Já forão como os cedros gigantescos  
Da corrente empedrada ; hoje acamados  
Fosseis que dormem sob a terrea crusta,  
Que os homens e as nações por fim sepultão  
No bojo immenso ! — Chame-lhe progresso  
Quem do exterminio secular se ufana ;  
Eu modesto cantor do povo extincto  
Chorarei nos vastissimos sepulchros,  
Que vão do mar aos Andes, e do Prata  
Ao largo e doce mar das Amasonas.  
Alli me sentarei meditabundo

Em sitio, onde não oição meus ouvidos  
Os sons frequentes d'Europeus machados  
Por mãos de escravos Afros manejados,  
Nem veja as mattas arrasar, e os troncos,  
D'onde, chorando, a preciosa gomma  
Resina virtuosa e grato incenso  
A nossa incuria grande eterno assellão ;  
Em sitio onde os meus olhos não descubirão  
Triste arremêdo de longinquas terras.  
Aos crimes das nações Deus não perdôa ;  
Do pae aos filhos e do filho aos netos,  
Porque um delles de todo apague a culpa,  
Virá correndo a maldição — contínua,  
Como fuzís de uma cadeia eterna.  
Virão nas nossas festas mais solemnes  
Myriadas de sombras miserandas,  
Scarnecendo, seccar o nosso orgulho  
De nação ; mas nação que tem por base  
Os frios ossos da nação senhora,  
E por cimento a cinza profanada  
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.  
Não me deslumbra a luz da velha Europa ;  
Ha de apagar-se, mas que a inunde agora :  
E nós !... sucámos leite máo na infancia,  
Foi corrompido o ar que respirámos,  
Havemos de acabar talvez primeiro.

America infeliz ! — que bem sabia,  
Quem te creou tão bella e tão sósinha,  
Dos teus destinos máos ! Grande e sublime  
Corres de polo a polo entre dois mares  
Os maximos do globo : annos da infancia  
Contavas tu por seculos ! que vida

Não fôra a tua na sazão das flôres !  
Que magestosos fructos, na velhice,  
Não deras tu, filha melhor do Eterno,  
America infeliz, já tão ditosa  
Antes que o mar e os ventos não trouxessem  
A nós o ferro e os cascaveis da Europa ? !  
Velho tutor e aváro cubiçou-te,  
Desvalida pupilla, e herança pingue  
E o brilho e os dotes da sem par belleza !  
Cedeste, fraca ; e entrelaçaste os annos  
Da mocidade em flôr — ás cans e á vida  
Do velho, que já pende e já declina  
Do leito conjugal immerecido  
Á campa, onde talvez cuida encontrar-te !

Tu, filho de Jaguar, guerreiro illustre,  
E os teus, de que então vos occupaveis,  
Quando nos vossos mares alinhadas  
As náos de Hollanda, os galeões de Hespanha,  
As fragatas de França, e as caravellas  
E portuguezas náos se abalroavão,  
Retalhando entre si vosso dominio,  
Qual se vosso não fôra ? Ardia o prelio,  
Fervia o mar em fogo á meia noite,  
Nuvem de espesso fumo condensado  
Toldava astros e céus ; e o mar e os montes  
Acordavão rugindo aos sons troantes  
Da insolita peleja ! — Vós, guerreiros,  
Vós, que fazieis, quando a espavorida  
Fera bravia procurava azilo  
Nas fundas mattas, e na praia o monstro  
Marinho, a quem o mar, já não seguro  
Reparo contra a força e industria humana,

Lançava alheio e pavidó na areia ?  
Agudas setas, válidos tacápes  
Fabricavão talvez !... ai não... capellas,  
Capellas ennastravão para ornato  
Do vencedor ; — grinaldas penduravão  
Dos alindados tectos, porque vissem  
Os forasteiros, que os paternos ossos  
Deixando atraz sem manitôs vagavão,  
Os filhos de Tupan como os hospedão  
Na terra a que Tupan não dera ferros !

---

Rompia a fresca aurora, rutilando  
Signaes de um dia limpido e sereno.  
Então vinhão sahindo os de Itajuba  
Fortes guerreiros a contar os sonhos  
Com que Tupan amigo os bafejára,  
Quando as estrellas pallidas tombavão,  
Já de clarão maior esmorecidas.  
Vinhão ledos ou tristes na apparencia,  
Timoratos ou cheios de hardimento,  
Como o futuro evento se espelhava  
Nos sonhos, bons ou máos ; mas accordal-os  
Disparatados, e o melhor de tantos  
Colligir, era missão mais alta.  
Não fosse o piága interprete divino,  
Nem os seus olhos penetrante vissem  
O porvir, ao travez do véu do tempo,  
Como ao travez do corpo a mente enxergão ;  
Não fosse, e quem ha hi que se afoutasse  
Em campo de batalha a expôr a vida,  
A vida nossa tão querida, e tanto

Da flôr a vida breve semelhando ;  
Roaz insecto a vae traçando em gyro,  
Nem mais revive uma só vez cortada !

Mande porém Tupan seus gratos filhos,  
Rogados sonhos, que os decifra o piága :  
E Tupan, de benigno os influe sempre  
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas  
Descem, quando a terra humores pede,  
Ou como, em sação propria, brotão flôres.

Postão-se em fórma de crescente os bravos  
Avida turba mulheril no emtanto  
O rito sacro impaciente aguarda.  
Brincão na relva os folgasões meninos,  
Emquanto os mais crescidos, contemplando  
O apparatus electrico das armas,  
Enlevão-se ; e, mordidos pela inveja,  
Discorrem lá comsigo ; — Quando havemos  
Nós outros, d'empunhar d'aquelles arcos,  
E quando levaremos de vencida  
As hostes vis do perfido Gamella !

Vem por fim Itajuba. O piága austero,  
Volvendo o maracá nas mãos myrrhadas,  
Pergunta : « Foi o espirito comvosco,  
O espirito da força, e os ledos sonhos,  
Ministros de Tupan, nuncios da gloria ? »  
— Sim, forão, lhe respondem, ledos sonhos,  
Correios de Tupan ; mas o mais claro  
É duro nó que o piága só desata. —  
« Dizei-os pois, que vos escuta o piága. »  
Disse, e maneja o maracá : das boccas  
Do mysterio divino, em puros focos  
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que, divagando em mattas virgens  
 Sentira a luz fugir-lhe de repente  
 Dos olhos, — se não foi que a natureza,  
 Por magico feitiço transtornada,  
 Vestia por si mesma novas galas  
 E aspectos novos, — nem as elegantes,  
 Viçosas trepadeiras, nem as redes  
 Agrestes do cipó já divisava.  
 Em logar da floresta, uma clareira  
 Relvosa descobria : em vez das arvores  
 Tão altas, de que havia pouco o bosque.  
 Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,  
 Mas tronco tal que os resumia a todos.

Alli sósinho o tronco agigantado  
 Luxuriava em folhas verde-negras,  
 Em flôres côr de sangue, e na abundancia  
 Dos fructos, como nunca os vio nas mattas :  
 Tão alvos como a flôr do mamãozeiro,  
 De macia pennugem debruados.

« Extatico de os vêr alli tão bellos  
 Taes fructos, que eu algures nunca vira,  
 O barbaro dizia, fui colhendo  
 O melhor, porque o visse de mais perto.  
 Pezar de não saber se era salubre,  
 Anciava gostal-o, e em dura lida  
 Lutava o meu desejo co'a prudencia.  
 Venceu aquelle ! ai não vencesse nunca !  
 Nunca, ludibrio vão dos meus desejos,  
 Mordessem-n'os meus labios resequidos !  
 Contal-o me arripia ! — Mal o tóco,  
 Força-me a rejeital-o um quê de occulto,  
 Que os nervos me estremece : a causa inquirio...

Eis que uma cobra, uma coral, de dentro  
 Desdobra o corpo lubrico, e em tres voltas,  
 Mal grata armilla, me circunda o braço.

Da vista e do contacto horrorizado,  
 Sacudo o extranho ornato ; em vão me agito :  
 Com quanto mais affan tento livrar-me,  
 Mais apertado o sinto. — Nisto acódo,  
 Humido o corpo e fatigado, e a mente  
 Molesta ainda do combate inglorio.  
 O que é, não sei ; tu sabes tudo, ó piága :  
 Ha hi talvez razão que eu não alcanço,  
 Que certo isto não é sonhar batalhas. »

« Haja sentido occulto no teu sonho,  
 (Diz ao guerreiro o piága) eu, que levanto  
 O véu do tempo, e aos mortaes o mostro,  
 Dir-t'o-hei por certo ; mas eu creio e tenho  
 Que algum genio turbou-te a fantasia,  
 Talvez angoéra de traidor Gamella ;  
 Que os Gamellas são perfidos em morte,  
 Como em vida. » — Assim e, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,  
 Temiveis caitetés, pacas ligeiras,  
 Coatis e jabotins, — té onça e tigres,  
 Tudo em rimas, em feixes : outro em sonhos  
 Nada disto enxergou ; porém cardumes  
 De peixes varios, que o timbó prestante  
 Trazia quasi á mão, se não fechados  
 Em mondés espaçosos ! — gaudio immenso !  
 De os ver alli raivando na estacada  
 Tão grandes serubins, trauíras tantas,  
 Ou boiando sem tino á flôr das aguas !

Outros não virão nem mondés, nem peixes,  
 Nem aves, nem quadrupedes : mas grandes  
 Çamotins transbordando argentea espuma  
 Do fervente cauím ; e por tres noites  
 Gyrar em roda a taça do banquete,  
 Emquanto cada qual memora em cantos  
 Os feitos proprios : reina o guáu, que passa  
 D'estes áquelles com cadencia alterna.

O piága exulta ! « Eu vos auguro, ó bravos,  
 Do heróe Tymbira (clama entusiasta)  
 Leda victoria ! Nunca em nossas tabas  
 Haverá de correr melhor folgança,  
 Nem ganhareis jamais honra tamanha.  
 Bem sabeis como é de uso entre os que vencem  
 Festejar o triumpho : o canto e a dança  
 Marchão de par, — banquetes se preparão,  
 E a gloria da nação mais alta brilha !  
 Oh ! nunca sobre as tabas de Itajuba  
 Haverá de nascer mais grata aurora ! »

Soão festivos gritos, e as pocemas  
 Dos guerreiros, que soffregos escutão  
 Do piága os ditos, e o feliz augurio  
 Da proxima victoria. Não dissera,  
 Quem quer que fosse extranho aos usos delles  
 Senão que por aquella densa pinha  
 De vulgo, se espalhára a fausta nova  
 De gloriosa acção já consummada,  
 Que os seus, validos da victoria, obrárão.

Emtanto Japegoá posto de parte,  
 Emquanto lavra em todos o contagio  
 Da gloria e do prazer, — bem claro mostra

No rosto descontente o que medita.  
« Prazer que em altos gritos se propala,  
Discorre lá consigo o Americano,  
É como a chamma rapida correndo  
Nas folhas da pindoba : é falso e breve ! »

Attenta nelle o chefe dos Tymbiras,  
Como que interno, igual presentimento  
Rejeita, seu máo grado a voz do piága.  
« Que pensa Japegoá ? Acaso em sonhos  
Tremendo e torvo se lhe entolha o exito  
Da batalha ? ou seja, ou não comnosco,  
Que tarda em nos dizer seu pensamento ? »  
« Eu vi, » diz Japegoá (e assim dizendo,  
Sacode vezes tres a fronte adusta,  
Onde gravára da prudencia o sello  
Contínuo meditar). « Vi altos combros  
De mortos já pollutos, — vi lagôas  
Brutás de sangue impuro e negrejante ;  
Vi setas e carcaz espedaçados,  
Tacápes adentados, ou partidos,  
Ou já sem fio ! — vi... » Eis Catucaba  
Mal soffrido intervem, interrompendo  
A narração do sonhador de males.  
Bravo e hardido como é, nunca a prudencia  
Lhe foi virtude, nem por tal a acceita.  
Nunca o memby guerreiro em seus ouvidos  
Troôu medonho, inhospito combate,  
Que ás armas não corresse o valeroso,  
Intrepido soldado ; mais que tudo  
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,  
Convulsos arrepios, altos gritos  
Do vencedor, imprecações sumidas

Do que, vencido, jaz no pó sem gloria.  
 Sim, ama e quer o trafego das armas  
 Talvez melhor que a si ; nem mais risonha  
 Imagem se lhe antolha, nem ha cousa  
 Que tenha em mais apreço ou mais cubice.  
 O p'riço mesmo, o leite dos combates,  
 (Cauim das almas fortes o chamava)  
 Era sorte e condão que o electrizava :  
 Um p'riço que aventasse era feitiço,  
 Que em delirio de febre o transtornava.  
 Fanatico de si, ébrio de gloria,  
 Lá se arrojava intrepido e brioso,  
 Onde peor, onde mais negro o via.

Não erão dois na esquadra de Itajuba  
 De genios em mais pontos encontrados :  
 Por isso em luta sempre. Catucaba,  
 Fragueiro, inquieto, sempre aventureoso,  
 Em cata de mais gloria e mais renome,  
 Sempre á mira de encontros arriscados,  
 Sempre o arco na mão, sempre embebida  
 Na corda tesa a frecha equilibrada.  
 Ninguem mais solto em vozes, mais galhardo  
 No guerreiro desplante, ou que mostrasse  
 Atrevido e soberbo e forte em campo  
 Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japegoá, corajoso, mas prudente,  
 Evitava o conflicto ; via o risco,  
 Media o seu poder e as posses delle  
 E o azar da luta e descancava em ocio.  
 Sua propria indolencia revelava  
 Animo grande e não vulgar coragem.

Se fosse lá nos paramos da Libia,  
Deitado á sombra da arvore gigante,  
O leão da Numidia bem pudéra  
Trilhar por junto delle os movediços  
Combros de areia, — amedrontando os ares  
Com aquelle bramir agreste e rudo,  
Que as feras sem terror ouvir não sabem ;  
O indio ouvira impavido o rugido,  
Sem que o terror lhe destingisse as faces,  
E ao rei dos animaes voltando o rosto,  
Sómente por que mais a geito o visse,  
Viras ambos, sombrios, magestosos,  
Contemplarem-se a espaço, destemidos ;  
D'extranheza o leão os seus rugidos  
Na gorja suffocar, e a nobre cauda,  
Entre medos e assomos de hardimento,  
Mover de leve e irresoluto aos ventos !

Um — era a luz fugaz facil prendida  
Nas plumas do algodão : luz que deslumbra  
E que em breve amortece ; outro — faisca,  
Que, surda, pouco e pouco vai lavrando  
Não vista e não sentida té que surge  
D'um jacto só, tornada incendio e fumo.

« Que viste, diz-lhe o emulo brioso,  
Só coalheiras de sangue inficionado,  
Só tacápes e setas bipartidas,  
E corpos já corruptos ? ! Eia, ó fraco,  
Embora em ocio ignavo aqui descances,  
E nos misteres feminis te adextres !  
Ninguem te chama á vida dos combates,  
Não te almeja ninguem por companheiro,  
Nem ha-de o sonho teu acobardar-nos.

É certo que haverá mortos sem conto,  
 Mas não seremos nós ; — setas partidas,  
 As nossas, não ; lacápes amolgados...  
 Mas os nossos verás mais bem talhantes,  
 Quando houverem partido imigos craneos.

« Heróe, não em façanhas, mas nos ditos,  
 Lidador que a vileza d'alma encobres  
 Com frases descortezes, — já te virão,  
 Pendentés braço e armas, contemplando  
 Os feitos meus, pezar que 'sou cobarde.  
 Essa infame tarefa que me incumbes,  
 É minha, sim ; mas por diverso modo :  
 Não ministro cauím ás vossas festas ;  
 Mas na refrega o meu trabalho é vosso.  
 Da batalha no campo achaes defunctos,  
 Vossa gloria e brasão, corpos sem conto,  
 Cujas feridas largas e profundas,  
 De largas e profundas, denuncião  
 A mão que as sóe fazer com tanto effeito.  
 Não tenho espaço onde recolha os ossos,  
 Não tenho cinto onde pendure os craneos,  
 Nem collar onde caibão tantos dentes,  
 De quantos venci já : por isso inteiros  
 Lá vol-os deixo, heróes ; e vós lá ides,  
 Em que me não queiraes por companheiros,  
 Rivaes dos urubús, fortes guerreiros,  
 Facil triumpho conquistar nas trevas,  
 Aos vorazes tatús roubando a presa. »

Calou-se... e o vulgo rosna em torno d'ambos,  
 D'este ou d'aquelle heróe tomando as partes.  
 Pois que?...ha-de ficar tamanha affronta  
 Impune, e não haveis levar das armas,  
 Porque o sangue a desbote e apague inteira? »

Dizião, — e a taes ditos mais fermenta  
A raiva em ambos ; fazem-lhes terreiro,  
Já verga o arco, já se entesa a corda,  
Já batem pés no solo pulvurento :  
Corrêra o sangue de um, talvez o de ambos,  
Que sobre os dois a morte abrira as azas !

Silencio ! brada o chefe dos Tymbiras,  
Interposto severo em meio de ambos ;  
De um lado e outro a turba circumfusa  
Emmudece, — divide-as largo espaço,  
De cujo centro gyra os torvos olhos  
O heróe, e só de olhar lhe estende as raias.  
Assim de altivo pincaró descamba  
Enorme rocha, obstruindo o leito  
De um rio caudaloso : as fundas agoas,  
Latindo em vão na rocha volumosa,  
Separão-se cavando novos leitos,  
Emquanto o antigo se resecca e abrasa.

Silencio ! disse ; e em torno os olhos gyra,  
Fulgidos, negros : orgulhosas fronteas,  
Que aos golpes do tacápe não se dobrão  
Em torno sobre o peito vão cahindo,  
Uma após outra ; altivo um só apenas  
Rebelde arrosta o olhar ! — rapido golpe,  
Rapido e forte, como o raio, o prostra  
Na arena em sangue ! Mosqueado tigre,  
Se cáe no meio de preás medrosos,  
Talvez no primo impulso algum aferra  
Mas vê que foge a turba espavorida,  
Vulgacho imbelle ! ao misero que prende  
E torce ainda nas compridas garras,  
Longe, sem vida, desdenhoso arroia.

Assim o heróe. Por longo tracto mudo,  
 Soberbo e grande alfim mostrando o rio,  
 Quedou sem mais dizer : o rio ao longe  
 As aguas, como sempre, magestosas  
 Na gorja das montanhas derramava,  
 Caudal immenso. « Traz d'aquelles montes:  
 Diz Itajuba, não sabeis quem seja ?  
 Affronta e nome vil haja o guerreiro,  
 Que ousa lutas ferir, travar discordias,  
 Quando o imigo boré tão perto sôa ! »

Accorre o piága em meio do conflicto.  
 « Prudencia, ó filho de Jaguar, exclama;  
 Nem mais sangue tymbira se derrame,  
 Que já não basta por pagar-nos deste,  
 Que derramaste, quanto houver nas veias  
 Dos perfidos Gamellas. O que ouviste,  
 Que o forte Japegoá diz ter sonhado,  
 Assella o que Tupan me está dizendo,  
 Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,  
 Depois que os funestou propinquo sangue. »

« Devoto piága (Mojacá prosegue),  
 Que vida austera e penitente vives  
 Dos rochedos na lapa venerada,  
 Tu, dos genios do Ibáke bem fadado,  
 Tu face a face com Tupan praticas  
 E vês nos sonhos meus melhor qu'eu mesmo,  
 Escuta e diz, ó venerando piága,  
 (Benevolo Tupan teus ditos oiça)  
 Angoéra máo turbou-te a phantasia,  
 Afflicto Mojacá, teu sonho mente. »

Palavras taes no indio circumspecto,  
 Cujos labios em vão nunca se abrirão ;

Guerreiro, cujos sonhos nunca forão,  
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;  
No vulgo frio horror vão trescalando,  
Que entre a crença do piága, e a deferencia  
Devida a tanto heróe fluctúa incerta.

« Eu vi, diz elle, vi em taba imiga  
Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!  
A corda estreita do cruento rito  
Os rins lhe aperta : a dura tangapema  
Sobre-está-lhe fatal ; — cantos se entôão  
E a turba dansatriz em torno gyra.  
Sonho não foi, que o vi, como vos vejo :  
Mas não vos direi já quem fosse o triste!  
Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,  
O olhar soberbo, — aquella força grande,  
Aquelle riso desdenhoso e fundo...  
Talvez um só, nenhum talvez se encontre,  
Que seja para estar no passo horrendo  
Tão seguro de si, tão descansado!

Acaso um tronco volumoso e tosco  
De escamas fortes entre si travadas  
Alli perto jazia. Ogib, o velho,  
Pae do errante Jatyr, alli sentou-se;  
Alli triste pensava, até que o sonho  
Do afflicto Mojacá veio acordal-o.  
« Tupan! que mal te fiz, que assim me colha  
Do teu furor a seta envenenada? »  
Com voz chorosa e tremula clamava.  
« Escuto os gabos que só cabem nelle.  
Vejo e conheço o costumado ornato  
Do filho meu querido ! isto que fôra,  
A quem tão infeliz como eu não fosse,

Ventura grande, me constringe o peito!  
 Conheço o filho meu no que disseste,  
 Guerreiro, como a flôr pelo perfume,  
 Como o esposo conhece a grata esposa  
 Pelas usadas plumas da arassoya,  
 Que entre as folhas do bosque a espaços brilha.  
 Ai! nunca brilhe a flôr, se hão-de roel-a  
 Insectos; nunca vague a linda esposa  
 No bosque, se hão-de as feras devoral-a!»

A dôr que mostra o velho em todo o aspecto,  
 Nas vozes por soluços atalhadas,  
 Nas lagrimas que chora, os move a todos  
 A triste compaixão; mas mais áquelle,  
 Que, antes do pobre pae, já todo angustias,  
 Da propria narração se enternecia.  
 Ás querellas de Ogib volta o rosto  
 O fatal sonhador, — que, seu máo grado,  
 As setas da afflicção tendo cravado  
 Nas entranhas de um pae, quer logo o succo  
 Fresco e saudavel, do louvor, na chaga  
 Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

« Tal era, tão impavido (prosegue,  
 Fitando o velho Ogib) o seu desplante,  
 Qual foi o de Jatyr n'aquelle dia,  
 Quando, novel nas artes do guerreiro,  
 Circumdado se vio á nossa vista  
 D'imiga multidão : todos o vímos;  
 Todos da clara estirpe deslembrados,  
 Clamámos tristes, pavidos : — É morto! —  
 Elle porém que o arco usar não póde,  
 O valido tacápe desprendendo,

Sacode-o, vibra-o : fere, prostra e mata  
 A este, áquelle ; e em volumosos feixes  
 Acerva a turva vil, lucrando um nome.  
 Tapyr, caudilho seu, que não supporta  
 Que um homem só e quasi inerme, o cubra  
 De tamanho labéo, altivo brada :  
 — Cede-me, estulto, cede ao meu tacápe .  
 Que nunca ameaçou ninguem de balde. —  
 E assim dizendo vibra crebros golpes,  
 Co' a bruta folha retalhando os ares!  
 Um coiro de tapyr, em vez de escudo,  
 Rijo e piloso lhe guardava os membros.  
 Jatyr, do arco seu curvando as pontas,  
 Sacode a seta fina e sibilante,  
 Que vara o couro e o corpo e surge fóra.  
 Tomba de chofre o indio, e o som da queda  
 Remata o som que a voz não rematára.  
 Vista a pell' do tapyr, que o resguardava,  
 Japy, mesmo Japy lhe inveja o tiro. »

Todo o campo se afflige, todos clamão  
 « Jatyr! Jatyr! o forte entre os mais fortes. »  
 Ordem não ha ; mulheres e meninos  
 Baralhão-se em tropel : o pranto, os gritos  
 Confundem-se : do velho Ogib emtanto  
 Mal se percebe a voz « Jatyr » gritando.

Itajuba por fim silencio impondo  
 Á turba mulheril, e a dos guerreiros  
 Mesta batalha : « Consultemos, disse,  
 Consultemos o piága : as vezes póde  
 O santo velho serenando, o Ibáke,  
 Amigo bom tornar o Deos malquistos. »

« Mas ora não ! — responde o piága iroso.  
 Só quando ruge a negra tempestade,  
 Só quando a furia d'Anhangá fuzila  
 Raios do escuro céu na terra afflicta  
 Do piága vos lembraes ? Tarda lembrança,  
 Tarda e fatal, guerreiros ! Quantas vezes  
 Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos  
 Fincar o santo maracá ? Debalde,  
 Debalde o fui, que á noite se achava sempre  
 Sem offertas, que aos Deoses tanto prazem !  
 Nú e despido o vi, como ora o vêdes.  
 (E assim dizendo mostra o sacrosanto  
 Mysterio, que de irado pareceu-lhes  
 Soltar mais rouco som no seu rugido)  
 Quem de vós se lembrou que o santo Piága  
 Na lapa dos rochedos se myrrhava  
 Á pura mingoa ? Só Tupan, que ao velho  
 Deu não sentir os dentes aguçados  
 Da fome, que por dentro o remordia,  
 E mais cruel, passada entre os seus filhos ! »

« Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba ;  
 Fincado o maracá nos meus terreiros,  
 Cegou-nos certo ! — nunca o vi sem honras !  
 Que se o vira, bom piága... oh ! não se diga  
 Que um homem só, dos meus, perece á mingoa,  
 (Quem quer que seja, quanto mais um piága)  
 Quando campeião tantos homens d'arco  
 Nas tabas de Itajuba, — tantas donas  
 Na cultura dos campos adextradas.  
 Hoje mesmo farei que ao antro escuro  
 Caminhem tantos dons, tantas offertas,  
 Que o teu santo mysterio ha-de por força,  
 Quer o queiras, quer não, dormir sobre ellas ! »

« Talvez a rica off'renda aplaca os Deoses,  
E saudavel conselho a noite inspira! »  
Disse e sem mais dizer acolhe á gruta.

« Á caça, ó meus guerreiros! brada o chefe:  
Ledas donzellas ao cauí se applichem,  
Os meninos á pesca, á roça as donas,  
Eia! » — Ferve o labor, reina o tumulto,  
Que quasi tanto val como a alegria,  
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembrados do que ausente chorão  
(Favor das turbas que tão leve passas!)  
Ledos no peito, ledos na apparencia  
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras  
Dentro de tanto afan! festa que nasce  
Sob auspicios tão máos, possa algum genio,  
Possa Tupan sorrir-te carinhoso,  
E das alturas condoer-se amigo  
Do triste, orfão de amor, e pae sem filho!

## CANTO QUARTO

---

Bem vindo seja o fausto mensageiro,  
O mellifluo Tymbira, cujos labios,  
Distillão sons mais doces do que os favos,  
Que errado caçador na brenha inculta  
Por ventura topou ! Hospede amigo,  
Ledo nuncio de paz, que o territorio  
Pisou de imigas hostes, quando a aurora  
Despontava nos céos — bem vindo seja !  
Não luz mais brando e grato o romper d'aiva  
Que o teu sereno aspecto ; nem mais doce  
A fresca brisa da manhã cicia  
Pela selvosa encosta, que a mensagem  
Que o chefe imigo e fero anceia ouvir-te.  
Mellifluo Jurucey, bem vindo sejam  
Dos Gamellas ao chefe, Gurupema,  
Senhor dos arcos, quebrador das setas,  
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim comsigo as hostes do Gamella :  
Comsigo só, que a usada gravidade  
Já na garganta, a voz lhes retardava.

Não veio Jurucey? Posto de frente,  
Arco e frecha na mão feito pedaços,  
Certo signal do respeitoso encargo,  
Por terra não lançou? — Que pois augura  
Tal vinda, a não ser que o audaz Tymbira  
Melhor conselho toma; e por ventura  
De Gurupema receiando as forças,  
Amiga paz lhe off'rece, e em signal della  
Do vencido Gamella o corpo entrega?!  
Em bem! que a torva sombra vagarosa  
Do outrora chefe seu ha-de aplacar-se,  
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,  
E vendo no sarcophago depostas  
As armas, que no Ibáke hão-de servir-lhe,  
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,  
Emquanto vivo, insignias do mando.  
Embora ostente o chefe dos Tymbiras  
O ganhado trophéo; embora á cinta  
Ufano prenda o gadelhudo craneo,  
Aberto em crôa, do infeliz Gamella.  
Embora; mas porém amigas quedem  
Do Tymbira e Gamella as grandes tabas,  
E largo em roda na floresta imperem,  
Que o mundo em peso, unidas, affrontarão!

Nascia a aurora: do Gamella as hostes  
Em pé, na praia, o mensageiro aguardão  
Sisudos, graves. Um caudal regato,  
Cujo branco areial a prata imita,  
Serenos allí volvia as mansas aguas,  
Como que triste de as levar ao rio,  
Que ao mar conduz a rapida torrente  
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.

Esta a praia! — em redor troncos gigantes,  
 Que a folhagem no rio debruçavão,  
 Onde beber frescor os galhos vinhão,  
 Luxuriando em viço! — penduradas  
 Trepadeiras gentís da coma excelsa,  
 Estrellando do bosque o verde manto  
 Aqui, alli, de flôres scintillantes,  
 Meneiavão-se ao vento, como fitas,  
 De que se ennastra a coma a virgem bella.  
 Era um prado, uma varzea, um taboleiro  
 Com mimoso tapiz de varias flôres,  
 Agrestes, sim, mas bellas. Genio amigo  
 Chegou-lhe só a magica vergasta!  
 Eil-as a prumo ao longo da corrente  
 Com requebros louçãos a enamoral-a!

A nós de embira aos troncos amarradas  
 Quasi ygaras sem conto figuravão  
 Ousada ponte no correr das aguas  
 Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurucey, notando  
 O imigo poderio, e seu máo grado  
 Váe lá comsigo mesmo discorrendo:  
 « Muitos e fortes são nossos guerreiros;  
 Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,  
 Itajuba invencível; mas da guerra  
 Ê sempre incerto o azar e sempre vario!  
 E... quem sabe? talvez... mas nunca, oh! nunca!  
 Itajuba! Itajuba! — onde ha no mundo  
 Posses que valhão contrastar seu nome?  
 Onde a seta que valha derribal-o,  
 E a tribu ou povo que os Tymbiras venção?! »

Entre as hostes que a si tinha fronteiras  
 Penetra ! — tão galhardo era o seu gesto,  
 Tão sereno e guerreiro o seu desplante,  
 Que os Gamellas em si tambem disserão :  
 « Missão de paz o traga, que se os outros  
 São tão feros assim, Tupan nos valha,  
 Sim, Tupan ; que o não póde o rei das selvas ! »

Hospedagem sincera em tanto off'recem  
 A quem talvez não tardará buscar-os  
 Com fina seta no leal combate.  
 Às ygaras o levão pressurosos,  
 Servem-lhe o piraken na guerra usado,  
 E os loiros dons do colmeal agreste ;  
 Servem-lhe amigos succulento pasto  
 Em banquete frugal ; servem-lhe taças  
 (A ver se mais que a fome o instiga a sêde)  
 De espumoso cauím, — taças pesadas  
 Na funda noz da sapucaya abertas.  
 Sem temor o tymbira vae provando  
 O mel, o piraken, as iguarias ;  
 Mas dos vinhos cohibe-se prudente.

Em remoto logar forma conselho  
 O rei das selvas, Gurupema, emquanto  
 Restaura o mensageiro os lassos membros.  
 Chama primeiro Caba-oçú valente ;  
 As rispidas melenas corredias  
 Cortão-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,  
 Hirtas e lisas, como o junco em feixes  
 Acamados no leito resequido  
 D'invernosa corrente. O rosto feio  
 Aqui, alli, negreja manchas negras  
 Como da bananeira a larga folha,

Colhida ao romper d'alva, qu'uma virgem  
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçú ; mas sem piedade !  
Como sedenta fera almeja sangue  
E de malvada acção cruel se paga.  
Apresou em combate um seu contrario,  
Que mais imigo tinha entre os imigos :  
Da guerra os duros vinculos lançou-lhe  
E a terreiro o chamou, como é de usança  
Para o triumpho bellico adornado.  
Fizerão-lhe terreiro os mais d'entorno :  
Elle do sacrificio empunha a maça,  
Improperios assaca, vibra o golpe,  
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes  
No craneo fulminado : jorra o sangue  
No rosto, e em gurgulhões se expande o cerebro,  
Que a fera humana rabida mastiga !  
E emquanto limpa á desgrenhada coma  
Do sevo pasto o esqualido sobejo,  
Barbaras hostes do Gamella torcem,  
A tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,  
Tayatú, Tayatinga, Nupançaba,  
Tucura o agil, Cravatá sombrio,  
Andyra, o sonhador de agouros tristes,  
Que elle é primeiro a desmentir co'as armas ;  
Piréra que jamais não foi vencido,  
Itapeba, rival de Gurupema,  
Okena, que por si vale mil arcos,  
Escudo e defensão dos seus que ampara ;  
E outros, e muitos outros, cuja morte  
Não foi sem gloria no cantar dos bardos.

« Guerreiros ! Gurupema assim começa :  
 Antes de ouvir o mensageiro estranho  
 Consultar-vos me é força ; a nós incumbe  
 Vingar do rei da selva a morte indigna.  
 Do que morreu, em que lhe seja eu filho.  
 Estende-se o desar sobre nós todos,  
 E a todos nós da gloriosa herança  
 Compete o desaggravo. Se nos busca  
 O filho de Jaguar, é que nos teme ;  
 A nossa furia por ventura intenta  
 Voltar a mais amigo sentimento.  
 Talvez do vosso chefe o corpo e as armas  
 Com larga pompa nos envia agora :  
 Basta-vos isto ? »

— Guerra ! Guerra ! exclamão.

« Notae porém quanto é pujante o chefe,  
 Que os Tymbiras dirige. Sempre o segue  
 Facil victoria, e mesmo antes da luta  
 As galas triumphaes dispõe seguro. »

— Embora, dizem uns ; outros murmurão  
 Que de tão grande heróe, qual quer que seja  
 A offerta expiatoria, em bem, se aceite ;  
 Outros porém, e a maior parte, incertos  
 Vacillão no conselho. A injuria é grande,  
 Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

« Se o orgulho desce a ponto no Tymbira,  
 Que pazes nos propõe, diz Itapeba  
 Com dura voz e cavernoso accento,  
 Já está vencido ! — Alguem pensa o contrario  
 (E com despeito a Gurupema encara)

Alguem, não eu ! Se havemos de barato  
 Dar-lhe a victoria, humildes aceitaudo  
 O triste cambio (a ideia só me irrita)  
 De um morto por um arco tão valente,  
 Aqui as armas vís faço pedaços  
 Em breve tracto, e vou-me a ter com esse,  
 Que sabe leis dictar, mesmo vencido ! »

Como tormenta, que rouqueja ao longe  
 E som confuso espalha em surdos echos ;  
 Como rapida frecha corta os ares,  
 Já perto sôa, já mais perto brame,  
 Já sobranceira emfim roncando estala :  
 Nasce fraco rumor que logo cresce,  
 Avulta, ruge, horrisono rimbomba.  
 Okena ! Okena ! o heróe nunca vencido,  
 Com voz troante e procellosa exclama,  
 Dominando o rumor, que longe echôa :

« Fujão timidias aves aos lampejos  
 Do raio abrasador, — medrosas fujão !  
 Mas não será que o heróe se acanhe ao vel-os !  
 Itapeba, só nós somos guerreiros ;  
 Só nós, que a olhos nús fitando o raio,  
 Da gloria a senda estreita a par trilhamos.  
 Tens em mim quanto sou e quanto valho,  
 Armas e braço emfim ! »

Eis rompe a densa  
 Turba que já d'entorno d'Itapeba  
 Formidavel barreira alevantava.

Quadro pasmoso ! os dois de mão travadas.  
 Sereno o aspecto, placido o semblante,

Á furia popular se apresentavão  
 De constancia e valor sómente armados.  
 Erão escólhos gemeos, empinados,  
 Que a furia de um vulcão ergueu nos mares.  
 Eterno alli serão co'os pés no abysmo,  
 Co'os negros cimos devassando as nuvens,  
 Se outra força maior os não afunda.  
 Ruge embalde o tufão, embalde as vagas  
 Do fundo pégo á flôr do mar borbulhão !

Estranha a turba, e pasma o desusado  
 Arrôjo, que jamais assim não vírão !  
 Mas mais que todos Caba-oçú valente  
 Enleva-se da acção que o maravilha :  
 E de nobre furor tomado e cheio,  
 Clama altivo : « Eu tambem serei comvosco,  
 Eu tambem, que a só mercê vos peço  
 De haver ás mãos o perfido Tymbira.  
 Seja, o que mais lhe apraz, invulneravel,  
 Que d'armas não careço por vencel-o.  
 Aqui o tenho, — aqui commigo o apérto,  
 Estreitamente o apérto nestes braços  
 (E os braços mostra e os peitos musculosos),  
 Ha-de medir a terra já vencido,  
 E orgulho e vida perderá co'o sangue,  
 Arrã soprada, que um menino espoca ! »

E bate o chão, e o pé na areia enterra,  
 Orgulhoso e robusto : o vulgo applaude,  
 De prazer e rancor soltando gritos  
 Tão altos, taes, como se alli tivera  
 Aos pés, rendido e morto o heróc Tymbira.

Por entre os alvos dentes que branquejão,  
 Ri-se o prazer nos labios do Gamella.

Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega  
 Fugaz clarão da raiva que aos Tymbiras  
 Votou de ha muito, e mais que tudo ao chefe  
 Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silencio impondo  
 Alegre aos tres a mão callosa off'rece,  
 Rompendo nestas vozes : « Desde quando  
 Cabe ao soldado pleitear combates  
 E ao chefe em ocio vil viver seguro ?  
 Guerreiros sois, que os actos bem n'o provão ;  
 Mas, se vos não apraz ter-me por chefe,  
 Guerreiro tambem sou, e onde se ajuntão  
 Guerreiros, hão-de haver logar os bravos !  
 Serei comvosco, » disse. — E aos tres se passa.

São batidos arcos, rompem gritos.  
 Do festivo prazer, sóbe de ponto  
 O ruidoso applaudir. Só Itapeba,  
 Que ao seu rival deu azo de triumpho.  
 Mal satisfeito e quasi irado rosna.

Um Tapuya, guerreiro adventicio,  
 Filhado acaso á tribu dos Gamellas,  
 Pede attenção, — prestão-lhe ouvidos todos.  
 Estranho é certo ; — porém longa vida  
 A velhice robusta lhe autorisa.  
 Muito ha visto, soffreu muitos revezes,  
 Longas terras correu, aprendeu muito ;  
 Mas quem é, donde vem, qual é seu nome ?  
 Ninguem o sabe : elle o não disse nunca.  
 Que vida teve, a que nação pertence,  
 Que azar o trouxe á tribu dos Gamellas ?  
 Ignora-se tambem. Nem mesmo o chefe  
 Perguntar-lh'o se atreve. É forte, é sabio,

É velho e experiente, o mais que importa?  
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.  
Se á caça os aconselha, a caça abunda;  
Se á pesca, os rios cobrem-se de peixes;  
Se á guerra, ai da nação que elle indigita!  
Valem seus ditos mais que valem sonhos,  
E acerta mais que os piágas nos conselhos.

« Mancebo (assim diz elle a Gurupema),  
Já vi o que por vós não será visto,  
Immensas tabas, barbaros imigos,  
Como nunca os vereis: andei já tanto,  
Que o não fareis, andando a vida inteira!  
Estranhos casos vi, chefes pujantes!  
Tabyra, o rei dos bravos Tobajaras,  
Alkindar, que talvez já não exista,  
Ipperú, Jeppipó de Mambucaba,  
E Konian, rei dos festins guerreiros;  
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,  
Acção, que eu saiba, de tão grandes Cabos,  
Como a vossa não foi, — nem tal façanha  
Fizerão nunca, e sei que forão grandes!  
Itapeba entre os seus não encontráras,  
Que não pagasse com seu sangue o arrojo  
De tanto ás claras pôr-se-lhes contrario.  
Mas quem do humano sangue derramado  
Por ventura se peja? — em que logares  
A gloria da peleja horror infunde?  
Ninguem, nenhures, ou sómente aonde,  
Ou só aquelle que já vio tingidas  
Crúas vagas de sangue, e os turvos rios  
Ao mar volvendo mortos por tributo.  
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista  
Do humano sangue saciou-me a sede.

Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos :  
Da sua tentativa o rei das selvas  
Teve por premio o lacrimoso evento ;  
E era chefe brioso e bom soldado !  
Só não pôde soffrer que alguém dissesse  
Haver outro maior tão perto d'elle !  
A vaidade o cegou ! hardida empresa  
Commetteu, mas por si ; de fóra, e longe  
Os seus o virão deslindar seu pleito.  
Vencido foi... a vossa lei de guerra,  
Barbara, sim, mas lei, — dava ao Tymbira  
Usar como elle usou, do seu triumpho.  
A que pois fabricar novos combates ?  
Porque emprehendel-os nós, quando mais justos  
Os Tymbiras talvez mover pudérão ?  
Que vos importa a vós vencer batalhas !  
Tendes rios piscosos, fundas mallas,  
Innumeros guerreiros, tabas fortes ;  
Que mais vos é mister ? Tupan é grande :  
De um lado o mar se estende sem limites,  
Pingues florestas d'outro lado correm  
Sem limites tambem. Quantas ygaras,  
Quantos arcos houvermos, nas florestas,  
No mar, nos rios caberão ás largas :  
Porque então batalhar ? porque insensatos,  
Buscando o inutil, necessario aos outros,  
Sangue e vida arriscar em nescias lutas ?  
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda  
Do chefe desditoso o frio corpo,  
Aceite-se.... se não... voltemos sempre,  
Ou com elle, ou sem elle, ás nossas tabas,  
Ás nossas tabas mudas, lacrimosas,

Que hão de certo enlutar nossos guerreiros,  
 Quer vencedores voltem, quer vencidos. »

Do forasteiro, que tão solto falla  
 E tão livre argumenta, Gurupema  
 Pesa a prudente voz, e alfim responde :  
 « Tupan decidirá. » — « Oh ! não decide,  
 (Como comsigo diz o forasteiro)  
 Não decide Tupan humanos casos,  
 Quando imprudente e cego o homem corre  
 D'encontro ao fado seu ; não valem sonhos,  
 Nem da prudencia meditado aviso  
 Do atalho infausto a desviar-lhe os passos !

O chefe dos Gamellas não responde :  
 Váe pensativo demandando a praia,  
 Onde o Tymbira mensageiro o aguarda.

Reina o silencio, sentão-se na arena,  
 Jurucey, Gurupema e os mais com elles.  
 Amiga recepção, — alli não viras  
 Nem pompa oriental, nem galas ricas,  
 Nem armados salões, nem corte egregia,  
 Nem regios passos, nem caçoilas fundas,  
 Onde a cheirosa gomma se derrete.  
 Era tudo singelo, simples tudo,  
 Na carencia do ornato — o grande, o bello,  
 Na propria singeleza a magestade.  
 Era a terra o palacio, as nuvens tecto,  
 Columnatas os troncos gigantescos,  
 Balcões os montes, pavimento a relva,  
 Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá 'stão na branca areia descansados.  
 Como festiva taça n'um banquete,

O cachimbo de paz, correndo em roda,  
 De fumo adelgado cobre os ares.  
 Almejão, sim, ouvir o mensageiro,  
 E mudos são comtudo : não dissera,  
 Quem quer que os visse alli tão descuidosos,  
 Que ardor inquieto e fundo os anciava

O forte Gurupema alfim começa.  
 Após congruo silencio, em voz pausada :  
 — Saúde ao nuncio do Tymbira ! disse.  
 Tornou-lhe Jurucey : « Paz aos Gamellas,  
 Renome e gloria ao chefe seu preclaro ! »  
 — A que vens pois ! Nos te escutam : falla.  
 « Todos vós, que me ouvís, vistes boiantes,  
 Á mercê da corrente, o arco e as setas  
 Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis. »

« E de t'o ver folguei ; mas quero eu mesmo  
 Ouvir dos labios teus quanto imagino.  
 Acata-me Itajuba, e de medroso  
 Tenta poupar aos seus tristeza e luto ?  
 A flôr das tabas suas talvez manda  
 Trazer-me o corpo e as armas do Gamella,  
 Vencido, em mal, no desleal combate !  
 Pois seja, que talvez não queira eu sangue ;  
 E do justo furor quebrando as setas ..  
 Mas dize-o tu primeiro... Nada temas ;  
 É sagrado entre nós guerreiro inerme,  
 E mais sagrado o mensageiro estranho. »

Treme de pasmo e colera o Tymbira,  
 Ao ouvir tal discurso. — Mais sorpreso  
 Não fica o pescador, que mariscando  
 Vae na maré vasante, quando avista

Envolto em lodo um tubarão na praia,  
Que reputa sem vida; passa rente,  
E co' as malhas da rede acaso o açoita  
E a desleixo : — feroz o monstro acorda,  
E escancarando as fauces mostra nellas  
Em sete filas alinhada a morte !  
Tal ficou Jurucey, — não de receio,  
Mas de surpresa attonito ; — o contrario,  
Que de o ver merencorio não se agasta,  
A que proponha o seu encargo o anima.

« Não ignavo temor a voz me embarga ;  
Emmudeço de ver quão mal conheces  
Do filho de Jaguar os altos brios !  
Esta a mensagem que por mim vos manda :  
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,  
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,  
Cahidas a seus pés a voz lhe escutão.  
Não quer dos vossos derramar mais sangue :  
Tigre cevado em carnes palpitantes,  
Rejeita a facil preza ; nem o tenta  
De perjuros haver trophéos sem gloria.  
Emquanto pois a maça não sopesa,  
Emquanto no carcaz dormem-lhe as setas  
Immoveis — attendei ! — cortae no bosque  
Troncos robustos e frondosas palmas  
E novas tabas construí no campo,  
Onde o corpo cahio do rei das selvas,  
Onde empastado inda enrubece a terra  
Sangue d'aquelle heróe que vos infama !  
Aquella briga enfim de dois, tamanhos,  
Signalae ; porque estranho caminheiro  
Amigas vendo e juntas nossas tabas,

E a fé que usais guardar, sabendo, exclame :  
Vejo um povo de heróes, e um grande chefe ! »

Emquanto escuta o mensageiro estranho,  
Gurupema, talvez sem que o sentisse,  
Vae pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.  
A baça côr do rosto é sempre a mesma,  
O mesmo o aspecto, — a válida postura  
A quem de longe o vê, sómente indica  
Vigor descommunal, e a gravidade  
Que os proprios Indios por incrível notão.  
Era uma estatua, excepto só nos olhos,  
Que por entre as em vão cahidas palpebras  
Clarão funereo derramava em torno.

« Quero ver que valor mostras nas armas,  
(Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)  
Tu que arrogante, em frases descortezes,  
Guerra declaras, quando paz off'reces.  
Quebraste o arco teu quando chegaste,  
O meu te off'reço ! O quebrador dos arcos  
Nos dons por certo liberal se mostra,  
Quando o seu arco off'rece : julga e pasma ! »

E o arco empunha ! outro não foi como elle !  
Artifice de nome em seus labores  
Mais de um anno gastára em fabrical-o.  
As pontas levemente recurvadas  
Cabeças de bicephala serpente  
Figuravão, — iguaes no peso e fórma :  
Melhor que nenhum outro equilibrado,  
Lavrados os desenhos com tal arte,  
Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,  
Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,  
 Na corda a ageita, — o arco entesa e curva,  
 Atira, — sôa a corda, a frecha vôa  
 Com silvos de serpente. Sobre a copa  
 D'uma arvore frondosa descansava  
 Ha pouco um cenemby, — frechado agora  
 Despenha-se no rio, sopra iroso,  
 A cortante serrilha embora errica,  
 Co'a dura cauda embora açoita as aguas;  
 A corrente o conduz, e em breve tracto  
 O hastil da frecha sobre-nada a prumo.

Pudera Jurucey, alçando o braço,  
 Poupar acção tão baixa áquelles bosques,  
 Onde os guerreiros de Itajuba imperão.  
 Immoavel, mudo contemplou ño rio  
 De chofre o cenemby cahir frechado,  
 Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,  
 Desparecer, — a voz por fim levanta.

« Ó rei das selvas, Gurupema, escuta :  
 Tu, que medroso em face d'Itajuba  
 Não ousáras tocar o pó que o vento  
 Nas folhas dos seus bosques deposita ;  
 Senhor das selvas, que de longe o insultas,  
 Porque me vês aqui sósinho e fraco,  
 Fraco e sem armas, onde armado imperas ;  
 Senhor das selvas (que antes frecha accessa  
 Sobre os tectos houvestes arrojado,  
 Onde as mulheres tens e os filhos caros),  
 Nunca miraste um alvo mais funesto  
 Nem tiro mais fatal vibraste nunca.  
 Com lagrimas de sangue has de choral-o,  
 Maldizendo o logar, o ensejo, o dia,  
 O braço, a força, o animo, o conselho

Do delicto infeliz que vae perder-te!  
 Eu, sósinho entre os teus que me rodeião,  
 Sem armas entre as armas que descubro,  
 Sem medo entre os medrosos que me cercão,  
 Em tanta solidão seguro e ousado,  
 Rosto a rosto contigo, e no teu campo,  
 Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,  
 Que és vil, qu'és fraco! »

Sibilante frecha

Rompe da turba-multa e crava o braço  
 Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

« É seguro entre vós guerreiro inerte,  
 E mais seguro o mensageiro estranho! »  
 Disse com riso mofador nos labios.  
 « Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,  
 Que vos hei-de tornar, ultriz da offensa  
 Infame, que Aymorés nunca sonhárão!  
 Ide, correi, quem vos impede a marcha?  
 Vingae esta corrente, não mui longe  
 Os Tymbiras estão! — Voltae da empresa  
 Com este feito heroico rematado;  
 Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!  
 Vida por gota pagareis meu sangue;  
 Por onde quer que fordes de fugida  
 Vae o fero Itajuba perseguir-vos  
 Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;  
 Tremei!... »

E como o raio em noite escura  
 Cegou, desapareceu! De timorato  
 Procura Gurupema o autor do crime,  
 E autor lhe não descobre; inquire... embalde!  
 Ninguém foi, ninguém sabe, e todos virão.

## SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître ;  
j'ai béni et sanctifié ma vie et ma pensée ; j'ai  
raccourci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux  
les lumières de notre âge ; j'ai fait mon cœur plus  
simple, et l'ai baigné dans le bénitier de la foi  
catholique ; je me suis appris le parler enfantin  
du vieux temps : et j'ai écrit !...

STELLO.

---

### LÔA DA PRINCEZA SANCTA

Bom tempo foy o d'outr'ora  
Quando o reyno era christão,  
Quando nas guerras de mouros  
Era o rey nosso pendão,  
Quando as donas consumião  
Seos teres em devação.

Dava o rei huma batalha,  
Deos lhe acudia do céu ;  
Quantas terras que ganhava,

Dava ao Senhor que lhas deo,  
E só em fazer mosteyros  
Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,  
Torneyo não se fazia ;  
He esse o estilo de Frandres,  
Onde anda muita heregia ;  
Para os armar cavalleiros  
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos  
E em côrtes logo os reunia :  
Vinha o povo attencioso,  
Vinha muita cleregia,  
Vinha a nobreza do reyno,  
Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos  
Começava a discursar :  
« Os Iffantes já são homens,  
Vou-me ás terras d'alem-mar  
Armal-os hy cavalleiros ;  
Deos Senhor m'ha de ajudar. »

Não concluia o pujante  
Rey — de assi lhes propor,  
Clamavão todos em grita  
Com vozes de muito ardor :  
« Seremos nessa folgança,  
Honra de nosso Senhor ! »

E logo todos em sembra,  
Todos gente mui de bem,  
Na armada se agazalhavão,

Sem se pezar de ninguem;  
E os Padres de Sam Domingos  
Hião com elles tambem.

Hião, sí, os bentos Padres :  
E que assi fosse, he rezão,  
Que o sancto em guerras d'Igreja  
Foy hum bom sancto christão :  
Queimou a muitos hereges  
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava  
Toda a frota pera cá,  
Primeiro se perguntava;  
« Que terras temos por lá? »  
Quem em Deos tanto confia,  
Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,  
Como coisa natural :  
« Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,  
« Conquistas de Portugall! »  
E todos, a voz em grita,  
Clamavão : real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora  
Quando o reyno era christão;  
Os moços davão-se á guerra,  
As moças á devação :  
Aquella terra de mouros  
Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,  
E tanto pera louvar,  
Que os Padres de Sam Domingos

Já não sabião rezar;  
Todo-lo tempo era pouco  
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,  
Nem recontro se perdeo!  
Aquelles Padres coitados  
Não tinhão tempo de seo;  
Levavão todo cantando  
Louvores ao pay do céo.

Louvores ao pay do céo,  
Que eu inda possa trovar,  
Quando não vejo os mares  
Nossas quinas tremolar;  
Mas sómente o templo mudo,  
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados  
Dos campanarios subtiz,  
E a prata das sacristias,  
Servida em misteres vis,  
E ante os leões de Castella  
Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,  
Digo que sou Portuguez :  
Arço de ver nossas coizas  
Hirem todas ao revez,  
Arço de ver nossa gente  
Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos ! minha vida  
He vida de muita dura !  
Vivo esquecido dos vivos

Na terra da desventura ;  
Vivo escrevendo e penando  
N'um canto de cella escura.

Do meu velho breviario  
Só deixarei a leitura  
Para escrever estes carmes,  
Remedio á nossa amargura ;  
O corpo tenho alquebrado,  
Vive minha alma em tristura.

---

Que armada de tantas velas,  
Que armada he essa qu'hy vem?  
Vem subindo Tejo acima,  
Que fermosura que tem!  
Nas praias se apinha o povo,  
E as cobre todas porêm.

Dão signays as fortalezas,  
Respondem signays de lá :  
Vem el-rey victorioso!  
Quem de gaudio se terá?  
O mar he todo bonança,  
O céo mui sereno está!

Oco bronze fumo e fogo  
Já começa a despejar ;  
Acordão alegres echos  
Os sinos a repicar ;  
Grita e folgança na terra,  
Celeuma e grita no mar!

Vinde embora e mui depressa,  
Senhores da capital!  
Vinde ver Affonso quinto,  
Rey, senhor de Portugal;  
Vem das terras africanas  
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora  
Fragueiros de condição;  
Dormião quasi vestidos,  
Espada nua na mão;  
Nem repoisavão de noite  
Sem fazer sua oração.

Empresa não commettião  
Sem primeiro commungar,  
Sem fazer voto a algum sancto  
De tenção particular;  
Porêm victorias houverão,  
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos  
Da protecção divinal,  
Conhecerão os poderes  
Da benção celestial,  
Se contarem os mosteyros  
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,  
Nossos mosteyros custosos,  
São obras sanctas de Sanctos,  
Obras de reys mui piedosos;  
São brados de pedra viva,  
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem  
Dos templos edificados ;  
Dizem que forão mal gastos  
Os bens com elles gastados :  
Eu creio (Deos me perdôe)  
Que são incréos disfarçados !

E mais pasmão dos feitios  
De pedra, que Memphis tem,  
Sem ter olhos pera Mafra,  
Pera Batalha ou Belem !  
Oh ! se a estes conheceras,  
Meo Frey Gil de Santarem !

N'aquella villa deserta  
Ainda se me afigura  
Ver elevar-se nas sombras  
Tua válida estatura,  
E ouvir a voz que intimava  
Ao rey a sentença dura !

E mais a tacha que tinha  
Era ser fraco, e não mais !  
Tu, meo Sancto, que fizeras,  
Se ouviras a estes tais,  
Que nos assacão motejos  
Ás nossas obras reais !

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas,  
Relevai-me esta tardança ;  
São achaques da velhice :  
Vivemos de rememrança  
E em longas fallas fazemos  
De tudo commemorança.

Já el-rey Affonso quinto  
 Nas suas terras pojou :  
 Alegre o povo o recebe,  
 Alegre el-rei se mostrou ;  
 Abrio-se em alas vistosas,  
 El-rey entre ellas passou.

Vem os mazicos troando  
 Nos atabales guerreiros,  
 Tangem outros istromentos  
 D'esses climas forasteiros,  
 E traz elles vem marchando,  
 Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes  
 De bigodes retorcidos,  
 Caminhão a passos lentos,  
 Com sembrantes de atrevidos.  
 Causa medo vêl-os tantos,  
 Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,  
 Homens de má condição,  
 Que vivem na lei nojenta  
 Do seo nojento alkorão,  
 Que — vinho? nem querem vêl-o,  
 Só porque o bebe hum christão!

Vêm as moiras depois d'elles,  
 Rostos cobertos com véos ;  
 Bem que filhas d'Agarenos,  
 São tambem filhas de Deos ;  
 Se forão christans ou freiras,  
 Serião anjos dos céos.

Luzião os olhos d'ellas,  
Como pedras muito finas;  
Devião ser finas bruxas,  
Inda qu'erão bem meninas,  
Que estas mouras da Mourama  
Nascem já bruxas cadimas.

Huma d'ellas que lá vinha  
Olhou-me á travez do véo!...  
Foy aquillo obra do demo,  
Quasi, quasi me rendeo!  
Pensei n'ella muitas vezes,  
Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,  
E o pésinho delicado...  
Como póde pensar n'isto  
Hum pobre frade caçado,  
Hum padre da Observancia,  
Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos  
Não cabe n'este papel;  
Vinhão muitas alimarias,  
Como achadas a granel;  
Vinha o iffante brioso,  
Montado no seu corsel.

Vinhão pagens e varletes,  
Vinhão muitos escudeiros,  
Vinhão do sol abrazados  
Nossos robustos guerreiros;  
Vinha muita e boa gente,  
Muitos e bons cavalleiros!

---

A Princeza Dona Joanna  
 Sahio dos Paços reais ;  
 Era moça e muito airosa,  
 E dona de partes tais,  
 Que todos lhe qu'rião muito,  
 Estranhos e naturais !

Foi requerida de muitos  
 E muito grandes senhores,  
 Por fama que della tinhão,  
 E por copia de pintores,  
 Que muitos vinhão de fóra  
 Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,  
 Ludovico, creio eu :  
 Hum pobre frade mesquinho  
 Só trata em cousas do céo ;  
 Sabe elle que muito sabe,  
 Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,  
 O onzeno do nome seo,  
 Que vendo hum retrato d'estes  
 Pera si logo entendeo  
 Qu'era prodigio na terra  
 Quem tanto tinha do céo.

-E logo sem mais tardança  
 Cahio, giolhos no chão ;  
 No feltro traz arrelíquias,  
 Assi uza hum rey christão ;  
 O seo feltro poz diante,  
 E fez hy sua oração !

Sahio a real Princeza,  
Sahio dos Paços reais,  
Nos pulsos ricas pulseiras,  
Na fronte finos ramais ;  
De longe seguem-lhe a trilha  
Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso  
Sobo-las suas espaldas,  
E as largas roupas na cinta  
Prendia em muitas laçadas ;  
Seos olhos valião tanto  
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura  
E meneyo concertado,  
Solto o cabelo em madeixas,  
Pelas costas debruçado :  
Cadexo de fios d'oiro,  
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,  
Vinha muito pera ver :  
O povo em si não cabia,  
Quando a via, de prazer ;  
Era ella sancta ás occultas  
E anjo no parecer !

Debaixo das telas finas  
E dos brocados luzidos,  
Trazia á raiz das carnes  
Duros cilicios cozidos  
E humas crinas muito agras,  
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras  
 No oratorio a rezar,  
 Dormia despois na pedra  
 Sem ninguem o suspeitar :  
 Extremos tais em princeza  
 Quem n'os ha de acreditar ?

No dia de lava-pés  
 Ordenava ao seo Védor  
 Trazer-lhe doze mulheres ;  
 E depois, com muita dôr,  
 Chorando os pés lhes lavava,  
 Honra de nosso Senhor !

E depois de os ter lavado,  
 Não perdia a occasião,  
 Despedia a todas juntas  
 Com sua esmola na mão :  
 Dizia que era humildade,  
 E obra de devação.

E as mendigas pasmadas  
 Sahião de tal saber,  
 E perguntavão, quem era  
 Aquella sancta mulher ? !  
 Máos peccados que ella tinha  
 Só pera assi proceder !

O mesmo Védor foy quem  
 Isto despois revelou,  
 Quando aquella humanidade  
 Em o Senhor descançou ;  
 Dona Joanna era já morta,  
 Elle porê m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo  
Que guardava em coisas tais,  
Sabião algo os estranhos  
Por muitos certos signais,  
Que o ar he todo perfume,  
Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha  
Que me faz scismar a mi,  
Que as donas d'hoje pareção  
Huns camafêos d'alfeni,  
Não donas de carne e osso ;  
As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada  
(He lhes o demo caudel)  
Praguejão a meza escaça  
E as arestas do burel ;  
Querem mimos e regalos,  
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,  
Regente de Portugal ;  
Traz sobre si muitas joias  
Do thesouro paternal ;  
Deos lhe pôz graça divina  
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiva,  
Muito senhora de si :  
Perante el-rey se agiolha,  
Disse-lhe el-rey : não assi !  
E ao peito a cinge dizendo :  
« Não a meos pés, mas aqui ! »

« Sois hum bom pay, Senhor rey,  
 Tornou-lhe a sancta Princeza :  
 Eu que sou vassalla vossa  
 E filha por natureza,  
 Peço mercê como aquella.  
 Como esta peço fineza. »

Ficárão logo suspensos  
 Todolos que erão aly,  
 Ficárão como enleiadados,  
 Enleio tal nunca vi !  
 Eis que a Princeza medroza  
 Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondêra ;  
 Que lhe havia responder ?  
 Boa filha Deos lhe dera,  
 Que lhe havia defender ?  
 Sorrio-se, o bom rey quizera  
 Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces :  
 « De alguns capitães antigos  
 Tenho lido, Senhor rey,  
 Que, vencidos os imigos,  
 Tornavão, a Deos fazendo  
 Sacrificios mui subidos.

« Vião as coisas melhores  
 Que dos seos reynos havião,  
 E logo lh'as offertavão ;  
 E mercês tambem fazião,  
 No dia do seo triunfo  
 A los que justas pedião.

« Deslembrar a usança antiga  
Fôra de grande estranheza ;  
Agora sobre maneira,  
Perfeita tamanha empreza,  
De tanto lustre aos do reyno,  
De tal honra a vossa Alteza.

« Digo pois a vossa Alteza,  
E digo com muita fé,  
Deve a offerta ser tamanha  
Quamãha foy a mercê,  
Não do nobre rey pujante,  
Mas do sancto rey qual he.

« A offerta que vós fizerdes,  
Será mercê paternal :  
Se quereis que corresponda  
Ao favor celestial,  
Deve ser coisa mui alta,  
Deve ser coisa real.

« Ao Deos que vence as batalhas  
Dai-lhe a filha muito amada ;  
Dai-lhe a só filha que tendes  
Em tantos mimos criada :  
Será a offerta bem quista  
E do Senhor accitada.

« E eu a quem mais custou  
De medos, esta jornada,  
Que muitas noites orandô  
Passei em pranto banhada,  
Sou eu, Senhor, quem vos peço  
Ser a hostia a Deos votada. »

Que sancta que era a Princeza,  
Que extremos de devação !  
Nos sembrantes dos presentes  
Vio-se, e não era rezão,  
Que a nenhum delles prazia  
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,  
El-rey, porque muito a amava:  
Aquelle dizer da filha  
Todo o prazer lhe aguava,  
Aquelle pedir sem dó  
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della  
O pobre velho cançado,  
Chorou o triumpho breve  
E o prazer mal rematado,  
Não como rey valeroso,  
Mas como pay anojado.

El rey despois mais tranquillo  
Rompeo o silencio alfi';  
E entre afflicto e satisfeito  
Disse á filha: Seja assi!...  
Velhos guerreiros vi eu  
Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo  
Não sei que tempo gastei,  
Nem sei de mim que fizerão,  
Nem tam pouco se chorei;  
Foi traça da Providencia:  
Nisto commigo assentei.

Foy Jephthé corajoso,  
O forte rey de Judá;  
Volta coberto de loiros,  
Quem primeiro encontrará?  
Sente a filha, torce o rosto...  
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios  
Soube a Deos mais agradar?  
Vai a Hebréa constrangida  
Depor o collo no altar,  
Vai a christã jubilosa!  
São ambas pera pasmar.

---

Depois n'hum dia fermoso,  
Era no mez de Janeiro,  
Houve huma scena vistosa  
Dentro de hum pobre mosteyro;  
Fundou-o Brites Leytoa,  
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,  
Sobrinha d'altos Iffantes,  
Filha de reys soberanos,  
Senhora das mais pujantes,  
Era a primeira figura,  
Espantava os circunstantes.

Aly humilde e curvada,  
Pezar de todos os seos.  
Giolhos sobre o ladrilho  
E as mãos erguidas aos céos,  
Ouvi — exigua mortalha  
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,  
 Louvores ao Senhor Deos:  
 Os anjos digão seo nome,  
 Rostos cobertos com véos;  
 Leião-n'o os homens escripto  
 No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora  
 Quando o reyno era christão,  
 Quando nas guerras mouriscas  
 Era o rey nosso pendão,  
 Quando as donas consumião  
 Seos teres em devação.

« Isto escreveo Frei Antão  
 De vida mui alongada,  
 Nossa Senhora da Escada  
 O teve por Capellão. »

---

### GULNARE E MUSTAPHÁ

Deos Senhor foy quem nos céos  
 Pendurou milhões de estrellas,  
 Foy quem matizou a terra  
 De froles varias e bellas,  
 Quem ao mar por ser pujante  
 Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes  
 Das sementes germinassem,  
 Que déssem froles mimosas.

Que perfumes trescalassem,  
E mais fez que em tempo azado  
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,  
Imigo da humanidade,  
Nas arvoles poz carcoma,  
Poz na frol muita ruindade,  
Poz nos céos a nuvem negra,  
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas  
Damna, e faz mal o tredo,  
A alma tambem por mil modos  
Tenta com geito e sabor,  
Que troca o prazer celeste  
Em penas d'eterna dôr !

Mas não foy jamais que Deos  
Em tal feito consentisse,  
Senão porque suas posses  
O homem bem claro visse;  
Que sem elle fôra o mundo  
Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra  
Que não venha pera bem ?  
Os d'aqui desta amargura  
Dão coyta, e gloria porêm;  
Dos outros que traz o demo  
Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo  
Acontecido, al não sei,  
Senão que por amor delle

Muito má vida levei,  
Que me dá coyta mui grave  
Do mal que me comportei.

Como já fiz penitencia,  
Ora farei confissão;  
Tal será, qual foy o escand'lo  
De que fui occasião:  
Não me tomem por modelo,  
Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,  
Mas pera honra dos céos,  
Que eu direi publicamente  
Os feios peccados meos;  
Toda a vergonha foy minha,  
Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia  
Celeste, e mais na d'aqui:  
Dá batalha o cabo experto,  
Desses muitos que ha per hy;  
Toda a preza aos seos concede,  
Só lôa quer pera si.

---

A Princeza Dona Joanna  
Já vive dentro d'Aveiro;  
Comsigo trouxe os escravos,  
Que lhe trouxe o rey fragueiro;  
O que ás terras africanas  
Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios  
Netos d'Agar, inda mal !  
Traçando vastas roupagens  
À maneira oriental ;  
Larga faxa na cintura,  
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos  
Polas ruas passear,  
Passo a passo — graves, mudos,  
Com doairos d'espantar,  
Profundas rugas na fronte,  
Rugas de máo meditar.

Levar traz si tanta gente  
Nunca a ninguem vi assi ;  
Nem folias, nem cantares  
Vi com tal cauda apoz si,  
Bôdo, nem festa d'orago,  
Bufão, e nem bolatf.

Mas quem vio acaso as turbas  
Correrem traz algum bem ?  
Vão todas apoz engodos,  
Apoz maldades tambem ;  
Mas seguir a Deos por gosto  
Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descritos  
Vierão tambem aquellas  
Moiras, filhas da Mourama,  
Donas, creio, muito bellas ;  
No trato e no galanteio  
Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,  
Aquella moira fatal,  
Que nas ruas de Lisboa  
Vi no cortejo real:  
Cortejo del-rey Affonso  
Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,  
Nulla rem lhe estava mal ;  
Dizião que tudo nella  
Tinha graça natural,  
Era coisa preciosa,  
Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,  
Aquella pomba sem fel  
Passava noites inteiras  
Tangendo n'hum arrabel,  
Coando vivas saudades  
Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas  
Ouvindo na solidão  
Aquelle triste instrumento,  
Al não disseras, senão  
Que o mesmo demo voltado  
Era n'aquella feição.

Zagales porêm da serra  
Mil vezes, no fim do dia,  
Polos montes não buscava  
A sua ovelha erradia ;  
Mas no bordão apoiado,  
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e pasmado  
De todos e mais de mi,  
Mil vezes fugi da cella,  
Té das matinas fugi,  
Mil vezes, durante a noite,  
Aquelle instrumento ouvi.

Mil vezes!... e não sei como  
Isto foy, que o não sentia,  
Quando mal me precatava,  
Dava commigo que ouvia  
Dilatar-se polos valles  
Aquelle doce harmonia.

Assi todo embevecido  
Bons sonhos que então sonhei,  
Boas venturas que tive,  
Bons scismares que scismeí!  
Esqueci-me de ser frade!  
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava  
Do juramento que dei,  
Do encargo que me tomára,  
E das vestes que eu tomei,  
Chorava; e não sei bem como  
Em pranto não me afundeí

Derramei n'aquellas brenhas  
Cheio d'extranha afoiteza,  
Palavras dadas ao vento  
Com muito feia crimeza,  
Contra mi e contra todos,  
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,  
 Polas voltas dos caminhos  
 Rojei nas sarças mordentes  
 E nos cardos montesinhos,  
 Rasgando os brancos vestidos  
 N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh ! não sei como  
 Todo eu não fiquei aly,  
 Como eu, que por tantas vezes  
 Rosto nas rochas feri,  
 Não perdi o ser de todo,  
 Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava :  
 « Cegueira, Senhor, me dás !  
 Cinge-me os rins larga zona  
 De ferro, e bem me não traz ;  
 Trago cilicios mordentes,  
 Usando burel mordaz.

« Abro e vejo o livro sancto,  
 E vejo que não sei ler !  
 Aquelles sanctos dictames  
 Já n'os não sei compr'hender ;  
 Enojo occupa minha alma,  
 Hei pavor de me perder ! »

- Donde pois me vinha a mi  
 No proprio bem ver o mal ?  
 Conheci no meo exemplo,  
 Que m'era do ser fatal :  
 Senhor, teo sancto remedio  
 He triaga cordial.

Bem como o ferro na frágua,  
No soffrer a alma se apura :  
Assi que disse eu commigo  
Que a triaga tambem cura,  
Quanto mais amarga e punge,  
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha  
Lavrando foy pouco e pouco;  
Rohia coyta d'amores  
Miôlo cavado e ôco,  
Já era o mal dentro d'alma,  
E eu delle rendido e louco.

Dizião meos bentos Padres :  
« Que he feito de Frei Antão ?  
Negra dôr o tem por certo,  
Negra dôr de coração :  
O demo o fez, porque visse  
Turbada tal perfeição.

« Parece já de esquecido  
Que nem de si tem lembrança !  
Á taboá se achega apenas,  
Não toma a sua pítançã ;  
Té nos officios divinos  
Perdeo a sua trigança.

« Sahe á noite muitas vezes,  
Diz o bom do Guardiãõ :  
Sahir á noite, a deshoras,  
Certo não he devaçãõ :  
Que faz de noite nas ruas  
Hum padre, ou frade ou christãõ ? »

Comtudo alguns dos mais velhos  
 Dizião : « Que ha hy de mal ?  
 O quer que he que o perturba,  
 Coisa não he natural :  
 Deve ser condão divino  
 Ou graça celestial !

« Pois hum sancto como aquelle !  
 Quem he que o ha de tentar ? »  
 Eis senão quando começa  
 Voz, não sei donde, a zoar  
 Que Frei Antão ja não sabe  
 No seo rosairo rezar !

E o caso foy que hum noviço  
 Tirou-mo só de matreiro,  
 Tendo-o fechado comsigo  
 Por novena ou mez inteiro ;  
 E eu d'outro me não provêra,  
 Sendo que tinha dinheiro !

Todo los meos defensores  
 Voltárão-se contra mi ;  
 Dizião que era mal feito  
 Hum sancto mentir assi :  
 Seja-me Deos testemunha,  
 Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Communnidade  
 Propoz-me o Provincial :  
 « Dizei *peccavi*, meo Padre,  
 Que voz havedes tão mal,  
 Que não rezades as rosas  
 Da virgem celestial ! »

Ouvido que foy por mi  
Tão solemne mandamento,  
A mi, que primára sempre  
Adentro do meo convento,  
Não sei que pejo maldicto  
Acorreo-me a pensamento.

Não era feio o peccado,  
Mas confessal-o ; e assi  
Fiquei de pavor transido,  
Mal que tal preceito ouvi :  
Homem não era de carne,  
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo  
Nada não soube dizer ;  
Nem confessar meo peccado,  
Nem ao menos responder :  
Ficárão como suspensos  
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial  
Rompe o silencio, e « Azinha  
Trazei, disse elle, o hyssope,  
Mais a benta caldeirinha ;  
Ver demo em corpo de frade  
Coisa não he comezinha. »

Corre afanado o Sacrista  
Pera a sua sacristia ;  
Traz prestes a caldeirinha  
Banhada inteira na pia ;  
Rezava mil rezas suas,  
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado  
 Recebe o Provincial  
 O hyssope todo molhado,  
 Dizendo sacerdotal :  
 « Fugide, partes adversas,  
 Demonio, espirito do mal.

« E mais deixa a criatura  
 Por amor de quem Jezus  
 Soffreo, martyro affrontoso  
 E morte vil n'hum cruç;  
 Em nome do Padre e Filho  
 E Espirito, que sempre luz ! »

Ouvido aquelle exorcismo,  
 Cego de toda a rezão,  
 Larguei-me do refeitorio,  
 Fugindo como hum ladrão  
 Clamárão todos em grita :  
 « Chantou-se nelle o Legião ! »

Enfiei os claustros todos,  
 Passei pola portaria,  
 Achei-me em logar, de noite,  
 Que eu mesmo não conhecia :  
 Os sons do arrabel mourisco  
 Sómente daly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes  
 Discursavão entre si,  
 Dizião dos esconjuros  
 Que mal cabião em mi,  
 Que era grande sacrilegio  
 Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem  
Que ao inferno se vendia,  
Era o christão que adorava  
As filhas da idolatria,  
Que dentro em si tinha o Demo  
E o Demo em si não sentia;

Era o padre que trocára  
O amor de seo Senhor  
Por amor d'huma Dõnzella,  
Filha d'aquelle impostor,  
Mafoma, falso propheta,  
Mafoma, judêo tredor!

---

A princeza Dona Joanna  
Mandou ao nosso Convento :  
Qu'eu prestes vá ter com ella  
Manda por seo mandamento ;  
Não quer demora, nem falta,  
Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente  
Não m'ó diz a mensageira :  
Não sabe coiza de certo.  
Não dirá coiza certa :  
O habito á pressa enfio,  
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade  
Veio a Princeza real :  
« Meo Padre, disse-me entonces,  
He fóra do natural  
Qu'eu tenha escravos, e mouros  
Rainha de Portugal.

« Ide vós porêem chamal-os  
Pera o rebanho christão;  
Cazade-os vós muito embora,  
Que bem dahy haverão:  
Eu lhes darei corpo livre,  
Deos Senhor a salvação. »

Siquer huma só palavra  
Não tive n'aquelle ensejo,  
Sustou-m'a já na garganta  
Não sei que mesquinho pejo;  
Por confessar meo peccado  
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,  
Vergonha que todos têm;  
Ultimo fructo colhido  
N'aquelles jardins do Eden;  
O Demo o tocou primeiro:  
Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago  
O verde limo acamado,  
Assi deitado e mimoso  
Brilha lustre avelludado;  
Tal é aquella vergonha,  
Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes  
Do limo que he tão viçoso,  
E vereis como se prendem  
No fundo impuro e lodoso:  
Aly com ellas se abraça  
O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas  
Vivem, cruzando laçadas,  
Muitos sapos bufadores,  
Muitas rãs esverdinhas;  
Humas coizas de má sina,  
Outras coizas mal fadadas.

---

He força fallar á moira !  
Disse commigo, e assi  
Andava curtas passadas  
Por não chegar ; ai de mi !  
Tem termo toda a jornada,  
Cheguei ! porque não morri ?

Já d'aquelles outros moiros,  
Tão feros, não se me dava ;  
Mas de suor de maleitas  
O corpo se me banhava,  
Quando d'aquella menina  
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras  
Foy o sancto Daniel,  
Fui eu no covil lançado  
D'aquella gente infiel ;  
Era elle experto em tais lutas,  
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira  
Leixando a mais gente vil,  
Ardi doce perfume  
Em transparente viril ;  
Sobre um bofete lavrado  
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta  
 Que hum reposteiro cobria,  
 E hum pano de seda verde  
 Sobre a estreita gelosia,  
 E mais hum denso tapete,  
 Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa  
 Vestes de branco setim  
 Entreteladas parece  
 De coiza de bocaxim,  
 E humas largas pantalonas,  
 Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo  
 De seda azul anilado,  
 Com longas mangas perdidas,  
 De carmim todo forrado,  
 Como se fôra hum alfange,  
 Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada  
 A negra coma apertava ;  
 Que doces anneis brincados  
 A negra coma formava,  
 Quando por vezes no collo  
 De neve — se debruçava !

Sob as largas pantalonas  
 Hum pésinho delicado  
 Sahia nusinho e bello,  
 Mimoso e branco e nevado ;  
 Em chapins dos mais pequenos  
 Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos  
Trazia a moira hum annel ;  
Meio deitada, a desleixo,  
Tangia no arrabel ;  
Tangia-o com tanta graça,  
Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava  
Era de lingoa algemia ;  
Era qual trinar das aves  
As notas em que gemia  
Saudades de longes terras  
Em peregrina harmonia !

Era menina e fermosa,  
Nunca lhe vi sua igual !  
Coiza assim tam primorosa  
E tanto celestial,  
Ou era filha dos anjos,  
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,  
E o demo em sua cegueira,  
Fazem quasi as mesmas coizas  
Mas por diversa maneira ;  
O demo como quem he,  
Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude  
Entre afflicções dolorosas,  
Qual frol de rosa entre espinhos ;  
Em ledices enganosas  
Pôz o demo o seo peccado,  
Qual feia serpe entre rosas.

---

Quanto o sol mais se abaixava,  
 Tanto mais alto gemia  
 Aquella moira mimosa,  
 Que as suas mágoas carpia :  
 He hora que espalha enlevos  
 A hora do fim do dia !

O passaro então das ramas,  
 Louvor a nosso Senhor !  
 Ultimo vôo desprega  
 E hum doce grito de amor ;  
 Nas pennas esconde o bico,  
 Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viivas  
 Definhão, só de tristura ;  
 O mar soluçando geme,  
 Mais alto a fonte murmura,  
 Reina o silencio que fallá,  
 Bafeja a doce frescura.

« Vistes vós meo bem amado,  
 (Dizia a filha d'Allah)  
 « Vistes vós meo bem amado,  
 « O meo senhor Mustaphá !  
 « Se o vistes, dizei-me onde !  
 « Por alma vossa, onde está ?

« A noite o deixou fechado  
 « Portas a dentro do harem :  
 « Sorvia aquelles perfumes,  
 « Que lá d'Arabia nos vem ;  
 « Trajava os reais vestidos,  
 « Que lhe cabião tão bem.

« Já era sobre-manhã  
« Quando de mi se apartou,  
« Seo negro corcel d'Arabia  
« D'um pulo só cavalgou,  
« E o sol que vinha raiando  
« Lá na montanha o topou.

« Vio daly seos bons guerreiros,  
« Em alas promptos estão ;  
« De fronte mal enxergava  
« O troço do rey christão ;  
« Disse o crente musulmano :  
« Allah m'os trouxe, meus são !

« Allah ! lhes grita o guerreiro,  
« Respondem-lhe os seos : Allah !  
« Gritão Christãos : Sam Tiago !  
« E o meo senhor Mustaphá  
« Desceo então da montanha,  
« Que nunca mais subirá.

« Desceo elle da montanha  
« Qual rocha descommunal,  
« D'agudo cimo tombando,  
« Arrazando o pinheiral ;  
« Mas a rocha em fundo valle  
« Faz-se pedaços, em mal !

« Desceo elle ao fundo valle,  
« Como o tufão queimador ;  
« Polos christãos inimigos  
« Cortou sem pena e sem dôr ;  
« Raio d'esforço na guerra  
« Foy Mustaphá, meo Senhor !

« Mas o vento do deserto  
 « Depois de médas formar  
 « Das areias que agglomera,  
 « Onde he que vai acabar ?  
 « Mafoma e Allah que mo digão,  
 « Que eu não sei senão chorar !

« Allah quebrou teo orgulho,  
 « Meo bom senhor Mustaphá !  
 « Allah quebrou teo orgulho,  
 « Mas quando se acabará  
 « Vida que vives de escravo,  
 « Vida que levas tam má ?

« Doces Huris do Propheta,  
 « Lá do palacio de Allah,  
 « Olhavão cá pera baixo  
 « Só pera ver Mustaphá !  
 « Guerreiro não foi como elle,  
 « Como elle ninguem será.

« De ser elle o meo amado,  
 « Ai que já fui bem feliz !  
 « De ser elle o meo amado  
 « Tinhão-me inveja as huris :  
 « Ora não ha quem m'inveja !  
 « Foy Allah que assim o quiz.

« Ora não ha quem m'inveja !  
 « Tenho no peito afflicção ;  
 « Escrava sou d'hum escravo,  
 « Escravo d'hum vil christão !  
 « Mesquinha, que ainda o amo ;  
 « Trago-o aqui no coração ! »

Então pera junto della  
Cheguei-me sem ser sentido ;  
Fallei-lhe em som cavernoso,  
Medonho e baixo no ouvido :  
¿ Por que assi amas o escravo ?  
Disse eu, do meu mal vencido.

Foy certo o espirito malvado  
Quem pera ally me arrastou,  
Quem nos meos castos ouvidos  
Palavras tais derramou,  
Quem aos pés da moça moira  
O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros  
Pezava co'o pezo seo,  
Quando a moira espavorida  
Do vasto leito se ergueo :  
Vendo-me ally de giolhos,  
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,  
Mas antes seos olhos vi ;  
Aquelles olhos fermosos  
Lavar-me o rosto senti,  
Tocar-me no fundo d'alma,  
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos !  
Ora bem se me afigura  
A lua rasgando as trevas  
Em meio de noite escura !  
Vi Diana, a caçadora,  
N'aquella hardida postura.

---

Mas a moira de repente  
 Hum grito franzino dá!  
 De mi se parte voando,  
 ; Senhor Deos, o que será?  
 Volto prestes a cabeça...  
 Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço  
 A moira os braços prendeo;  
 Arfa-lhe o peito açodado;  
 Pera traz roja o seo véo,  
 Offrece o rosto mimoso  
 Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa  
 Hera que hum robre vingou;  
 Ligou-se estreita com elle,  
 Do tope se debruçou,  
 Folha metteo pelas folhas,  
 Vida com vida cazou.

« Gulnare, disse-lhe o mouro,  
 Gulnare, meo doce amor,  
 Melhor que a rosa da Persia,  
 Que arabio incenso melhor,  
 Frol dos jardins do propheta,  
 Que dás mate á minha dôr! »

Responde a moira mimosa:  
 « Dizes bem, meo Mustaphá;  
 O fogo chegou-se ao incenso,  
 O incenso effluvios dará;  
 O sol scintilla na rosa,  
 A rosa resurgirá. »

u

« Abelha, tornou-lhe o moiro,  
Que susurras de agastada ;  
Herva, que as folhas constringes,  
De estranho corpo tocada ;  
Quem tocou na minha abelha,  
Quem na herva delicada ? »

Ella entonces de malquista  
Deo-lhe d'olhos pera mi ;  
Sancto Jezus ! em que apertos  
N'aquelle ensejo me vi,  
Prendêra-me força occulta,  
Foy porê m que não fugi !

Trazia o moiro atrevido  
Adaga no boldrié ;  
Deixar a moiros com armas,  
Gente de baixa ralé,  
Em que escravos de Princeza,  
He certo extranha mercê !

A mão no punho da adaga,  
A passo, vem sobre mi ;  
Trinca as pontas do bigode,  
Quais cerdas de javali ;  
A barba toda se erricha,  
Que feio rosto lhe vi !

Os olhos que me lançou,  
Jamais não vi seos iguais ;  
Devião ser puro fogo,  
Senão faiscas fatais  
D'aquelle sol do deserto,  
Que abraza e funde arcasís.

Negros olhos de panthera,  
 Luzindo em fea espelunca ;  
 Olhos, que o gyro do sangue  
 Nas veias demora e trunca ;  
 Olhos cheios de carniça ;  
 E della não fartos nunca.

---

A mi chegou-se, inquirindo :  
 « Que vieste aqui fazer ? »  
 Fiquei deslogo tremendo,  
 Sem lhe poder responder :  
 « Senhor,... em nome do céo!... »  
 Disse eu ; que havia dizer ?

« Em nome das tres pessoas  
 « Da trindade, em huma só,  
 « Eu vos rógo, senhor moiro,  
 « Que siquer tenhades dó  
 « Da alma vossa arriscada,  
 « Já não do corpo, que he pó. »

N'aquelle ensejo apertado  
 De sancto ardil me vali ;  
 Lembrou-mo o exemplo sagrado  
 Da forte hebréa Judith !  
 Ser isso influxo divino  
 Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o moiro descrido :  
 « E a mi que m'importa mais  
 « Que viver entre valentes,  
 « Em gozos celestiais,  
 « Entre jardins prazenteiros,  
 « Entre fagueiros rosais ?

« Tu me fallas dos teos Deoses !  
« Ha outros sem ser Allah ?  
« Allah, que o vôo dirige  
« Do bemfazejo Kathá !  
« Christão, dos teos falsos Deoses  
« Bem pouco a mi se me dá.

« Digo-te eu, que elles não podem,  
« Mais que digas que são trinos,  
« Suster no ar do propheta  
« Os sanctos restos divinos,  
« Que a Meca chamão por anno  
« Milhares de peregrinos. »

Ouvindo aquellas blasfemias,  
Senti arrojo dos céos ;  
Hia fallar, mas o moiro  
Tornou-me : « Só Deos he Deos,  
« E Mafoma o seo Propheta,  
« Em que pêze isto aos incréos !

« O que penso, sem resguardo  
« Dir-t'o-hei, christão, alfim ;  
« Não uza como vós outros,  
« Mahometano Muezzin,  
« Não vai á caza dos crentes,  
« Não leva tenção ruim.

« Não rója, não, de giolhos  
« Aos pés de christã donzella ;  
« Mas lá dentro da Mesquita  
« Vive sempre e sempre vela,  
« Ou do alto minarete  
« Á prece os crentes appella.

« Portas a dentro do templo,  
 « Imagem da crença pura :  
 « Do alto do minarete,  
 « A imagem d'Allah figura,  
 « Bradando incessante e sempre  
 « Aos homens, d'aquella altura. »

« He assi entre vós outros, »  
 Tornei-lhe, « que entre nós não.  
 « Queremos em cada caza  
 « Um templo de devação,  
 « Em cada peito hum sacrario,  
 « Hum padre em cada christão.

---

Sobresteve mudo e quedo,  
 E como que reflectia  
 O moiro, que me parece  
 A graça já presentia ;  
 A graça que o céo nos manda,  
 Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado  
 Aquelle ensejo feliz,  
 Que passado curto prazo,  
 Severo o moiro me diz :  
 « O que Deos faz he bem feito :  
 « Moiro nasci, não me fiz !  
 « Deixemos pois tal assumpto,  
 « Delle não quero tratar ;  
 « Ou antes dizei, bom Padre,  
 « Qu'hides carreira tomar,  
 « Adoptando novo ensino,  
 « Novo modo de prégar.

« Andai por essas estradas  
 « E dizei á vossa gente :  
 « A vós que mal vos hão feito  
 « Os homens lá do oriente,  
 « Que vos livraráo dos godos,  
 « E do servir inclemente ?

« As vossas artes que tendes  
 « Cujo as havedes ? — de quem ?  
 « Donde vêm ás vossas terras  
 « Campos de lavra que têm,  
 « E as torres acastelladas,  
 « E as mesquitas, donde vêm ?

« Quem nos vossos negros montes  
 « As alcáçovas plantou,  
 « Como candido turbante,  
 « Que na frente se enrolou  
 « De hum homem da côr da noite,  
 « Que a Nubia ardente engendrou ?

« Ou s'isto melhor te praz :  
 « São obras de reys pujantes,  
 « Tendas ricas e pomposas  
 « No dorso dos elefantes ;  
 « C'roas de pedra lavrada  
 « Na frente d'altos gigantes. »

Estes mouros na verdade  
 Qu'esprito e graça que têm ?  
 Quando vos dizem mentiras,  
 Sabem dizel-as tão bem,  
 Que havemos de perdoar-lhes,  
 E em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados  
 No seo maldicto alkorão,  
 Que era de ser o primeiro  
 A soffrer condemnação  
 N'aquelle sancto concilio,  
 Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,  
 He só polos não ver mais ;  
 Fazião prompta justiça  
 Destes e d'outros que tais :  
 Ardião com seos authores  
 Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,  
 De que pró nos não seria ?  
 Vive tal livro entre gabos,  
 Que ally no fogo arderia,  
 Com pasmo de seos authores,  
 Que os têm por coisa mui pia.

E d'outros que só por artes  
 Fruem da voga que têm,  
 Que não sei onde he seu preço,  
 Nem donde apreço lhe vem,  
 Senão por vias occultas,  
 Que as não descobre ninguem !

Mas deixemos estas coisas,  
 Que não são de boa avença !  
 O livro que eu reprovára  
 Por muito justa sentença  
 Trouxera-me coyta grave,  
 Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas ;  
 Bem qu'eu não saiba fallar,  
 Senão com longos rodeios :  
 (Vem-me o séstro de prégar)  
 Quando me julgo no cabo,  
 Mais longe estou de acabar.

---

« Mouro, n'aquella batalha, »  
 Disse eu, « ouvidos me dá,  
 « Quando o reyno teo perdeste,  
 « Não chamaste por Allah ?  
 « Não te ouvio ! — chama por Christo,  
 « E Christo, Deos, te ouvirá.

« Vás as terras da Moirama,  
 « Ou fiques em Portugal,  
 « Senhor serás do teo corpo,  
 « Vida terás natural :  
 « Vê, se Gulnare formosa  
 « O teo propheta não val !

« A moira que não foy feita  
 « Pera servir a senhor,  
 « Que de bella e de mimosa,  
 « Parece que o mesmo amor  
 « O corpo tem de quebrar-lhe,  
 « E de apagar-lhe o candor.

« A moira doce nascida,  
 « Doce creada ; perol  
 « Que só sabe apavonar-se  
 « Da manhã polo arrebol,  
 « Não nos jardins destas partes  
 « Mas onde mais queima o sol.

« A moira bella e mimosa !  
 « Avezinha pipitante,  
 « Qu'ama ar puro, espaço livre,  
 « E céo de côr deslumbrante,  
 « Que o vôo fugaz desprega,  
 « Quando o sol he mais brilhante !

« Ai! não guardes a avezinha  
 « Dentro de estreita prisão,  
 « Não mudes a frol mimosa,  
 « Que bem'stá no seo torrão :  
 « Vai ás terras da Moirama ;  
 « Se queres hir, sê christão. »

Huma lagrima brilhante,  
 Como que a furto luzia  
 Nos olhos da moça moira  
 Que o moço moiro cingia ;  
 Em que nada lhe dicesse,  
 Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,  
 O mouro bem compr'endia  
 Que mudas fallas fallava  
 O pranto que ella vertia :  
 Saudades erão da Patria,  
 Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,  
 Se ella pedia chorando ;  
 Se o mal por que ella passava,  
 Tambem 'stava elle passando ;  
 Se o bem, que lh'ella pedia,  
 Lhe estava dentro fallando ?

Mas quando os vi abraçados  
E aquelle amor entendi,  
Do effeito das minhas vozes  
Eu mesmo me arrependi,  
Cravei as unhas no peito,  
Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos  
De ouvir-lhes hum não revel,  
E que então a moça moira,  
E mais o mouro donzel  
Parassem no fundo inferno,  
Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero  
Que poder que o pranto tem,  
Quando no peito o sentimos,  
Quando de huns olhos nos vem,  
Que fôra morrer por elles  
Prazer e mui grande bem !

Pedido tam gracioso  
O mouro agreste rendeo ;  
De leixar o seo Mafoma  
Logo desly prometteo,  
Leixando a avença do demo,  
E os ritos do culto seo !

Já me não sinto enleiado  
Se o padre Adão manducou  
Aquelle fructo do Eden ;  
Foy Eva quem lh'o offertou,  
Eva, mulher e sozinha,  
A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,  
E tem a sua mulher,  
Ceder-lhe do seo proposto  
Por mero condescender !  
Se não he coisa do demo,  
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira !  
Que sem me fazer pedido,  
Entendi que por amores  
Não devia andar perdido,  
Quando por outro era amada.  
Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado  
Bem sabe que nada tem  
Nesta vida mal passada,  
Onde quitou todo o bem ;  
Ninguem que vele por elle,  
Sobre quem vele—ninguem !

Curar da may enfermada  
Bem pode o homem segral  
Ha sempre casta donzella,  
Que se dôa do seo mal :  
O frade só, despojado  
Vive do fôro humanal.

---

Vivêrão aquelles mouros  
Depois desta occasião,  
Muitos annos bem logrados,  
Em amor e devação ;  
Louvor ao sancto baptimo !  
Louvor ao nome christão !

Mas quando foy que nos veio  
Aquella peste primeira,  
Seta que o alvo attingia  
De bem talhada e certa,  
Chegou ao christão novato  
Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,  
Cheia de muita afflicção,  
Recolheo-se irmã noviça  
No convento d'Azeitão,  
Onde viveo muitos annos  
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento  
Dizem que a virão rezar,  
Em extasis jubilosas,  
Suspensa, erguida no ar ;  
Favor do esposo divino,  
Milagres do muito amar !

Ouvindo aquelles extremos,  
Commigo logo assentei  
Que eu fôra hum pastor perdido,  
Que nas sombras divaguei,  
Té qu'huma ovelha esgarrada,  
Mercê de Deos, encontrei !

E a moira que eu tanto amára,  
Desly se me figurou  
Candida lã d'ovelhinha,  
Que a sarça agreste cardou ;  
Ficou na sarça prendida,  
Ao vento se meneou.

E alguém que ally divagava,  
Felpas da lã recolheo,  
Bateo-as na fonte pura,  
E em branca tela as teceo ;  
Depois no altar consagrado  
Ao Senhor Deos off'recco.

A mão de Deos poderoso  
Bem claro se vê então,  
Quando o torpe ismaelita  
Faz-se devoto christão :  
Só elle hum bom diamante  
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,  
E a fraqueza em valor,  
E o calor em frescura,  
E a frescura em calor,  
E tudo assi por davante,  
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas !  
E aos homens de bom talante  
Na terra paz e ventura ;  
Paz e ventura constante,  
Senão na vida que passa,  
Na vida que sempre dura.

## SOLÃO

DO SENHOR REY DOM JOÃO

Ora pois direi hum feito  
Do senhor rey Dom João,  
Segundo que foy do nome,  
Primeiro na devação,  
Primeiro mais que o primeiro,  
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,  
Nem sempre velar convem;  
He mister algum descanso,  
Alguma folga tambem,  
Entre o labor já passado  
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos  
Algum remedio he mister:  
E se a nenhum conhecemos,  
Que mais nos ha de valer  
Que recordar o passado  
E contos delle fazer?

He assi que no mar alto  
O cançado mareante  
Luta em vão contra a tormenta  
E contra o vento inconstante;  
Negras vagas se encapellão,  
Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto  
Languidos olhos estende,  
Vê mar que ferve revolto  
E chuva que do céu pende:  
Como deixou seu alvergue,  
O triste não comprehende !

Sembrão-lhe então formidaveis  
Os p'rigos que elle affrontou:  
Figura risonhos quadros  
Dos gozos que já gozou,  
Do que na terra o convida,  
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado  
E mais do que vai passando,  
Medonho e máo parallelo  
Vai o mesquinho traçando;  
Dôr de espinhos penetrantes  
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados  
E já passada ventura,  
Quando o viver he tormento,  
Tormento que sempre dura,  
He certo desdita grande  
E muito grande amargura.

Mas vêde o que val a vida !  
He aquella aventurada,  
Se dizemos verdadeiros:  
Houve hum dia, huma hora, hum nada,  
Não do pezar combatida,  
Mas do prazer bafejada.

Semelha quem pola calma  
O dia inteiro vagou,  
Depois no marco da estrada  
Cangado e triste quedou ;  
Ally thesouro sem dono,  
Ventura sua, encontrou.

---

Era na saneta semana,  
Semana de devação !  
Com jejuns e penitencias  
Apresta-se o bom christão  
Pera os mysterios mais altos  
Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão  
N'aquelle passo sagrado  
D'aquelle homem divino,  
D'aquelle Deos humanado,  
Que por amor de seos filhos,  
Ingratos, foy maltratado !

Não foy por odio ou vingança,  
Mas por dinheiro trahido !  
Por hum homem refalsado,  
Por hum discip'lo querido ;  
Trahido por meio infame !...  
Hum falso beijo vendido !

F'oy mister, por mór tormento,  
Que morresse polos seus !  
Entregue por hum eleito  
Nas garras dos Fariseos,  
Homem morreo polos homens,  
Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada  
 C'roa d'espinhos tecida ;  
 Correrão dados infames  
 Em taboa vil, denegrída ;  
 Em haseta foy rematada  
 Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa  
 Quem mais do qu'elle soffreo ?  
 Quem mais comprido martyro,  
 Quem mais affronta e labéo ?  
 Tal foy, que o homem divino  
 O rosto ao calix torceo.

Tal foy, que o Deos humanado  
 Disse ao Deos, que era seu pay :  
 « Senhor Deos, s'inda he possivel,  
 Do vosso intento tornai ;  
 Este calix de amargura  
 Dos labios meos afastai ! »

Carpindo males alheios,  
 Quantos não vemos per hy,  
 Que nem siquer se recordão  
 De quanto soffreo por si,  
 Hum Deos na cruz affixado,  
 Mil dôres soffrendo ally !

Ante esta victima augusta  
 Da mais feroz crueldade,  
 Cala quanto o homem soffre,  
 Quanto soffre a humanidade ?  
 Tormento não foy como elle,  
 Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns incréos  
E refalsados atheos,  
Guardão n'as extasis todas  
E mais os transportes seos  
Pera Socrates que morre,  
Que não pola dôr de hum Deos!

E não vê a cega gente,  
Imiga de toda luz,  
Que longe que vai do Grego  
Ao Nazareno Jesus,  
E da masmorra ao calvario,  
E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte  
Não attendêrão tambem :  
Se emparelhamos idéas  
A's coizas que corpo tem,  
Entre elles vai mór distancia,  
Que vai da Grecia a Belem.

Morre o Grego, e não dá frutos,  
Morre Jezus por nos dar  
A ley do céo pera a terra ;  
Ley que só pôde lavar  
O sangue do bom cordeiro  
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,  
E huns homens apenas são ;  
Emquanto os algozes deste,  
Em que povo de eleição,  
Sumirão-se, como argueiro  
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,  
 Semana de devação,  
 Cómigo mesmo propunha  
 O senhor rey Dom João :  
 « Confessarei minhas culpas,  
 Que alem de rey, sou christão.

« Ao Senhor, pay de nós todos,  
 Meos erros confessarei;  
 Que me dê força indomavel  
 Pera guardar minha ley,  
 Pera punir os culpados ;  
 Que alem de christão, sou rey. »

Azinha chamando hum pagem  
 Lhe diz, e lhe ordena assi :  
 « Hide aos Padres Dominicos  
 (Melhor lhes quero que a mi),  
 Dir-lhes-heis que sou lá prestes,  
 Que vou commungar ally. »

Veio logo o mensageiro  
 Com a mensagem real ;  
 Recado qu'el-rey lhe dera,  
 Dá elle ao Provincial.  
 « He certo mercê mui grande,  
 Responde, — tenho-a por tal. »

Ao padre Thomaz da Costa  
 Chama n'huma Ave-Maria ;  
 Sabia o bom do Prelado  
 O muito qu'el-rey lhe qu'ria :  
 De tam lisongeiro acerto  
 Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado  
Dizia còm bem justeza ;  
« Prazer aos Reis cá da terra,  
Não he nenhuma vileza. »  
Praz a Deos que lhes prazamos,  
Pois vem delle a realeza. »

Apresta-se com trigança  
Tudo quanto era mister :  
Sabia o Padre Thomaz  
Encargos do seo dever ;  
« Vergar colossos, dizia,  
Quem tem posses de o poder ?

« Sob as mãos do jardineiro  
Torto arbusto lá se ageita ;  
Mas onde existe essa força  
Que hum rudo tronco sugeita,  
Se a força he balda no tronco,  
Se o tronco a força regeita ?

« Em bem do pastor sagrado,  
Que por mercê divinal  
Vive no ermo escondido,  
Como hum singelo zagal ;  
Cúra pastor de pastores,  
Não de pessoa real.

« He facil o seo encargo,  
Pejo, nem dôr lhe não traz ;  
Não he assi nos palacios,  
Onde só vejo disfraz :  
Vêm logo as rezões de estado,  
Inventos de Satanaz.

« Vêm logo as leys cá da terra  
 Contrapor-se ás leys dos céos :  
 Sêde christãos, reys senhores,  
 Ou então de todo incréos !  
 Leys dos homens não se cazão,  
 Não seguem ás leys de Deos.

« Não ligueis n'hum só consorcio  
 Terra feia e céu luzente :  
 Leys da terra a terra buscão,  
 Como a raiz da semente ;  
 Leys do céu os céos procurão,  
 Como flôr que o sol presente. »

---

Era aly na pedra raza  
 O senhor rey Dom João ;  
 Ante o velho sacerdote  
 Fazia a sua oração,  
 As mãos em cruz sobre o peito,  
 Gíolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,  
 Todalas tinha despido ;  
 Não tinha sedas, nem joias,  
 Mas peito d'aço batido :  
 Era qual homem vivente  
 Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso  
 Perante hum homem de pé ;  
 Perante hum Padre coitado,

Que nada tem, nada he :  
Licção profunda e subida  
Preceitos da nossa fé!

Portas a dentro do templo,  
Onde Deos eterno habita,  
Onde aquelle amor sem zelos  
Sómente os peitos agita,  
Nas differenças do mundo  
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma  
Polas festas saturnais,  
Folgavão, senhor e servo,  
Como se forão iguais ;  
Mas o que lá foy licença,  
Aqui são leys divinais :

Aqui são todos curvados,  
Todos — o servo, o senhor ;  
Aquelles que a vida fruem,  
E aquelles que só tem dôr ;  
Pobres, que almeirão a morte,  
Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,  
Que ally reunidos estão,  
Mas sim, porque a Deos importa  
Que não haja distincção  
Entre irmãos, no patrio abrigo,  
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece  
Da multidão apinhada,  
Qual lisongeiro perfume

Das flôres d'huma grinalda ;  
 Tem huma odor, outra espinhos,  
 Outras tem côr, outras nada.

---

Era aly na pedra raza  
 O senhor rey Dom João ;  
 Já disse as culpas que tinha,  
 Já fez a sua oração :  
 O Padre vai ministrar-lhe  
 A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio  
 Expressão nobre e subida ;  
 Maneiras cheias de brio  
 Em postura comedida,  
 Parece que vão mostrando  
 Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra quanto  
 Por vil e baixo se tem,  
 Merecendo honra tamanha,  
 Que a não merece ninguem ;  
 Dahy lhe vem ser humilde,  
 Nobreza daly lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,  
 Vai ser dado o sacramento ;  
 Principia el-rey — *confiteor*, —  
 Quando n'aquelle momento  
 Surge ao pé d'elle um guerreiro  
 De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,  
Só aço e ferro vestia,  
Polas grades da vizeira  
Raios de luz despedia :  
Medonho e fero aparato  
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,  
Homem de muito valor,  
Mas olhos lançou á espada  
A furto !... seja o que for,  
Não creio que homens d'aquelles  
Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte  
Assi começa o guerreiro :  
« Em nome do Senhor Deos,  
Meo Padre, aqui vos requeiro ;  
O senhor rey não commungue,  
Poisque não he justiceiro. »

A hostia das mãos do Padre  
Cahio do cálix no fundo ;  
El-rey carrega os sobr'olhos...  
Certo não era jocundo  
Affrontar de rosto a rosto  
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria  
De hum caso máo, miserando :  
De noite se ergueo a forca ;  
Mas quando o sol foy raiando,  
Não vio ninguem mais a forca,  
Nem mais ao duque Fernando !

Comtudo o bravo guerreiro  
 Sanhas do rey não quiz ver ;  
 Não ha que lhe ponha embargos,  
 Nem que lhe possa empecer :  
 « Senhor, sou Padre Tavares ! »  
 Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome  
 Quebrára a furia real) :  
 « Em bem, meo bravo guerreiro !  
 Mas esse trem de que val ?  
 Somos em terras d'Hespanha,  
 Ou somos em Portugal ? »

— « Senhor, não uzo brocados :  
 Vedes-me assi, e he razão,  
 Que havedes os meos haveres  
 Sem me deixardes, senão  
 Armas comidas no peito,  
 Armas gastadas na mão.

— « Fui ter ao vosso palacio,  
 Ninguem me não conheceo ;  
 Quantos ally são comvosco,  
 Eu vos direi, senhor meo :  
 Nunca os eu vi nos combates,  
 Nunca na guerra os vi eu !

— « Voltei d'ally, protestando  
 Jamais não voltar ally ;  
 Conheceis as minhas armas,  
 Se não conheceis a mi ;  
 Vesti-me a modo de guerra,  
 Vim ter comvosco, — eis-me aqui ?

— « As minhas alcaydarias  
De Portal'gre e Assumar,  
Senhor rey, vós m'as tirastes,  
O que se chama tirar ;  
Ficavão perto da raya,  
Máo azo de guerrear.

— « Das minhas alcaydarias  
Eu tinha as rendas reais ;  
As guerras já são passadas,  
Porque ora m'as não tornais ?  
Mal cabe em reys a cubiça,  
Senhor, se m'as cubiçais.

— « Nem porque o velho guerreiro  
Já nada vos presta e val,  
Vos deveis portar com elle,  
Qual dono pouco leal,  
Que o seo corsel de batalha  
Despreza no almargeal.

— « Assi que, Senhor, vos digo  
Que vos não peço mercê ;  
Aquillo que me he devido,  
Só peço que se me dê! — »  
Prouve ao rey aquelles ditos  
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo  
Ao seo leal lidador :  
« Nós vos faremos justiça,  
Assi como justo for ;  
Tendes a nossa palavra,  
Seja-vos ella penhor ! »

Alegre o Padre Thomaz  
 O seo mister rematou ;  
 Hostia tomadã do calix  
 Aos labios do rey chegou,  
 El-rey d'hum copo doirado  
 Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora  
 Qual nunca mais o verei,  
 Nem tam inteiros sujeitos,  
 Hum ao outro dando a ley :  
 No Paço o rey ao vassallo,  
 Na Igreja o vassallo ao rey !

---

### SOLÃO

DE GONÇALO HERMIGUEZ

Não ha mais d'aquelle tempo,  
 Em que era tudo lhaneza !  
 Acções e vida e costumes  
 Desta gente portugueza,  
 Por tal geito se trocarão,  
 Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,  
 Pois ha em tudo exeições ;  
 Mas trato da grande lépra  
 Que vejo hy nos corações :  
 Desprêso do amor da gloria  
 E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como  
Garboso Donzel se havia  
Por captar nobres extremos  
Da moça que requeria,  
Sempre grave, honesto e brando,  
Sempre uzando cortezia ?

Não trescalava pivetes,  
Fitas, nem laços comprava,  
Nem toda a manhã divina  
Seos enfeites concertava,  
Nem nos chapins se revia,  
Nem nos cabellos primava.

Não corria séca e meca  
Traz de mimosa donzella,  
Que nas ruas lobrigava ;  
E por ver mais perto a bella  
Não hia ao templo sagrado,  
Sómente por amor d'ella.

Nem as noites janeirinhas  
Mais compridas e mais frias,  
Levava mofino amante,  
Por baixo das gelozias,  
Desenfiando hum rosairo  
De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo  
Do moço em armas novel,  
Em que experto dedilhasse  
Na lyra do menestrel,  
No tempo em que, não domada,  
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,  
Por mais que fosse gentil,  
Ninguem n'ó vira a deshoras,  
Como homem de tenção vil,  
Como hum ladrão que de medo  
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,  
Nem ao silencio mercê,  
Nem do sol se arreceiava,  
Como homem que pouco vê,  
Nem da lua appellidada  
A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,  
Coberto de espectadores,  
Onde mais povo corria,  
Mais bellas e justadores,  
Na arena se apresentava  
Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma  
D'arautos e passavantes,  
Mantenedores do campo  
Reys d'armas e circumstantes,  
Feixes d'armas resplendentes,  
Ondas de plumas brilhantes ;

Entrava o novel guerreiro  
No cêrcó dos justadores !  
De alguma dona sizuda  
Na charpa trazia as côres ;  
Tinhão amores ás claras,  
Porque erão nobres amores.

Silencio! que sôa a trompa,  
A justa vai começar!  
Entre si ferem mil lutas  
Guerreiros a par e par:  
Da lança feita pedaços  
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;  
Que feios golpes se dão!  
Abolão-se capacetes,  
Talhão-se arnezes; e a mão  
Certeira ao travez da malha,  
Vai direita ao coração.

Là sôa de novo a trompa,  
Proclama-se o vencedor,  
Que aos pés da bella entre as bellas  
O seo trophéo vem depor:  
Ao mais valente a mais bella,  
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece  
De acordo co'a natureza,  
Que se compraz no consorcio  
Da força co'a gentileza;  
Mais alma com mais coragem  
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seus favos  
Em troncos alevantados;  
E eis a hera graciosa,  
Que em abraços apertados  
Não cinge mesquinho junco,  
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio  
 Que lhe descubro hum senão ;  
 Quem nos diz que o mais valente  
 Deva de ter mais razão,  
 Porque seja a sua dona  
 Como hum vaso d'eleição ?

Seria coiza de ver-se,  
 E coiza de mui folgar,  
 Ver um dragão de mulher,  
 Chamada a bella sem par,  
 Á pura força de espada,  
 Sem mais pôr, nem mais tirar !

He bella : e al não digais,  
 Sob pena d'hum fendente,  
 Que vem do céo, como hum raio,  
 Provar ao villão que mente,  
 Co'os dentes que tem na bocca,  
 Como hum perro maldizente !

Fosse o caso como fosse,  
 He certo que d'ahy vem  
 Ás nossas donas de agora,  
 Aquelle séstro que têm  
 De amarem a militança  
 Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bella,  
 Ao menos de o parecer ?  
 Emquanto muitas... Deos meo,  
 Eu me sei compadecer,  
 Soffro o mal que os outros paixão,  
 Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,  
Que aqui na terra não são,  
Senão porque as vós mandastes,  
Meo Deos, por occasião  
De tedio e nojo ao peccado,  
E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,  
Dirão no confessional,  
Jurando por Deos eterno  
E pola vida eternal,  
Que se fallão d'elle e d'ella,  
He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria  
O pasmo dessa donzella,  
Proclamada ao meio dia  
Fermosa como huma estrella,  
Sem que houvesse ahy no mundo  
Coiza melhor, nem mais bella !

Logo no fraco bestunto  
Julgára, sem mais razão,  
Que n'este mundo mesquinho  
He tudo engano e abusão.  
E té que a propria belleza  
He coiza de convenção !

Era assi que n'outras eras  
Garboso donzel se havia  
Por captar nobres extremos  
Da moça que requeria,  
Á ponta de fina espada  
E arrojos de valentia.

---

No tempo de Alphonso Henriques,  
Que foy nosso rey primeiro,  
Havia na sua côrte,  
Côrte de rey mui fragueirò,  
Hum tal Gonçalo Hermiguez,  
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,  
De mui boa nomeada :  
Fiava el-rey muito delle,  
E a rayna Mafalda  
Folgava de ouvir-lhe os cantos  
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço  
Não tinha nenhum rival  
Em compor trovas mimosas ;  
E no campo e no arrayal  
Não n'ò havia mais valente,  
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,  
Votára á gente infiel,  
Porque o pay lhe havião morto.  
Era elle ainda novel ;  
Vel-os porêm não podia,  
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes  
E entrar logo em sanha tal,  
Que era força ter mão d'elle,  
Ou saltava-lhe ao gorjal  
Pera torcer-lhe o gasnate,  
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,  
 Era outro conto ruim!  
 Cahia logo em desmaios,  
 Que era hum desmaio sem fim!  
 Dó era ver tal sujeito  
 Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado  
 Em perpetua correria  
 Polas terras do mourisco,  
 E muito mal lhes fazia:  
 Dava porêm mór realce  
 Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros  
 Em hum saráo folgazão,  
 Lembrou-se que perto vinha  
 A noite de Sam João,  
 Azado ensejo de aos Mouros  
 Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,  
 Aquella nobre nobreza  
 Por amor de seos amores  
 Commette tam grande empreza,  
 Qual a de hir terras de Mouros  
 Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,  
 Qual a fita dependura  
 No collo nunca domado,  
 Qual a pesada armadura  
 Inverga, e ahy se recolhe,  
 Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha  
Toma da sua tenção,  
Qual aos pés da sua dona  
Requer-lhe extremo condão,  
Extremo volver dos olhos,  
Extremo apertar da mão !

Qual desly toma algum nome  
Por grito de accommetter,  
Que nas lidas e pelejas  
Saberá fazer valer !  
Qual sente o nojo futuro,  
Em mal, que lá vai morrer !

Mas nunca será que o rosto  
Mostre o que n'alma lhe mora :  
Quem vio a morte passar-lhe  
De perto, já não descora  
Por hum presagio funesto,  
Sendo ella coiza d'huma hora.

---

Aquelles bons cavalleiros  
Azinha promptos estão ;  
Lá se partem de Coimbra,  
Montes além já lá vão !  
Ninguem vio mais escolhido  
Nem mais luzido esquadrao.

Entre elles por mais robusto  
Gonçalo Hermiguez campeia ;  
Diz seu porte sublimado,  
Que de nada se arreceia,  
Mas antes que a todos repta,  
De tanto que o collo alteia !

Caminho vão de Lisboa  
Com todo apercebimento !  
Não convem que se aprecatem  
D'aquelle accommettimento  
Mouros que vivem na regra  
Do seo alkorão nojento !

Sabeis a regra qual seja ?  
He viver dentro do harem,  
Dizendo mal do toicinho  
E mais do vinho tambem,  
Sem que lhe pêze este mundo,  
Sem que lhe pêze ninguem !

He vegetar entre flôres,  
He viver vida folgada,  
Aspirando incenso e odores  
Em molleza effeminada,  
Nem que fosse huma odalisca,  
Ou mulher alambicada.

---

Puzerão todos a mira  
Em Alcácere do Sal,  
Covil de feras humanas,  
Não de cordeiros curral ;  
Nó gordio do vil mourisco,  
O ferro o corta, não al !

Os que por terra a demandão  
Vão em procura d'Almada,  
Alcáçova dura e forte,  
Em rija pedra assentada,  
Como pedra preciosa  
Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba !  
 Ó Tejo, quanto me he grata  
 Essa placida corrente,  
 Quando a lua se retrata,  
 Chovendo chuva de raios,  
 No teo chão de lisa prata !

Que doce que he teo remanso,  
 Quando manso o vento gyra,  
 Que nas folhas rumoreja,  
 E como que ally suspira  
 Melíndres d'amor suave,  
 Que nem tangidos na lyra !

Que arroubos que infiltras n'alma,  
 Quando vai ao som das agoas  
 Navegando o passageiro ;  
 Já, se as tem, não sente as fragoas,  
 Que no peito a dôr derrama,  
 Como huma enchente de magoas !

Mas talvez dos cavos olhos  
 Polas faces a correr  
 Sinta o pranto represado  
 Pelo seo muito soffrer ;  
 Corra embora, qu'esse pranto  
 Dôr não he, senão prazer !

Que neste val' de amarguras,  
 Onde viemos penar  
 Por cada dia hum marteyro,  
 Por cada instante hum pezar,  
 He bem feliz quem só passa  
 Dôres que fazem chorar !

Não sei ledice o que seja,  
Nem o que seja prazer ;  
Nunca os senti n'esta vida,  
Nem n'os posso conhecer ;  
Que não sou dos bemfadados,  
E nunca o não hei de ser !

Mas o pranto extravasado  
Não he quem nos dá morrer,  
Nem quem o viço dos annos  
Faz seccar e emmurcheçar ;  
He antes aquelle pranto  
Que não sabemos verter.

---

Lá vão hindo Tejo acima,  
Olhos longos polo mar,  
Lá onde enxergão Lisboa  
Com fogueiras de espantar ;  
Fogo accendido na terra  
Sóbe em centelhas ao ar !

D'aquelles fogos accesos  
Em roda os velhos estão,  
E as donzellas feiticeiras  
Com sorriso folgozão,  
Cantando coytas de amores,  
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa  
Do Bautista milagroso,  
Té dos mouros da Mourama  
Havido por glorioso :  
Folgão nobres e senhores,  
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada  
 Não tardão, não têm vagar :  
 A noite assi do Bautista  
 Vai serena a escorregar,  
 Como areia da ampulheta,  
 Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume  
 Respirado d'uma frol,  
 Que não vemos, mas sentimos ;  
 Que sentimos no arrebol  
 Da manhã, que pola terra  
 Se espalha em antes do sol !

Vai assi como o rocío  
 De serena madrugada,  
 Rorejado gota a gota  
 De branca nuvem prenhada  
 Sobre o calice musgoso  
 De huma flôr avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,  
 Em quem de amores não cura,  
 Doce peçonha de amores :  
 Donzella de vida pura,  
 Quando ha temores de havel-o,  
 He qu'elle já não tem cura.

---

Do Alcácer as lindas filhas,  
 Já era nascida a aurora,  
 Pera ver huma corrida,  
 Sahirão portas a fóra,  
 E mais pera colher flôres,  
 Persuadidas da hora

Logo sahidas no prado  
Forão, qual sohem de ser  
Mansas agoas d'hum regato  
Em chão sem leito a correr,  
Cada qual por seu caminho,  
Cada qual a seu prazer !

Desly pulando e cantando  
Vão nas matas de alecrim,  
Colhem a rosa corada  
E a branca flôr do jasmim ;  
Brincão brinquedos contentes,  
Folgão folguedos sem fim !

Oh ! que festas ! que alegrias !  
Que arruido vai no prado !  
Que bem cantado rimance,  
Que soláo tão bem cantado ;  
Não têm as aves atito,  
Nem gorgueio mais brincado !

Oh ! que vozes melindrosas,  
Que accentos encantadores  
N'aquelle prazer d'uma hora !  
As moças vão colher flôres,  
E os moços que vão com ellas  
Vão lá por colher amores.

Eis nisto... estranho arruido !  
Rouca trompa abala o ar ;  
Logo assomão cavalleiros  
Com figuras de espantar :  
Allah nos valha, mofinas !  
Dizem moiras a chorar

Allah ! repetem n'os mouros,  
Vendo o pendão portuguez ;  
E do alfange recurvado  
Levão mão sem pavidez !  
Feios golpes se preparão,  
Outra folgança outra vez !

Retine o ferro no ferro,  
Talhão-se cotas e arnezes ;  
O fino alfange mourisco  
Abre o elmo aos portuguezes ;  
E a espada que bem degola,  
Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade !  
Lá vem mouros descanzados  
Em descanzados ginetes :  
Cavalleiros esforçados,  
Que por Christo Deos pelejão,  
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,  
Avante! brada, e não al :  
Brilha o valente nas lides,  
Que ally não acha rival,  
Aquelle cabo entre todos  
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente  
O seu pesado montante,  
Que Alcides com sua clava,  
E nem o Titan gigante,  
Serra a serra sobrepondo,  
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,  
Abre entre elles larga estrada ;  
Quem fica em prisão de guerra,  
Quem lá foge em debandada !  
Ficão moiras prisioneiras,  
Mulheres — gente coitada !

Gonçalo Hermiguez em tanto  
Vio que longe lhe fugia  
Linda moira desmaiada,  
Que hum moço mouro cingia,  
Dando d'esporas ao bruto,  
Que mais que o vento corria !

Vai sobre elles sem tardança :  
Comquanto de arremeção  
Matal-o tambem pudera ;  
Certo o fizera, senão  
Temesse que a moira bella  
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,  
D'hum golpe que despedio,  
Cerce o cortou pelo meio :  
Golpe assi nunca se vio !  
E a moira tomando em braços,  
Azinha daly fugio.

Passou terrivel com ella  
Por meio da gente fera ;  
Quem n'o vira tam sanhudo,  
Leão raivoso dissera,  
Passando a travez dos homens  
Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,  
Nova peleja maior !  
Muitos homens contra hum homem,  
Contra hum forte lutador ;  
Mas hum só que a todos vence  
Em força, esforço, e valor !

Mal podia a mão sinistra  
Vibrar a sangrenta espada,  
Co'o peso d'aquella moira  
Disputada e desmaiada,  
Cujo corpo em dois pendia,  
Como huma frecha quebrada.

Mas inda assi despedia  
Hum golpe e outro cruel :  
E de encontro a este, áquelle  
Mandava o seo bom corcel,  
Que a turba multa alastrava  
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,  
Acerta em aventurar  
Quem a empreza disputada  
Tem desejos de acabar :  
Só elle demóra em terra,  
Que os seos já são sobre o mar !

Torce as redeas ao ginete,  
Larga carreira arrepia,  
Larga estrada co'o montante  
Por entre os mouros se abria,  
Despedia muitos golpes,  
Muitos estragos fazia.

Chega á praia, os seus avista;  
Mas os mouros perto vêm !  
Como isto vio, torce o rosto,  
Medonho como ninguem ;  
Temem-se mouros de o verem ;  
Párão, como elle, tambem !

Vão assi feros monteiros  
Traz d'hum urso mal sangrado,  
Que de repente a carreira  
Revira, e vólta agastado ;  
Parão monteiros ao vel-o  
Raivoso e mal assombrado ;

E a fera, d'aquelle pasmo  
Sabendo, em seo bem, valer-se,  
Vai a passos descansados  
Em densa mata esconder-se,  
Sem temor da monteria,  
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros  
Salta dentro do baixel ;  
Na praia ficção pasmados  
Mouros, do feito novel,  
Tamanho, que nem sonhado  
Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos  
Desfraldão velas e panos,  
Deixando as praias tingidas  
Em sangue por muitos annos ;  
Quantos bastem, porque chorem  
Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros  
Disse o guerreiro feliz :  
« Das prezas, que nós fizemos,  
Quero tam só a que eu fiz,  
A moira que por seo nome  
Fatima em Turco se diz ! »

Então aquelle seo canto  
Principiou a compor :  
Cant'eu, por vergonha minha,  
Em bem que o saiba de cór ;  
Digo que sal lhe não acho,  
Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo  
Aos tempos accommodado,  
Que de outro cantar não acho  
Que fosse mais decantado,  
Nem Figueiral Figueiredo,  
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautizada  
Pertenceo ao lidador,  
Duas vezes conquistada  
Polo donzel, seo senhor,  
Primeiro á força de espada,  
Depois á força de amor.

---

Era assi n'aquelle tempo  
Coiza sabida e seguida,  
Remanso depois da gloria,  
Descanço depois da lida,  
E a fé que espera e milita  
Nos actos todos da vida !

Vêde vós quamanho he o lucro,  
Que lucra a moira pagã,  
Desposando o cavalleiro,  
Tornada e feita christã ;  
He vida e sangue de hum homem,  
Não de infieis barregã !

He como trophéo ganhado  
Em guerras de religião  
Por algum peito devoto,  
Que por sua devação  
Prometteo dependural-o  
Dentro de templo christão.

O canto aqui finalizo !  
Não devo d'hir por diante,  
Narrando casos da vida  
Per natureza inconstante,  
Trabalhos que sempre durão,  
Prazer que dura hum instante !

Foy o cabo dos amores  
A moça moira acabar  
E sobre hum covão aberto  
Hum homem posto a chorar,  
Hum homem de dó coberto,  
A carpir-se, a prantear !

---

## LENDA DE SAM GONÇALO

Agora de hum grande Sancto  
Embora lhe cabe a vez ;  
Bom Sancto foy Sam Gonçalo,  
Pezar que foy Portuguez,  
Que sanctos ditos que disse !  
Que sanctas obras que fez !

Bom tempo foy o d'outrora !  
Não lhe quero outra rezão :  
Criava a terra gigantes,  
Havia sanctos então,  
Havia paz e liança  
Nos reys do reyno christão.

He coisa de maravilha  
E de louvar o Senhor,  
Ver na terra homens d'aquelles  
De tanto esforço e valor,  
Como Gonçalo da Maya  
Ou Gyraldes sem pavor !

Mas destes tratar não quero,  
Que são mui perto de nós ;  
D'outros digo tam pujantes  
E de aspecto tam feroz,  
Que hum sancto martyr trincavão,  
Como quem trinca huma noz.

Quando a fé 'stava mais pura  
Melhor se mostrava Deos ;  
Rezão disto as Escrituras  
Escusa pois ditos meos :  
Começa do fim ditoso  
Dos sete irmãos Machabeos.

Nada conta o livro sancto  
Do rey que se houve assi,  
O corpo nos não descreve ;  
Mas eu tenho pera mi,  
Que devia ser taludo,  
Como huns cafres que já vi !

Que sete irmãos como aquelles,  
Cada qual como hum Sansão,  
Não he coisa que por brinco  
Se frite n'hum cangirão,  
Que se retalhe em fatias  
Delgadas, como de pão.

Mas Deos que lhes deparava  
Em sua alta providencia  
Tal fereza nos algozes,  
Dava-lhes tal paciencia,  
Que havião em pouco o trato,  
Havendo o trato em clemencia.

Hoje d'aquella virtude  
Só a licção nos ficou ;  
O tempo nos foy comendo  
O corpo, que assi leixou,  
E té no espirito roído  
De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes  
De ver em povo d'increos,  
Quem tema o fogo divino,  
Quem torne á caza de Deos,  
Quando o pasmoso cometa  
Alarga as azas nos céos.

Cegos ! se todos vós fosseis  
Criados na escuridade,  
Que farieis lobrigando  
Deste sol a claridade,  
Deste sol que sempre luze,  
E pera vos luz e embalde ?

Como insectos esmagados,  
Alastrando longe o chão,  
Tontos de pasmo e de medo  
Ficarieis vós então,  
Os olhos do corpo cegos,  
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — ¿ que farieis  
Vendo aquelle sol divino,  
Que cega os olhos do espirito,  
Como de corpo franzino,  
Se vendo este, qu'inda he terra,  
Ficades tontos, sem tino ?

Antes, Senhor, que me esqueça  
Quanto fizestes por mi,  
Lavai-me dos meos peccados,  
Que eu como galas vesti  
Levai-me desta amargura,  
Levai-me, Senhor, daqui !

Levai-me, si, que eu não veja,  
Mal de mi! com tanta dôr  
Vossos preceitos divinos,  
Vossa doutrina d'amor  
Trocada em usos de feros,  
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,  
Já vos não peço, senão  
Que eu veja da minha vida  
Extincto e cego o clarão,  
Antes que eu veja maldicta  
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças  
Prégarem ás cans nevadas,  
A correr de noite as ruas  
Com folias e toadas,  
Por ver azas de cometa  
Immensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,  
São veloces caminheiros,  
Que por ordem lá de cima,  
De más novas mensageiros,  
Vão batendo d'astrô em astro,  
Como divinos romeiros.

Se comtudo hum Portuguez  
Al dos cometas sentir,  
Se esta desgraça presente  
Nelles não vio reluzir,  
Dir-lhe-hei que elle não sente  
O dó de Alcácer-quivir

Dir-lhe-hei... mas nada digo !  
 Eu alquebrado ancião  
 Hei mister sancto descanso  
 Pera a minha devação :  
 Sei que ser Portuguez hoje  
 He crime d'alta treição.

Agora torno ao meu Sancto ;  
 A lenda aqui principia :  
 Dai-me, ó Sancto milagroso,  
 Ajuda em tenção tam pia.  
 Que um Sancto, mesmo por ende,  
 Deve de usar cortezia.

---

Frei Sam Gonçalo era Abbade  
 De Sam Payo na Abbadia ;  
 Era mancebo nos annos,  
 Mas como sancto vivia ;  
 Com toda a renda que tinha  
 Aos pobres seos acudia.

Era pingue o beneficio,  
 Bons benesses que elle tinha !  
 Bons portuguezes antigos,  
 Boa prata comezinha !  
 Já disso não vejo ha muito...  
 Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si ; que se o reyno  
 Era rico de pobreza,  
 Cavados tantos thesoiros  
 Em cada huma fortaleza,  
 Tanto arcaz de feição moura  
 Cheio de tanta riqueza ;

Porque então não vejo agora  
Senão grosseiros ceilis,  
E esses mesmos não tantos  
Que se midão por candis,  
Ou então pesos d'Hespanha,  
Só bem acceitos por vis ?

Mas he tal nossa mofina  
Que na minha sacristia,  
Sommados todos no cabo  
Os fruitos de cada dia,  
Não dão pera o oleo sancto,  
Que a mãy de Deos alumia !

He certo miseria grande  
E muito grande extranheza ;  
Que o povo leixe que os frades  
Corrão com toda a despeza,  
Elles coitados que vivem  
Em mais que parca estreiteza !

Mas Deos he o sancto dos sanctos,  
Elle nos ha de acudir ;  
Assi fôra eu Sam Gonçalo,  
Que logo faria vir  
Brocados d'altos récamos  
Pera a Senhora vestir.

E huns paramentos ricos,  
Como nunca os vio ninguem ;  
E lampada como aquella  
Que em Bemfica os Padres têm,  
Huns castiçais de pé alto,  
Humas galhetas tambem.

Mas do Sancto Sam Gonçalo  
Era outra a devação ;  
Todolo próe dava aos pobres  
Com tam largo coração,  
Que não tomava um adarme  
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra  
Dos seos pobres dispenseiro,  
Tudo com elles gastava,  
Que não sómente dinheiro ;  
Fiava que Deos iria  
Compondo o seo mealheiro.

Trazia guerra travada  
Co'o Demo, que o não deixava,  
Os acicates da carne  
Com jejuns os despontava ;  
E tinha tam sancta vida,  
Que Deos o communicava.

Isto não he coiza nova,  
Antes coiza mui provada,  
Que Deos não quer ser vencido  
Em cortezia extremada ;  
Seja a prova aquelles Monges  
Do deserto da Thebaida ;

Que se forão commettidos  
Do inimigo malino,  
Vestido em pel' d'alimaria,  
Como de um urso ferino  
Tambem do céo, como orvalho,  
Lhes vinha o favor divino.

Mas se hum incréo me pergunta  
 Porque hoje disse não ha :  
 Pergunto ; — porque o deserto  
 Flôres, nem fructos não dá?  
 Porque não corre a corrente,  
 Se a fonte exaurida está ?

O céo he sempre benino,  
 Agua não leixa de haver ;  
 Se a terra pois não produce,  
 Se a fonte não quer correr,  
 He terra, he fonte damnada ;  
 Penso que al não póde ser.

Ora huma noite que o Sancto  
 Rezava as suas matinas,  
 Ouvio huns doces acordes  
 Como das harpas divinas,  
 Que os anjos tangem cantando  
 Louvor ás pessoas trinas.

D'aquelle mar d'harmonia  
 Voz que não era daqui,  
 Despega-se, e diz ao Sancto :  
 — Gonçalo, que fazes hy?  
 « Ora, Senhor, lhe responde,  
 « Por todos e mais por mi ! »

« He muito, a voz lhe tornava,  
 He muito, mas tudo não ;  
 Faze-te prestes romeyro,  
 Toma a vieira, o bordão,  
 Esmola polas estradas,  
 Caminho recto a Sião.

« Pascem no monte Oliveto  
 As cabras do Galaath ;  
 Retumba no templo augusto  
 A voz medonha de — Allah ; —  
 Ferve aly muita aravia,  
 Muito homizio vai lá.

« Se entre os mãos hum bom existe,  
 Poupa Deos a quantos são ;  
 Porém carreira arrepia :  
 Caminho vai de Sião,  
 Na boca o nome divino,  
 Minguada esmola na mão. »

O bom sancto alvoroçado  
 Apresta-se com trigança :  
 Cumpre divino preceito,  
 Só nelle tem confiança,  
 Que vagar por longes terras  
 Prazer não he, mas provança.

He nada o trem d'hum romeyro ;  
 O Sancto se apresta azinha,  
 Chama hum parente lidimo,  
 Portas a dentro o mantinha ;  
 E entrega-lhe o seu rebanho  
 Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,  
 E os mais benesses tambem,  
 Tudo com termos polidos,  
 Ou só de hum sancto, ou de quem  
 Só quer da vida o marteyro  
 E os premios que Deos lá tem.

E mui leal lhe encomenda  
Seos pobres por derradeiro :  
Ora lá vai caminhando  
Aquelle sancto romeyro,  
Pedindo a Deos em sua alma  
Que lhe depare o marteyro !

Que acção que trescala a graça !  
Que façanha peregrina !  
Deixar o esposo prelado  
A sua esposa divina,  
E andar caminho da vida,  
Vivendo vida mofina !

Áquelles pobres, seos filhos,  
Em vida seos bem legou !  
Que mais fez aquelle Padre,  
Que o livro sancto louvou,  
Que ao filho dá bondadoso  
De quanto, em bem, lhe ficou ?

Quem ha hy que hoje se arrisque  
A perfazer tal empreza ?  
Aquelle ardor atrevido,  
Aquelle sancta affoiteza  
Foy timbre d'homens antigos,  
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce  
Franzino e fraco, inda mal !  
Sem forças pera a virtude ;  
Só com valor infernal,  
Pera as torpezas do crime  
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o peccado  
Usa de tanto disfraz,  
Que só por artes malinas  
E manhas de Satanaz,  
Póde o homem fazer tanto,  
Come hoje em dia se faz !

Já vi em casa de hum rico  
Tal meza com tal guizado,  
Com cheiro tam penetrante  
E adubo tam concertado...  
Eu creio que só da vista  
Ficava o jejum quebrado.

E vi tambem humas camas...  
Dellas não quero tratar :  
Cahi na conta que o Demo  
Foy só quem n'as pôde armar ;  
Senti vertigens de somno,  
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino  
Clamando por Deos Jezus,  
Na boca o sancto exorcismo,  
Na fronte o signal da cruz,  
Braços cruzados no peito,  
Fronte mettida em capuz.

Então acabei commigo  
De crer no que disse Deos  
Ao bando dos seus discip'los  
E á turba dos phariseos.  
Não ser azado que hum rico  
Possua o reyno dos céos.

E entrando na minha cella,  
Vista a penuria que eu vi,  
Clamei que Deos fôra grande  
E muito bom pera mi;  
Qu'esta pobreza em que vivo,  
Certo, lh'a não mereci.

---

Partira pois Sam Gonçalo,  
Partira, mas não sem dôr :  
No seo amado rebanho  
Leixando, em vez de pastor,  
Aquelle falso parente,  
Que foy hum lobo tedor.

Olhos outrora do falso  
Baixados humildemente ;  
Ditos e fallas de sancto,  
Meneyo e gesto consente,  
Fizerão-no ter por sancto :  
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,  
Sem que se descubra alfim ;  
Logo de posse do bôlo  
Mostrou-se o villão ruim ;  
Mostrou-se, qual sempre fôra,  
Padre não já, mas chatim.

Intruso que não rezava  
Nem siquer seu breviario ;  
Gastava dos bens dos pobres  
Com boa sombra e doairo,  
Pera si com mãos de rico,  
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,  
Em caça de altaneria,  
Em ter matilha adextrada  
E bem provida ucharia,  
Em ter vestidos mui finos  
Barrados de pedraria.

Trem real como elle tinha,  
Por certo não vio ninguem :  
Cavallos de boa raça,  
Falcões, açores tambem,  
Criados e meza larga,  
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sahia a passeio  
Todo garboso e luzido,  
Ninguem diria ser Padre.  
Senão duque esclarecido,  
Ou senhor d'altos estados,  
Ou infanção destemido.

Que o seu ginete mandava  
Com tal arte e bizzarria,  
Que ao passar no povoado  
Donas de muita valia,  
Lindos olhos concertavão  
Nas grades da gelozia.

E muitas vezes passando  
Junto á mourisca seteira,  
Morrer aos pés do gínete  
Vinha a seta mui certa,  
Com letra e primor de amores,  
De amores máos mensageira.

Assi vivia este abbade,  
Em tanto que o verdadeiro,  
Sem lar, sem tecto, sem meza,  
Como pobre forasteiro,  
Vagava por longes terras,  
Vivendo como hum romeyro.

---

Muitos annos são passados,  
(Diz catorze a tradição)  
Quando o divino romeyro,  
Feita a sua devação,  
Torna do bento sepulchro,  
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabelleira,  
Como prata, reluzia ;  
Rosto de rugas cortado,  
Barba que ao peito descia .  
Homem de carne não era,  
Senão pura notomia.

Dos annos e da molestia  
O corpo todo alquebrado,  
Nos trajes pouco luzido,  
Ou roto ou mal concertado ;  
Á porta do novo abbade  
Batia o velho prelado.

Ergueo em voz já sumida  
Hum triste e piedoso brado,  
Pedindo magra pitança  
Com modesto gazalhado,  
Que vem o pobre romeyro  
Morto de fome e cançado.

Áquelle pio reclamo  
 Acode medonho cão,  
 A cauda enrosca, e d'hum salto  
 Investe ao sancto ancião ;  
 Rompe-lhe os rotos andrajos,  
 E arranca-lhe o seo bordão.

Acode o dono soberbo  
 Dizendo : Vai-te, mendigo !  
 « Senhor, retrucava o Sancto,  
 « Primeiro ouvide o que digo :  
 « Morro de fome e cansaço,  
 « Não tenho lar, nem abrigo ! »

— Não me praz ouvir-te agora,  
 Tornava o abbade indino,  
 Mais que depressa esquecido  
 Que a opa do peregrino  
 Ou que a murça do romeyro  
 Esconde hum ente divino.

— Sei, dizia, que na capa  
 De piedoso romeyro,  
 Vem gente de feio trato  
 E muito vil calaceiro :  
 Bem he de crer, como eu creio,  
 Que és delles — por derradeiro.

— Desse teo rosto medonho,  
 Que boas novas não traz,  
 Digo que o vi nos milhanos  
 Das serras de Monsarraz ;  
 És predador das estradas :  
 Juro por Sam Satanaz ! —

Ouvido que foy tal nome,  
Como de sancto christão,  
Ao sancto abbade romeyro  
Cahio-lhe o rosto no chão !  
Dôr que lh'entrára no peito,  
Ficou-lhe no coração.

Que se elle era assi tratado,  
Elle, vigairo e senhor,  
Que não seria dos pobres,  
Que em vez de terem pastor  
Tinhão por guarda e vigia  
Faminto lobo tredor

O sancto ficou penado  
E cheio da contricção,  
Que ao seu parente talvez  
Foy meio de perdição,  
E ao seu rebanho de mágoa  
E a si de muita afflicção.

Alfim tornado do espanto,  
Disse severo de si,  
Com voz e tom d'agastado :  
« Gonçalo sou, eis-me aqui !  
« Venho ora tomar-vos contas  
« Do que fizestes por mi ! »

As frias mãos escarnadas  
No seo bordão ajuntou :  
Espera resposta d'elle,  
Rosto nas mãos inclinou :  
Prosegue ; fundo suspiro  
Do peito o velho arrancou :

« Certo que as vossas palavras  
 « Mal dizem com o que dissestes,  
 « Quando de vós me apartei ;  
 « Co' o que vós me promettestes,  
 « Co' as licções que vos eu dei,  
 « Com a fé que me vós déstes !

« Dissestes : na tua ausencia,  
 « (Disseste-lo em hora má)  
 « Qualquer das tuas ovelhas  
 « Em mi abrigo achará ;  
 « Qualquer dos pobres que leixas  
 « Aqui mantido será.

« Ora eis-me aqui !... e a mim proprio  
 « Negas hum pouco de pão,  
 « Que só he de ser negado  
 « Ou a precito ou a cão ;  
 « Negas-me té gazalhado,  
 « E o fogo do meu fogão !

« Levar daqui ! sou Gonçalo ;  
 « Dá-me pois o meo logar,  
 « Dá-me as ovelhas coitadas,  
 « Que eu não devêra leixar,  
 « Dá-me... » — Ai ! não pôde o Sancto,  
 Não pôde, não, rematar !

Sobre a fronte, calva e núa  
 Vio descer grave pancada ;  
 À testa de romania  
 Ficou em sangue lavada ;  
 Aquelle sangue bemdito  
 Regou a terra damnada.

Certo que os anjos no inferno  
Sentirão muito prazer.  
Vendo aquelle máo prelado  
Acção tam vil commetter,  
E Sancto tal affrontado,  
Sem Deos lhe poder valer.

Mas o Sancto milagroso  
Que pôde tornar do pão,  
Já não digo azyma feia,  
Senão massa de carvão,  
Triste, negro e inficionado,  
Que nem era pera cão ;

Que moveo rochedo enorme  
Junto á ponte d'Amarante,  
Chegando-lhe hum dedo apenas,  
Como se fôra gigante ;  
Rocha que esforços baldára  
De muita gente possante :

Que fez elle ?... oh ! nada fez !  
Disse : « Deos o quer assi ;  
Sou eu creatura sua,  
Bem he que elle mande em mi ;  
Não seja feito o que eu quero,  
Mas o seu talante — si.

« É vossa a força que eu tenho,  
Disse elle : em uso a não puz,  
Que tambem sobre o calvario,  
Vós, Senhor meo, bom Jezus,  
Nem o calvario afundastes,  
Nem sovertestes a cruz.

« Porque se eu, filho do barro  
 Ser mesquinho, ou verme, ou nada  
 Tenho em mi força divina  
 He pera ser empregada  
 No que he mister, porque seja  
 A gloria vossa exaltada. »

Assi discorria o Sancto  
 No seu profundo juizo ;  
 Ora descança no meio  
 Das glorias do paraizo :  
 Louvor a Deos ! — e com isto  
 A lenda aqui finalizo.

---

Conto as coizas como forão,  
 Não como devião ser ;  
 Hum Sancto, mesmo porende  
 Merece menos soffrer :  
 Julgo assi ; digão-n'os sabios  
 Qual he o seo parecer.

Cant'eu — sabença da terra  
 Tenho por coiza ruim,  
 Que serve só pera gloria,  
 Que he só vangloria ; e assi  
 Que como he coiza de orgulho.  
 No fundo inferno tem fim !

O homem que fôr prudente  
 Só pelos frades se reja ;  
 Creia no Papa e nas Bullas,

E na sancta Madre Igreja :  
O mais he coiza de fumo,  
Não sei de que valor seja.

Que reze o sancto rozaio,  
Dou de conselho tambem ;  
Que assi viverá na gloria,  
E vive-se lá mui bem,  
Cantando hosannas eternos  
Por tempos sem fim : *amen.*

# NOTAS

## POESIAS AMERICANAS

---

### CAXIAS

Esta poesia é uma reprodução da que o auctor inserio na primeira edição com o titulo de *O morro do Alecrim*, do nome de João da Costa Alecrim que alli pelejou pela independencia nacional. Chamava-se então Morro da Taboca.

A poesia *O morro do Alecrim* é a seguinte :

Que monte além se eleva negrejante !  
Na areia a base enterra, e o dorso ingente  
De rija pedra mosqueado amostra ;  
Esteril como elle é, dizer parece  
Que a ira do Senhor ardendo em raios  
A seve d'hartos troncos — de mil annos  
Apagou, consumio n'um breve instante.

Mas não ; a rubra côr que ahi se enxerga  
É sangue que correu ;

Cada pedra que hijaz encerra a historia  
D'um bravo que morreu.

E raios mil de guerra em morte envoltos  
Já lá do cimo agreste da montanha  
Sibilando e gemendo á funda base  
Baixarão susurrando.

É do povo o Sinai, que o nobre sangue  
Independente e forte — em lide accessa  
Na arena derramou ;  
E o filho ainda lá vai cheio de orgulho,  
Do pai beijando o sangue em largos traços  
Que a pedra conservou.

---

#### O CANTO DO GUERREIRO

Quem vibra o tacápe...

*Tacápe*, — arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etymologia desta palavra indica que os Indios o endurecião ao fogo, como costumavão fazer aos seus arcos : *Tatá-pe* quer dizer « no fogo. »

Co'os sons do Boré

*Boré*, — instrumento musico de guerra ; dá apenas algumas notas, porém mais asperas, e talvez mais fortes que as da trompa.

E o Piága se ruge  
No seu Maracá...

*Piagé*, *Piache*, *Piaye* ou *Piága* (que mais se conforma á nossa pronuncia) era ao mesmo tempo o sacerdote e o me-

dico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e d'outras partes da America.

Os Piágas erão anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciado, ainda mais rigido do que a sua vida, erão os dominadores dos chefes — a baliza formidavel que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia daquelles homens e a tão desejada revelação dos espiritos.

Hans Staden escreve *Paygi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Laet na sua « Descripção das Indias occidentaes. » Lery e Damião de Góes escrevem *Pagé*; e é assim que ainda hoje se diz no Pará.

*Maracá* — entre os Indios, o instrumento sagrado, como o Psalterio entre os Hebreus, ou o Orgão entre os Christãos; era uma cabaça crivada, cheia de pedras ou buzios, e atravessada por um hastil ornado de pennas multi-côres, que lhe servia de cabo. O antigo viajante Roloux Baro, testemunha da veneração que os Indios lhe tributavão, chamava-o *Le diable porté dans une calebasse* « o diabo dentro d'uma cabaça. » — A esta palavra vão alguns modernos buscar a etymologia da palavra « America. »

---

### O CANTO DO PIÁGA

Anhangá me vedava sonhar...

*Anhangá* — genio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*.

Manitôs ! que prodigios que vi !

*Manitós* — uns como penates que os Indios da America do norte veneravão. O seu desaparecimento augurava grandes calamidades ás tribus de que elles houvessem desertado.

..... O sacro instrumento

O Maracá.

O desgraça ! ó ruina ! ó Tupá

*Tupá* ou *Tupan* — Deus, o ente immenso, incomprehensivel e todo poderoso — o genio do bem, como Anhangá o do mal. É o Orosmane e Arimane dos Persas.

---

TABIRA

Tobajaras — o povo senhor.

Ces Tobañares qui réclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée*. — Ferdinand Denis.

« Tobajaras são os indios principaes do Brazil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomárão, o mostra ; porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto ; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que elles têm pela fronteira do maritimo em comparação do sertão. » — Padre SIMAM DE VASCONCELLOS, Noticias do Brazil. L. 1, n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a orthographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etymologia, « Taba e Iara ou Yara. » *Tabajaras* é litteralmente como se dissessemos : os senhores ou dominadores das Aldeias.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppôr que elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções da agricultura, deverião de preferencia escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os incolas primitivos do paiz. É isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominárão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomárão de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

#### Potiguares lá vêm denodados

Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoares. D'elles escreve o Padre Vasconcellos :

« Em segundo logar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos movêrão contra os Tobajaras : nas quaes tiverão encontros dignos de historia ; porém não me posso deter em cantal-os... punhão em campo vinte até trinta mil arcos. » — Not. do Brazil. L. 1, n. 157.

---

#### O GIGANTE DE PEDRA.

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza : este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de « frade de pedra, » que agora se chama « o gigante de pedra. » — Áquelle objecto se fez esta poesia.

---

. . . extincta a antiga crença  
Dos Tamoyos, dos Pagés.

*Tamoyos* são os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* são os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brazil — os mesmos a que nos « Primeiros Cantos » dei o nome de piagas.

---

#### Aos sons do murmuré.

*Murémuré* escreve o padre Vasconcellos nas suas « Noticias Curiosas » : collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

---

#### Em Guanabara esplendida

*Guanabara* — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indifferentemente Genabara ou Ganabara. Lery diz na sua obra « *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* » — *en ceste rivière de Ganabara*. Southey (*History of Brasil*) acrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas : *Ad flumen Genabara in Brasilia, etc.*

---

#### O guáu cadente e vário.

*Guáu* — dança. « São mui dados a saltar e dansar de diferentes modos, a que chamão *guáu* em geral. » VASCONCELLOS. Noticias curiosas L. 1. — n. 143.

---

## E das ygaras concavas.

*Ygaras* — erão canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

---

## Os cantos da janubia.

*Janubia*. — Lery escreve diversamente : *des cornets, qu'ils nomment inubia, de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'en bas larges d'environ un demi-pied comme un hautbois*. — *Obra cit.*, pag. 202.

---

## LEITO DE FOLHAS VERDES.

## A arasoya na cinta me apertarão.

*Arasoya* era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *asoyave* a uns mantos inteiros : não sei de que mantos quer o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux, pag. 108) dá o mesmo nome a uma especie de cocar preso ao pescoço, e passando além da cabeça, comquanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenanby*. Quanto á arasoya, eis o que se lê na obra já citada deste author (pag. 103) : *Pour la fin de leurs équipages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'austruches, de couleurs grises, accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'esparpille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye : le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez, etc.*

---

## Y-JUCA-PYRAMA.

O titulo desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos « o que ha de ser morto, e que é digno de ser morto. »

---

## No meio das tabas.

*Taba* — aldeia de indios, composta de diferentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

---

## São todos Tymbiras.

*Tymbiras* — tapuyas, que habitão o interior da provincia do Maranhão.

---

## As armas quebrando.

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupa da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

Assola-se o tecto.

A descripção das ceremonias, com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exacta, ainda que não adoptamos dos authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden, cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. — Noticia do Brazil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 138 e Lery cap. XV.

Entesa-se a corda da embira.

Chamava-se mussurana a corda com que se atava o prisioneiro. — « *Et une longe corde nommée massarana, avec laquelle ils les attachent (les captifs) quand ils doivent être assomés.* » (H. Staden, pag. 300.) Musarana escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita da algodão. É possível que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convem notar que na maior parte dellas era uso fabricarem-se cordas de embira.

Adorna-se a maça com pennas gentis.

A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinaria, e tinha mais a differença dos ornatos que selhe juntavão, e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho — embagadura, como o chamavão — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de côres differentes, sendo a folha ornada de mosaicos. — « Pintão (diz H. Staden, pag. 301) a maça do sacrificio, a que chamão *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro : passão-lhe por cima

uma materia viscosa, e tomando depois as cascas dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa* de côr parda escura, reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a maça. Preparada a *iverapeme*, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e cantão em redor della toda a noite. — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de páo-ferro e com mosaicos de differentes côres. Vasconcellos dá-lhe o nome de *Tangapema*, que é o termo do dictionario brazilião.

---

Brilhante enduápe no corpo lhe cingem.

*Enduápe*— fraldão de pennas de que se servião os guerreiros : damos a denominação de *arasoya* a aquelles de que usavão as mulheres : « *Ils font avec des plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde qu'ils attachent au bas du dos. quand ils vont à quelque grande fête : ils le nomment enduap.* » *H.-Staden*, Pag. 270. Vasconcellos trata do *enduápe* sem he dar nome algum especial : « Pela cintura apertão uma larga zona : desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo tragico, e de tão grande roda como é a de um ordinario chapéo de sol. » *Noticias Curiosas* L. 1 n. 129.

---

Sombreira-lhe a fronte gentil kanitar.

*Kanitar* — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. — « *Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment kanittare.* » (*H. Staden*). — Usão de umas corôas a que chamão *acanggetar* (*Laet*). — Os primeiros portuguezes escreverão *acangatar*, que litteralmente quer dizer « enfeitado ou ornado da cabeça. »

## MARABÁ.

Encontramos na « Chronica da Companhia » um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

« Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão « maraba » que quer dizer de mistura (aborrecivel entre esta gente). » VASCONCELLOS, Ch. da Comp., L. 3 n. 27.

---

Formoso como um beija-flôr.

Os indigenas chamavão ao beija-flôr « Coracy-aba » — « raios, » ou mais litteralmente « cabellos do sol. »

---

## A MÃE D'AGUA.

A mãe d'agua é uma náíade moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brazil que é uma mulher formosa com longos cabellos de ouro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmonosa que ninguem, que a escute, resiste a tentação de se atirar ás aguas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de fórmãs perfectas, e dellas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

---

## SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

---

Estes cantos forão extrahidos de alguns dos Historiadores portuguezes. O da Princeza Sancta — da Historia de S. Domingos por Fr. Luiz de Sousa ; o de D. João — dos Elogios latinos do Padre Antonio de Vasconcellos ; o de Gonçalo Hermiguez — da Chronica de Cister ; o de Gulnare e Mustaphá é todo phantasiado, ainda que tenha por base um factó historico ; — os escravos mouros trazidos d' Africa por Affonso V de mimo á Princeza D. Joanna, que mandou passar carta da alforria a quantos se quizerão baptizar.

Quanto aos vocabulos que emprégo, achão-se todos no Diccionario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. É assim que uso de « porém, porende » em vez de « por isso ; » de « perol » em vez de « porém. » « de ora, embora » em vez de « agora, em boa hora, » etc.

---

LÔA DA PRINCEZA SANCTA.

E ante os leões de Castella  
Dobrada a Luza cerviz !

Figuro terem sido compostos estes cantos na primeira metade do seculo XVII : por isso alludo frequentemente ao dominio dos Felippes em Portugal.

Escusado é dizer que deveria ter sido Frei Antão dos mais teimosos macrobios que nunca existirão, para ser ainda em vida por aquelle tempo. Não se sabe de quando foi da sua morte; mas d'elle diz Frei Luiz de Sousa, que em 1490 já era muito velho, e tinha administrado grandes cargos na ordem de S. Domingos, a que pertenceu

---

GULNARE E MUSTAPHÁ,

Diz a Princeza D. Joanna :

Qu'eu tenha escravos e mouros,  
Rainha de Portugal.

A Chronica de Cister tambem diz, fallando da Princeza D. Thereza, filha de Sancho I :

« Vivendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome. »

« Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavão as filhas dos reys. » — H. de S. D. — L. I. c. II.

---

SOLÃO DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Então aquelle seo canto  
Principiou a compôr.

É este o soláo de Gonçalo Hermiguez; julguem os entendedores da critica de Fr. Antão.

---

## LENDA DE S. GONÇALO.

Bom sancto foy Sam Gonçalo  
 Pezar que foi portuguez !

Não escrevo satyras : quer isto dizer que foi tão grande sancto S. Gonçalo, que, apezar da sua nacionalidade, mesmo os seus, comquanto desprezem tudo que lhes pertence, o apregão e celebração. É frase de todas as suas chronicas, ou antes imitação d'aquelle muito celebrado conceito de um dos seus classicos :

— « por natureza  
 E constellação do clima,  
 Esta gente portugueza  
 O nada estrangeiro estima,  
 O muito dos seus despreza. »

---

Bons portuguezes antigos.

*Portuguez* — moeda antiga de Portugal, do valor, creio eu, de quinhentos réis.

FIM DO 2º E ULTIMO TOMO.